



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Julia Vieira Tulher

Herland: o corpo feminino idealizado por Charlotte Perkins Gilman

Rio de Janeiro

2023

Julia Vieira Tulher

Herland: o corpo feminino idealizado por Charlotte Perkins Gilman



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dra. Adriana de Souza Jordão Gonçalves

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

G487

Tulher, Julia Vieira.

Herland: o corpo feminino idealizado por Charlotte Perkins Gilman /
Julia Vieira Tulher. – 2023.

94 f.: il.

Orientadora: Adriana de Souza Jordão Gonçalves.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Gilman, Charlotte Perkins, 1860-1935 – Crítica e interpretação –
Teses. 2. Gilman, Charlotte Perkins, 1860-1935. Herland – Teses. 3. Corpo
humano na literatura – Teses. 4. Mulheres na literatura – Teses. 5.
Feminismo na literatura – Teses. 6. Maternidade – Teses. 7. Reprodução
humana – Teses. I. Gonçalves, Adriana de Souza Jordão. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 820(73)-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
Dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Julia Vieira Tulher

Herland: o corpo feminino idealizado por Charlotte Perkins Gilman

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 31 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Adriana de Souza Jordão Gonçalves (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Fernanda Teixeira de Medeiros
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Anderson Soares Gomes
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres cujos corpos refletem suas lutas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família que tanto se interessou e se preocupou com minha pesquisa. Aqui, deixo um agradecimento especial a minha mãe, minha avó Nilda e minha falecida avó Maria, as mulheres mais importantes da minha vida, a quem também dedico este trabalho. Se hoje sou quem sou, devo a elas, as três mulheres que me criaram.

Agradeço ao meu noivo que tanto me apoiou e acreditou no meu potencial durante os dois anos de mestrado. Sem seu suporte e paciência, essa pesquisa não seria possível. Obrigada por não me deixar desistir, por me dar o colo para chorar e por ler minha pesquisa centenas de vezes.

Agradeço aos meus amigos por toda a paciência e compreensão durante meu mestrado. Agradeço por entenderem todas as vezes que me ausentei pela minha pesquisa.

Por fim, agradeço a minha querida orientadora Adriana Jordão, sem você nenhuma de minhas ideias desconexas fariam sentido. Obrigada pelos conselhos, pelas correções, pela compreensão em momentos difíceis e por ser o meu norte nesta pesquisa.

She walketh veiled and sleeping,
For she knoweth not her power;
She obeyeth but the pleading
Of her heart, and the high leading
Of her soul, unto this hour.
Slow advancing, halting, creeping,
Comes the Woman to the hour!—
She walketh veiled and sleeping,
For she knoweth not her power.

Charlotte Perkins Gilman

RESUMO

TULHER, Julia Vieira. *Herland*: o corpo feminino idealizado por Charlotte Perkins Gilman. 2023. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esse trabalho pretende analisar *Herland*, romance utópico publicado pela escritora estadunidense Charlotte Perkins Gilman em 1915, sob a ótica do corpo feminino. O lugar do corpo é um dos temas centrais em diversas obras da autora, sendo elas ficcionais ou não, logo, sua representação no romance aqui analisado, surge em diversas instâncias. Gilman propõe, na narrativa, personagens femininas alheias às expectativas construídas pela sociedade patriarcal do ocidente no que tange à sua performance de feminilidade. Seus corpos diferem dos das mulheres estadunidenses do início do século XX no que tange ao porte físico, à racionalidade e ao seu lugar na esfera pública. Logo, propomos como objetivo principal desse trabalho uma análise da constituição do corpo das nativas da Terra das Mulheres, comparando-as com os padrões de gênero socialmente impostos na sociedade patriarcal do período. Para tal, iniciaremos a pesquisa, traçando uma biografia da autora, explorando, especialmente, sua relação com o seu próprio corpo, seu lugar no movimento feminista e, por fim, comparando outras de suas publicações com *Herland*, uma vez que suas obras representam a mulher de maneiras distintas. Após, interpretaremos as maneiras pelas quais a autora representa os conceitos de corpo, gênero e sexualidade femininos. Para isso, faremos uma breve historiografia do feminino a fim de entendermos de que forma seu corpo passou a ser negligenciado. Por fim, sabendo que a maternidade e o corpo feminino caminham lado a lado, e sendo aquele tópico um dos temas centrais da obra aqui analisada, observaremos as maneiras pelas quais Gilman utiliza a maternidade e a reprodução na utopia a fim de fornecer o controle de seus próprios corpos às mulheres.

Palavras-chave: *Herland*. Charlotte Perkins Gilman. Corpo. Feminismo. Sexualidade. Maternidade. Reprodução. Gênero.

ABSTRACT

TULHER, Julia Vieira. *Herland*: the female body idealized by Charlotte Perkins Gilman. 2023. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This paper aims to analyze *Herland*, a utopian novel published by the American writer Charlotte Perkins Gilman in 1915, from the perspective of the female body. The representation of the female body is a central theme in many of Gilman's works, whether fictional or not, and it appears in various instances in the novel analyzed here. In the narrative, Gilman proposes female characters who defy the expectations constructed by Western patriarchal society regarding their performance of femininity. Their bodies differ from those of American women in the early 20th century in terms of physical stature, rationality, and their place in the public sphere. Therefore, the main objective of this paper is to analyze the constitution of the native women's body in *Herland*, comparing it with the socially imposed gender standards of the patriarchal society in that time. To do so, we will begin the research by tracing a biography of the author, exploring her relationship with her own body, her place in the feminist movement, and comparing her other publications with *Herland*, as her works represent women in different perspectives. Then, we will interpret the ways in which the author represents the concepts of female body, gender, and sexuality. For this, we will briefly review the historiography of femininity to understand how the female body came to be neglected. Finally, knowing that motherhood and the female body are closely intertwined, and as motherhood is a central topic in the analyzed work, we will observe how Gilman uses motherhood and reproduction in the utopia to endow women with control over their own bodies.

Keywords: *Herland*. Charlotte Perkins Gilman. Body. Feminism. Sexuality. Motherhood. Reproduction. Gender.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	“É CLARO QUE ERAM MENINAS, [...] MAS NENHUM DE NÓS TEVE CERTEZA A PRINCÍPIO”: O CORPO FEMININO EM <i>HERLAND</i>.....	28
1.1	O corpo.....	32
1.2	A sexualidade	44
2	“VOCÊS SÃO APENAS HOMENS NUM PAÍS POVOADO POR MÃES”: A REPRODUÇÃO E A MATERNIDADE EM <i>HERLAND</i>.....	56
2.1	A reprodução	60
2.2	A maternidade	73
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

Charlotte Perkins Gilman foi uma escritora, ensaísta, editora e professora estadunidense, que viveu entre os anos 1860 e 1935 e tinha interesse, em primazia, em reformas sociais, mais precisamente nas que se relacionavam ao gênero feminino. Seus trabalhos, no que tange à escrita, naturalmente se voltavam, em sua maioria, para a questão da divisão entre os gêneros sociais e para a crítica ao sistema patriarcal que reduzia o corpo feminino ao âmbito doméstico.

O presente trabalho tem como objetivo principal observar de que maneira a autora via o corpo feminino no final do século XIX e início do século XX. Para tal, à luz de *Herland* (1915), utopia publicada pela autora, buscaremos suas críticas ao lugar do corpo feminino na sociedade estadunidense da época. Além disso, ao analisarmos a obra, procuraremos notar os ideais de feminino e feminilidade almejados por Gilman. Em paralelo, exploraremos a relação da autora com seu próprio corpo.

Nascida em Connecticut, em 1860, a sobrinha-neta da abolicionista Harriet Beecher Stowe não colheu os frutos da fama da tia-avó: teve uma infância conturbada e foi criada somente pela mãe após o abandono do pai. Por essa razão, Gilman, sua mãe e seu irmão tiveram de se mudar com frequência, morando de favor em alguns períodos e fazendo trabalhos domésticos para famílias mais abastadas. Assim, viver entre a pobreza de sua família e a riqueza de seus empregadores contribuiu para que Gilman entendesse as engrenagens das relações econômicas dos Estados Unidos, compreendendo, em primazia, o papel feminino neste quesito. Uma vez que, segundo a autora, as mulheres “[...] não nascem economicamente livres, elas nunca alcançam isso [...]” (GILMAN, 1991, p. xxxv).^{1 2}

Desde jovem, a autora era aficionada pela evolução humana, imaginava maneiras de pensar em uma cultura mais igualitária no que tange aos gêneros e mais progressista no que diz respeito à religião, à educação e à economia.

‘O propósito da vida é o crescimento.’ Teste todas as coisas dessa maneira: elas ajudam ou atrapalham o crescimento? Não importam as doutrinas, políticas, expedientes e a moral como você os concebeu; não importa o seu hesitante ‘fazer o bem’, suas filantropias recém-descobertas, seu sistema de castas ocidental, seu senso

¹ Todas as citações incluídas neste trabalho em língua estrangeira foram traduzidas por mim.

² No original: “[...] are not born economically free, they do not achieve it [...]” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. xxxv

de negócios, até mesmo sua economia, se isso prejudicar de alguma forma o crescimento humano. (GILMAN, 1991. p. xxxviii).³

Também pensava no papel das mulheres no que diz respeito à evolução, tão almejada por ela, e argumentava que o gênero feminino era fundamental para o aprimoramento social. Restringi-las ao papel de esposas não contribuiria para a melhoria da sociedade: “O gênero feminino é igual em todas as atividades raciais, e acrescenta seu poder crescente como construtor da raça.” (GILMAN, 1991. p. xxxiv)⁴. Durante sua juventude, observava as diferenças de tratamento entre seu irmão e ela, bem como as distinções entre os papéis de seu pai e de sua mãe em sua criação.

Ainda criança, inventou uma nova religião para si (GILMAN, 1991. p. 74), dando sinais de sua imaginação fértil. Graças a sua criatividade, mergulhou no mundo da leitura com a influência de seu pai, com quem nunca perdeu contato, apesar de sua ausência. Entretanto, independentemente de sua inteligência acima da média e do gosto por literatura e artes, devido às suas mudanças constantes, a autora enfrentou grande dificuldade para terminar os estudos. Se formou em artes, atuando na área como professora da disciplina durante alguns anos; porém, logo percebeu que seu talento real estava na literatura.

Seu interesse pela evolução humana não se restringia, contudo apenas a assuntos sociais, mas também à melhoria do corpo, entusiasmava-se com esportes e ginástica, principalmente durante sua juventude. Por essa razão, talvez, a autora tenha escolhido a morte a aceitar o diagnóstico recebido de câncer de mama incurável. “Eu preferi clorofórmio ao câncer.” (GILMAN, 1991. p. 335)⁵ é a frase que encerra a carta de despedida deixada por Charlotte Perkins Gilman aos seus entes queridos, pouco antes de suicidar-se, preferindo esse fim a assistir à degradação de seu corpo.

Gilman casou-se jovem, atendendo aos costumes do período em que viveu e teve sua única filha, Katherine, sem demora. No casamento, percebeu em sua vivência as mazelas que as donas de casa enfrentavam no século XIX. Após o nascimento de sua filha, Gilman

³ No original: “‘The purpose of life is growth.’ Test all things thus: Do they help or hinder growth? Never mind doctrines, policies, politics, expedients, moral as you have conceived them; never mind your hesitant ‘doing good,’ your new-found philanthropies, your western caste system, your business sense, your economics even, if any of this accepts anything which flaws human growth.” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. xxxviii

⁴ No original: “the female is the equal in all race activities, and adds her increasing power as a race-builder.” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. xxxiv

⁵ No original: “I’ve preferred chloroform to cancer.” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 335.

combateu pela primeira vez uma doença que carregaria pelo resto de sua vida: a depressão, na época chamada de prostração nervosa. Recentemente “descoberta” pelos psicanalistas do período, a doença era tratada de formas distintas da que conhecemos atualmente, principalmente se diagnosticada em mulheres.

Histeria, preguiça e loucura eram alguns dos sinônimos atribuídos à doença mental de Gilman, e a sua cura era o descanso. Após consulta com o maior especialista do tema na época, Dr. S. W. Mitchell, a recém-mãe, sob ordens médicas, foi privada ao seu quarto e à sua cama, sendo proibida de escrever e trabalhar e obrigada a ficar deitada inclusive para comer e tomar banho. “Viva sua vida doméstica como puder. Tenha sua filha o tempo todo com você.” (GILMAN, 1991. p. 96), foram as recomendações do médico, as quais Gilman, a contragosto, seguiu rigorosamente. A autora descreve esse período em sua autobiografia intitulada *The Living of Charlotte Perkins Gilman* (1935) como uma tortura mental que a levou a quase perder a cabeça. (GILMAN, 1991. p. 96).

Percebendo que as indicações médicas do Dr. Mitchell pioravam sua condição, Gilman retoma sua escrita como uma espécie de manifesto ao tratamento dado a ela, publicando *O papel de parede amarelo* (1892), uma de suas obras mais notáveis, se não a maior, de sua carreira. Considerado pela crítica uma espécie de autobiografia de seu período depressivo pós-parto. O conto narra três meses da vida de uma recém-mãe que sofre dessa condição.

Publicado em 1892, o conto foi um divisor de águas na carreira de Charlotte Perkins Gilman que já escrevia, mas não dedicava sua vida ao ofício. A fim de criticar a falta de importância dada pelos homens à sua doença, Gilman descreve em seu conto uma narrativa que questiona as ações do marido da protagonista quanto ao tema. A autora, em uma pequena nota intitulada “Why I Wrote The Yellow Wallpaper” (1913), publicada anos após o conto, afirma que desenvolveu a narrativa a fim de mostrar ao Dr. Mitchell, citado na obra, que seu método de tratamento não era eficaz: “Mas o melhor resultado foi o seguinte: muitos anos depois me disseram que o grande especialista havia admitido a seus amigos que havia alterado seu tratamento para neurastenia após ler *O papel de parede amarelo*.”⁶

A narrativa gira em torno de uma mulher que acaba de receber o mesmo diagnóstico da autora do conto e, por recomendações médicas, muda-se para uma casa de campo a fim de descansar a mente e exercitar o corpo. Passando a maior parte do tempo sozinha em um

⁶ No original: “But the best result is this: Many years later I was told that the great specialist had admitted to friends of his that he had altered his treatment of neurasthenia since reading *The Yellow Wallpaper*.” In: GILMAN, Charlotte Perkins, Why I wrote the yellow wallpaper. *The Forerunner*: Nova Iorque, 1913.

quarto de bebê, a protagonista torna-se obcecada pelo papel de parede amarelo que reveste todo o cômodo. Tomada pela repulsa ao item, a mulher implora ao marido que a deixe sair do aposento e passe a dormir em um quarto comum, mas seus desejos são ignorados. “Não gosto nem um pouco de nosso quarto de dormir. Eu queria ficar num quarto do andar de baixo que dá para o alpendre, com rosas enfeitando a janela e cortinas antigas de chita, muito bonitas! Mas John não quis nem discutir.” (GILMAN, 2019, p. 23).

Com o passar dos dias, a padronagem do papel de parede passa a intrigar a protagonista, que começa a ter alucinações acerca do item: a estampa começa a mover-se diante de seus olhos mudando constantemente de cor e textura. Durante a noite, a protagonista enxerga, presa ao papel de parede, uma mulher que durante o dia rasteja-se pelo jardim da casa; também vê cabeças de outras mulheres nas grades que prendem a mulher à parede. A repulsa anteriormente sentida pela protagonista transforma-se em curiosidade, admiração e obsessão.

No fim do conto, a recém-mãe perde o controle de suas faculdades mentais quando tenta libertar a mulher presa no papel de parede amarelo, rasgando-o: “Então arranquei todo o papel que consegui alcançar estando de pé sobre o piso.” (GILMAN, 2019, p. 39). A protagonista se vê na mulher da parede, se torna a mulher e acredita que libertar a prisioneira das grades do papel de parede libertaria a si mesma das grades do quarto em que vivia e de sua psique.

Não gosto nem de olhar pelas janelas... Há muitas dessas mulheres que rastejam, e elas rastejam muito depressa. Será que todas elas saíram do papel de parede, assim como eu? [...] Imagino que vou ter de voltar para trás da estampa quando anoitecer, e vai ser muito difícil! (GILMAN, 2019, p. 39).

Podemos interpretar o papel de parede amarelo do quarto como a confusão mental que uma pessoa deprimida pode vir a ter. A mulher presa na parede é a própria protagonista aprisionada às amarras de sua doença. Gilman retrata, com conhecimento de causa, os sentimentos e os pensamentos que uma mulher com depressão pós-parto e atormentada pela angústia tem. Ao compararmos os pensamentos da protagonista e os de Gilman em sua autobiografia, percebemos as semelhanças entre as duas mulheres: o descanso como cura; o marido atencioso que reduz sua doença; o enclausuramento; o cansaço; o sentimento de fracasso; e o peso e a culpa carregados pela maternidade.

Após 4 anos de casamento, contrariando as normas da sociedade em que vivia, Gilman divorciou-se. Em sua autobiografia a escritora aponta o matrimônio conturbado como um dos problemas que afetavam sua saúde mental. Logo a autora voltou a escrever, publicando o que

ela considerava seus melhores trabalhos. Gilman conviveu com a depressão durante toda a sua vida, passando por momentos mais graves e mais brandos da doença, que afetavam sua escrita e seu ofício como palestrante; mas, sua condição mental nunca a afastou de seu desejo por mudanças. Podemos constatar em sua autobiografia que, na verdade, sua fraqueza mental a tornou ainda mais ávida por descobrir de que maneira o ser humano poderia evoluir física e sociologicamente.

Considerada controversa em meio aos próprios amigos e familiares, Gilman assustava alguns poucos familiarizados com suas ideias. Divorciada, mentalmente doente, com uma filha criada pelo ex-esposo, assumidamente bissexual e sem emprego fixo, a autora era, por muitos, subestimada; e sua obra, muitas vezes, diminuída devido à fama das polêmicas que envolviam sua vida pessoal.

Gilman foi uma mulher indagadora e, questionando o *status quo*, construiu sua carreira e a si mesma. Tinha muitas perguntas a respeito da cultura em que vivia e passou sua vida em busca das respostas: por que as mulheres são confinadas à esfera doméstica? Por que os filhos são responsabilidade materna? Por que a educação tradicional não é reformulada? Por que as mulheres não fazem parte da economia? Por quê? Suas obras podem ser entendidas como tentativas de responder tais por quês e de ajudar mulheres a entenderem seu papel na sociedade, com a finalidade de buscarem melhorias para seu gênero.

A autora, naturalmente, se voltou para o sufrágio feminino e os movimentos socialistas nos Estados Unidos. Vivendo sua idade adulta em meio à explosão de tais ideologias, foi bastante ativa nas causas femininas e sociais, fazendo parte do que alguns anos depois seria nomeado como a primeira onda do feminismo. Além de participar de passeatas; de publicar poemas, romances e ensaios a respeito do tema e dar palestras; Gilman também era afiliada à National American Woman Suffrage Association, ou NAWSA (1890-1920), principal organização feminina do período que tinha como objetivo alcançar o direito ao voto às mulheres. Por essa razão, representava a organização em congressos e convenções, sendo essa ocupação sua maior fonte de renda durante a vida.

Em uma de suas obras de não-ficção mais relevantes, *Women and Economics* (1898), a escritora divaga a respeito dos obstáculos sociais enfrentados pelas mulheres. No ensaio em questão, a autora afirma que as mulheres estão diretamente ligadas à economia, porém, são excluídas e subjugadas pela classe dominante - os homens. Gilman, manifesta seu descontentamento com a posição do corpo feminino no âmbito doméstico enquanto o gênero masculino tem o direito de ir e vir na esfera pública, e defende que a sociedade prosperaria grandemente se homens e mulheres vivessem em harmonia. “Essa tensão entre a definição

pública do lugar masculino legítimo e o domínio privado atribuído às mulheres [...] é exatamente o centro da vida de Gilman e ao qual ela se dirigiu em toda a sua obra.” (LANE, 1990, p. xxi).⁷

Já no pequeno conto intitulado “An Extinct Angel” (1891), a autora questiona o uso do termo “anjo do lar”, estabelecido pelo poeta inglês Coventry Patmore, em poema de mesmo nome publicado em 1854, para referir-se às donas de casa “perfeitas” - aquelas que além de fazerem todo o trabalho doméstico deveriam, também, ser amáveis e obedecerem aos maridos. “O anjo era obrigado, além de seus deveres celestiais como sorrir e acalmar, a fazer serviço de cozinha, limpeza, costura, enfermagem e outras tarefas mundanas. Mas essas coisas deveriam ser realizadas sem a menor diminuição das virtudes angelicais.” (GILMAN, 2018, p. 6).⁸

Considerada uma das fundadoras da filosofia feminista, Mary Wollstonecraft, questionava o papel feminino na família em 1792, mais de 100 anos antes da publicação de *Herland*, nos mostrando que embora a noção de “anjo do lar” tenha sido perpetuada no século XIX, no final do século XVIII as mulheres já enfrentavam a dominação masculina dentro de casa. Em *Reivindicação pelos Direitos das Mulheres* (1792), Wollstonecraft afirma que desde a infância, as meninas são preparadas para se submeterem a uma figura masculina: em primeiro lugar obedecem ao pai, em segundo são tratadas de forma distinta perante seus irmãos homens; por fim, subordinam-se ao esposo tornando-se escravas do matrimônio (WOLLSTONECRAFT, 2017, p. 197-198.).

Podemos observar a mesma crítica a respeito da posição feminina nos lares estadunidenses em diversas obras de Gilman. O “anjo do lar” - a mulher - pode ser entendido como mercadoria essencial para o funcionamento do capitalismo, como afirmariam as filósofas Silvia Federici em *Calibã e a bruxa* (2004) e Luce Irigaray (1985) em *This sex which is not one*, anos após a publicação do romance.

O principal argumento de Silvia Federici em *Calibã e a bruxa* diz respeito à caça às bruxas, como artifício para a vilanização do sexo feminino, com o intuito de iniciar uma

⁷ No original: “That tension between the public definition of legitimate male place and the private domain assigned to women [...] is exactly the center of Gilman’s life and to which she addressed herself in all her work.” In: LANE, Ann J. Introduction. In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. xi - xxiv

⁸ No original: “The angel was required, in addition to such celestial duties as smiling and soothing, to do kitchen service, cleaning, sewing, nursing, and other mundane tasks. But these things must be accomplished without the slightest diminution of the angelic virtues.” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *An Extinct Angel*. In: ALEXANDER, Robert. *Spring Phantoms: Prose by 19th Century British & American Authors*. Nova Iorque: No. 22, White Pine Press, 2018, p. 6 - 7.

guerra contra as mulheres. Segundo a filósofa, somente assim a sociedade patriarcal conseguiria tornar possível a consolidação do Mercantilismo, que posteriormente viria a ser chamado capitalismo, uma vez que, durante o período feudal, as mulheres eram tão importantes quanto os homens, no que tange às relações comerciais.

[...] se forjou uma nova divisão sexual do trabalho ou, melhor dizendo, um novo “contrato sexual” [...] que definia as mulheres em termos - mães, esposas, filhas, viúvas - que [...] davam aos homens livre acesso a seus corpos [...] Para colocar em prática a “apropriação primitiva” dos homens sobre o trabalho feminino, foi construída uma nova ordem patriarcal, reduzindo as mulheres a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos homens. (FEDERICI, 2021, p. 191).

Aproximando-se do argumento de Federici, em “Women on the Market” (1985), capítulo do livro supracitado, Luce Irigaray afirma que as mulheres na sociedade contemporânea são uma das moedas de troca da economia, bem como durante a implementação do capitalismo. Chamando-as de *commodities*, a autora argumenta que as mulheres são passadas de pais para esposos no ocidente e cumprem, dessa forma, seus papéis de filhas, esposas e mães da maneira que melhor atenda às demandas masculinas.

A mulher como *commodity*, na definição de Irigaray, é um capital econômico distinto no Estado. Em definição, as *commodities* são mercadorias primárias e de baixo custo produzidas em larga escala para servirem de matéria-prima para a produção de outros bens. Diferentemente de tais bens de produção, a mulher em Women on the Market é uma mercadoria cultural cujo valor de mercado é definido pelos homens de acordo com seus interesses. O gênero feminino, na definição da autora, é o meio utilizado para facilitar as relações entre os homens, já que são trocadas entre eles (IRIGARAY, 1985, p. 175).

Para Irigaray, a mulher restringe-se a três papéis na sociedade: a mãe, a virgem e a prostituta. A mãe é excluída da troca entre os homens pois é confinada ao lar, seu valor restringe-se à reprodução da força de trabalho; a virgem é o “puro valor” da troca, sua existência restringe-se à possibilidade da defloração, quando essa mulher deixa de ser virgem, torna-se a mãe; por fim, a prostituta tem valor de uso e de troca, ou seja, seu uso é trocado entre os homens. (IRIGARAY, 1985. p. 185-187).

[...] todos os sistemas de troca que organizam as sociedades patriarcais e todas as modalidades de produção que são reconhecidas, valorizadas e recompensadas nessas sociedades são negócios dos homens. A produção de mulheres, signos e mercadorias é sempre remetida aos homens (quando um homem compra uma menina, ele “paga” ao pai ou o irmão, não à mãe...), e sempre passam de um homem para outro. A força de trabalho é, portanto, sempre assumida como masculina, e os “produtos” são

objetos a serem usados, objetos de transação apenas entre os homens. (IRIGARAY, 1985. p. 171).⁹

As duas autoras, ademais, afirmam que um dos principais objetivos do gênero masculino, ao deter as mulheres no âmbito doméstico, é restringi-las à sua capacidade reprodutiva. Ou seja, o trabalho feminino na cultura patriarcal é servir seu corpo como receptáculo para a reprodução de força de trabalho capitalista, assim como dedicar sua vida para a manutenção de trabalhadores.

Observar como tais indagações contemporâneas já eram feitas por Gilman em suas obras e palestras no início do século XX, nos faz perceber que as perguntas da autora, ainda hoje, não foram respondidas. Na época em que viveu, a luta das mulheres tinha como principal pauta o direito ao voto feminino, entretanto, como socialista, Gilman procurava, também, abrir os olhos da população para a maneira como as mulheres eram tratadas em geral. Foi considerada, então, pelas próprias colegas sufragistas, demasiadamente polêmica, a ponto de ouvir de uma das líderes do movimento o seguinte: “Afinal, acho que você fará mais bem a nossa causa do que mal, porque a sua reivindicação é muito pior do que a nossa, então eles atenderão às nossas demandas a fim de escapar das suas.” (GILMAN, 1991, p. 198).¹⁰

A principal reivindicação da autora como feminista e socialista, era a igualdade entre os gêneros. As problemáticas econômicas e sociais da cultura ocidental, de acordo com suas ideias, eram obras do machismo e deveriam ser solucionadas a partir da quebra da binarização entre os gêneros. Ou seja, analisando seu trabalho, podemos concluir que, conforme suas crenças, homens e mulheres não deveriam ser tratados de maneiras distintas pois somos todos frutos de uma só raça. Em seu poema intitulado “We as women” conseguimos observar tal pensamento: “Nós que nascemos de uma só mãe, / e criados no mesmo lugar, / Na escola e na igreja juntos / Nós somos um sangue, uma raça!”¹¹ (33-36) (GILMAN, 1911).

⁹ No original: “[...] all the systems of exchange that organize patriarchal societies and all the modalities of productive work that are recognized, valued and rewarded in these societies are men's business. The production of women, signs, and commodities is always referred back to men (when a man buys a girl, he "pays" the father or the brother, not the mother...), and they always pass from one man to another. The work force is thus always assumed to be masculine, and "products" are objects to be used, objects of transaction among men alone.” In: IRIGARAY, Luce. *This sex which is not one*. New York: Cornell University Press. 1985, p. 171.

¹⁰ No original: “[...]after all I think you will do our cause more good than harm, because what you ask is so much worse than what we ask that they will grant our demands in order to escape yours.” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 198

¹¹ No original: “We, that were born of one mother, / And reared in the self-same place, / In the school and the church together, / We of one blood, one race!” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *Suffrage Songs and Verses*. Nova Iorque: The Charlton Company, 1911, p. 11-12.

Tendo tal princípio em mente, Gilman publica diversas obras de não-ficção, dentre as quais se destaca a revista *The Forerunner* (1909 - 1916), que abordava o tema dos direitos das mulheres, além de poemas e pequenos ensaios que rodeavam o mesmo assunto. Não podemos ignorar, também, as palestras dadas pela autora ao redor do mundo pela NAWSA em nome do movimento feminino. As obras de Gilman, ficcionais ou não, eram grandes manifestos de sua opinião acerca dos papéis de gênero na cultura estadunidense no final do século XIX e no início do século XX.

Em cada volume de *The Forerunner*, publicado mensalmente, Gilman apresentava ao público notícias acerca dos manifestos femininos, fazia resenhas críticas e resumos de livros, além de poemas, pequenos ensaios e obras completas como *Man-made World* (1911). Criado para alcançar a 'mulher-comum' dos anos 1900, o periódico ia de encontro a outras publicações voltadas para as donas-de-casa da época. Diferentemente da forma como a mídia popular por meio de revistas femininas, como *Ladies' Home Journal* (1883 – 2016), influenciava as mulheres a serem passivas, educadas e obedientes, Gilman estimulava o gênero feminino a lutar por direitos iguais aos de seus esposos, pela libertação do âmbito doméstico e por acesso à educação. A escritora acreditava que, restringir a esposa a cuidadora do lar, era o mesmo que aprisioná-la na esfera doméstica, limitando seu alcance à educação, à vida pública, à cultura e à economia (GILMAN, 1911).

Em sua primeira edição (1909), o periódico traz na capa a figura de um homem e uma mulher segurando um planeta e uma criança, mostrando como a autora idealizava a igualdade entre os gêneros como solução para os problemas femininos e masculinos vigentes no período. Segundo Gilman, homens e mulheres deveriam ter papel semelhante na educação dos filhos, somente dessa maneira, a sociedade produziria uma geração capaz de transformar positivamente o mundo.

Figura 1 - Capa da primeira edição de *The Forerunner*

Fonte: GILMAN, 1909, capa

Em *The Forerunner*, Gilman notou a oportunidade de publicar, sem amarras editoriais, a obra aqui neste trabalho analisada, *Herland*. No ano de 1915, no volume VI do periódico, de janeiro a dezembro, a autora publicou os doze capítulos do romance, tornando a obra típica do gênero romance-folhetim. A obra só foi publicada separadamente, como um livro, em 1979, anos após a morte da autora.

É importante termos em mente que devemos separar o autor de sua obra, contudo, em *Herland*, Gilman coloca em prática seus ideais acerca do feminino e da sociedade. Bem como suas publicações não-ficcionais, *Herland* é um retrato dos valores tão amplamente divulgados pela autora como: a busca por igualdade entre os gêneros, a reforma da educação, a implantação do socialismo e o questionamento a respeito do conceito de “anjo do lar”.

Herland faz parte de uma trilogia de livros que retratam as problemáticas vividas pelo gênero feminino publicados por Gilman no *The Forerunner*, entre os anos 1911 e 1916. São eles: *Moving the Mountain*, publicado em 1911, o primeiro volume do conjunto; *Herland* (1915), o segundo livro; e *With her in Ourland*, publicado em 1916 como uma sequência da obra anterior. Neste trabalho me concentro em *Herland*, narrativa típica do gênero utopia em que Gilman retrata uma cultura que vai ao encontro de seus princípios de perfeição. O resgate a esse gênero literário, pouco explorado na contemporaneidade, nos traz uma nova visão desse tipo de obra, já que, muito se critica a respeito da idealização de sociedades utópicas.

De acordo com a professora Fátima Vieira em “The concept of utopia” (2010), a utopia tem dois principais significados: o conceito do lugar perfeito e o gênero literário. No

que diz respeito à ideia de cultura perfeita, o neologismo foi criado por Thomas More na obra intitulada *Utopia* (1516). Contudo, há registros de obras antecessoras a esta que possuem sua principal característica de imaginação de um lugar ideal e isolado do mundo conhecido pelo narrador. Ou seja, o gênero literário utópico existia séculos antes de More cunhar o termo. São exemplos: *A República* (IV a.C) de Platão, *A cidade de Deus* (426) de Santo Agostinho e a resposta feminina a esta, *A cidade das damas* (1405) de Christine de Pizan.

Vieira afirma que muitas características são atribuídas ao gênero literário utopia por diferentes estudiosos, como: a viagem ao desconhecido, a gestão do lugar por seres humanos, o local escondido, entre outras. Contudo, afirma ela que todas as obras utópicas têm uma coisa em comum: "[...] a principal energia da utopia: esperança." (VIEIRA, 2010, p. 7).¹²

A professora Alessa Johns (2010), argumenta que a utopia feminina, mais do que imaginar uma sociedade ideal e prover esperança aos leitores, tem como objetivo criticar o sistema patriarcal e prover às mulheres, um espaço em que livres de amarras machistas possam exercer suas qualidades. A professora ainda afirma que, a utopia feminina é um artifício empregado pelas autoras de narrativas utópicas para imaginar a existência da igualdade entre gêneros e para criar um futuro diferente para sua audiência.

Podemos observar que Gilman, ao produzir um ambiente utópico, não imagina uma cultura com ideais impossíveis de serem realizados, - com exceção da partenogênese, elemento que distancia o romance do aspecto humanamente possível -, mas mostra a resolução das mazelas enfrentadas pelas mulheres no século XX, e ainda critica a cultura patriarcal da época. Assim, *Herland* é mais do que a esperança futura citada por Vieira, é a crítica ao presente defendida por Johns.

A obra em questão relata uma viagem entre três amigos exploradores, Van, Terry e Jeff, a uma terra desconhecida que, dizem as lendas, é habitada somente por mulheres. A possibilidade de existência de tal lugar é tão absurda para os três amigos que eles resolvem procurá-lo a título de curiosidade, além da idealização de como seriam recebidos por tantas mulheres: “Vou me sair bem com todas elas [...] Serei eleito rei em pouco tempo!” (GILMAN, 2018. p. 17), afirma o personagem Terry, que é o retrato da misoginia na obra. Contudo, a chamada Terra das Mulheres¹³ não só existe, como é avessa a tudo o que os homens esperavam encontrar no que tange ao comportamento das nativas.

¹² No original: “the principal energy of utopia: hope” In: VIEIRA, Fátima. The concept of utopia. In: CLAEYS, Gregory. *The Cambridge Companion to: Utopian Literature*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010, p.3-28

¹³ Usarei o termo Terra das Mulheres para me referir ao local visitado pelos exploradores enquanto *Herland* será utilizado em referência à obra em questão.

Embora, em primeira instância, os homens confrontem as mulheres e ajam com violência, utilizando uma arma de fogo para assustá-las, as nativas da Terra das Mulheres os recebem com todo o conforto e educação que poderiam oferecer-lhes. Chamá-los de prisioneiros seria exagerar no termo para definirmos a experiência vivida por eles no romance, já que a prisão denota punição. Após seu primeiro contato pouco amigável, os amigos são privados às redondezas da instalação em que são confinados, mas são bem alimentados, confortados, vestidos e, principalmente, educados até que fossem aptos - tomando como critério o julgamento das nativas - para a vivência em liberdade no país delas.

Ao longo da obra, a autora apresenta aos estrangeiros, e ao público, o funcionamento da cultura constituída por aquelas mulheres. A eles, elas ensinam sua língua nativa, seu sistema de trabalho, sua pedagogia, sua religião, entre outras instâncias de sua sociedade. Concomitantemente, eles também explicam para as nativas o funcionamento de seu lar, os Estados Unidos. Logo, Vandick, o narrador protagonista do romance, seus amigos e nós, leitores ocidentais, percebemos as grandes diferenças entre a Terra das Mulheres e o mundo em que vivemos.

Podemos perceber que, o principal objetivo do enredo na construção de um habitat feminino perfeito, é mostrar aos seus leitores como a participação ativa das mulheres na esfera pública seria benéfica em todos os âmbitos. Ou seja, segundo o argumento principal da narrativa, os males vividos no final do século XIX e início do XX - e que perduram na contemporaneidade -, seriam sanados com uma cooperação mais ostensiva do sexo feminino nas esferas públicas, retomando a crítica da autora à economia dos Estados Unidos. Podemos constatar que, de acordo com a utopia em questão, a partir da libertação feminina das amarras machistas do patriarcado, é possível atribuir tanta competência às mulheres quanto aos homens.

O romance se inicia com as especulações dos três amigos acerca da Terra das Mulheres. Carregando em si mesmos ideais patriarcais, os exploradores desacreditaram do funcionamento de tal espaço “- É impossível! [...] - Mulheres não são capazes de cooperar. Vai contra a sua natureza.” (GILMAN, 2018. p. 78). De acordo com suas concepções misóginas, mulheres não teriam a habilidade de se unir sem que houvesse desavenças, muito menos de gerir uma sociedade sem o auxílio masculino. Após meses morando no local, Terry se mostra, ainda, desdenhoso ao escutar a história de tal civilização, embora veja com os próprios olhos que não há homens na Terra das Mulheres.

- Elas lutariam entre si - Terry insistiu. - É o que as mulheres sempre fazem. Não podemos esperar nenhum tipo de ordem ou organização. [...] - Não, senhor. Elas

devem lutar entre si - concordou Terry. - E não devemos esperar invenções ou progresso. Deve ser bastante primitivo. (GILMAN, 2018. p. 17).

[...] - É improvável que mulheres, apenas um grupo de mulheres, tenham se mantido juntas assim! Sabemos que elas não conseguem se organizar. Que brigam por qualquer coisa e são extremamente invejosas!

- Lembre-se de que elas não tinham a quem invejar - desafiou Jeff.

- Não posso acreditar - Terry desdenhou. (GILMAN, 2018. p. 69).

Todos os argumentos dos exploradores caem por terra quando eles percebem que, não somente não há homens em lugar algum naquele lugar, como eles não faziam falta. Ao longo de dois mil anos, após uma sucessão de desastres naturais que dizimaram todo o gênero masculino de seu povoado, as nativas da Terra das Mulheres tiveram de se esforçar para construir um habitat propício para sua vivência. Se antes elas não sabiam fazer trabalhos ditos masculinos, juntas, elas aprenderam a fazê-los e os adaptaram para que fossem realizados da melhor maneira possível.

Em *Herland*, é constituído um país matriarcal cuja primazia é a evolução e a adaptação para a excelência - bem como a autora da obra, ainda adolescente, imaginava o futuro da raça humana. As nativas da Terra das Mulheres conseguiram, ao longo de sua história como sociedade matriarcal, adequar várias instâncias culturais de maneira a atingir o melhor grau possível em sua educação, reprodução, religião, agricultura, fauna, trabalho, arquitetura, psicologia e maternidade.

A primeira característica que diferencia a terra delas da nossa terra é a normalização da vida pública feminina. Criticada em muitas de suas obras não-ficcionais, a posição da mulher no âmbito privado é questionada quando Gilman idealiza uma cultura na qual nenhuma mulher é aprisionada na esfera doméstica. Desse modo, a Terra das Mulheres pode ser considerada um local socialista, já que tudo é compartilhado entre as habitantes. Não existe moeda de troca, as mulheres não são consideradas mercadorias e tudo é pensado para o bem comum. Para as nativas, o bem-estar de sua nação é mais importante que o pessoal, demonstrando que as mulheres não são egoístas como imaginavam os três amigos.

Sociedades matriarcais como esta eram raras no início do século XX. Hoje em dia, sua existência é ainda menor, restando poucos povos indígenas como os Bribi na Costa Rica e os Machiguenga, no Peru; comunidades no continente Africano como os Akan em Gana e os Bijagós, em Guiné Bissau. Há também essas sociedades em alguns países no continente asiático, como os Khasi, na Índia, e a maior sociedade matriarcal do mundo: os Minangkabau, na Indonésia, com cerca de 4 milhões de pessoas (HELIOTRICITY, 2018). Portanto, é compreensível que os três amigos desacreditassem da existência de uma cultura matriarcal em meio a um mundo pensado e feito por e para homens. Entretanto, podemos observar que tais

culturas existiam na Idade Média e ainda existem, mas são ignoradas pela sociedade convencional estabelecida em nossa cultura – uma sociedade que privilegia o gênero masculino.

As Beguin¹⁴, por exemplo, foi um movimento feminino que se estendeu por alguns países da Europa durante a Idade Média do século XIII ao XIV e sobreviveu até a morte de sua última integrante (Marcella Pattijn) em 2013. No período em questão, havia apenas duas opções para as mulheres: casarem-se ou virarem freiras. As beguin¹⁴ criaram uma terceira via para o gênero feminino no período, seguir a fé sem pertencer a uma ordem religiosa e não recorrer ao matrimônio. Tais mulheres viviam em beguinários, grupos de casas destinadas a elas, próximos às igrejas e auxiliavam o povo enfermo e pobre ao seu redor.

Nos Países Baixos, região em que o grupo mais se popularizou, tais mulheres tornaram-se mais importantes que os monges que faziam o mesmo serviço que elas. *O Espelho das Almas Simples e Aniquiladas* (1295), livro publicado pela beguina Marguerite Porete, ajudou a popularizar ainda mais o movimento, mas custou à autora a morte na fogueira, pois, ao longo do século XIII, o movimento passou a sofrer preconceito e leis restritivas até ser condenado por heresia pelo papa Clemente V.

Embora ajudassem sua comunidade, sua independência de ir e vir somada à falta de amarras religiosas, despertou receio na Igreja e em alguns homens do período. “[...] quando se consolidaram como organização de mulheres livres, sem subordinação ao poder masculino na família, no clero e nas estruturas políticas, começaram a ser perseguidas.” (CASTANHO, 2020). Dessa maneira, observamos na prática que a vilanização feminina relacionava-se ao ego masculino, e não ao bem da comunidade.

Podemos, então, perceber que na obra aqui analisada, Gilman, de maneira lúdica, não apenas manifesta sua noção de um lugar ideal em que mulheres possam compartilhar suas habilidades, mas também promove a ideia de sociedades matriarcais funcionais. Ademais, cria uma espécie de defesa feminina contra os ataques de uma cultura que, ao longo dos séculos, vilanizou a figura da mulher. Juliana Gomes (2018), no prefácio da obra, afirma que o objetivo de Gilman é:

[...] abranger todas as noções e expectativas de estereótipos da mulher: a objetificação do corpo feminino com a simples função de servir aos prazeres masculinos, tendendo a passividade; o isolamento social em função das atividades domésticas, reforçando a imagem da mulher que se posiciona contra isso como histórica, entre outros aspectos. (GOMES, p. 7, 2018).

¹⁴ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cer2krllk7go>

Em *Herland*, a autora aproveita os diferentes pontos de vista dos três exploradores acerca do universo feminino para mostrar ao público todas as problemáticas sociais notadas por ela. A escolha de um narrador masculino é interessante de ser observada, pois faz alusão ao “olhar masculino”¹⁵, termo cunhado pela ensaísta Laura Mulvey em “Visual Pleasure and Narrative Cinema” (1975) ao criticar a representação feminina no cinema. Utilizando como base a psicanálise, Mulvey afirma que diretores masculinos pensam em si próprios e nos telespectadores homens para representarem mulheres idealizadas em suas obras. Sendo assim, a expressão em questão pode ser definida como a representação da mulher pelo olhar do homem, com o objetivo de satisfazê-lo sexualmente - a transformação da mulher em objeto sexual.

Em um mundo ordenado pelo desequilíbrio sexual, o prazer de olhar divide-se entre ativo/masculino e passivo/feminino. O olhar masculino determinante projeta sua fantasia na figura feminina que é estilizada de acordo. Em seu tradicional papel exibicionista, as mulheres são simultaneamente olhadas e exibidas, com sua aparência codificada para um forte impacto visual e erótico, de modo que se pode dizer que conotam a necessidade de serem olhadas. A mulher exposta como objeto sexual é o *leit-motiff* do espetáculo erótico [...] Ela segura o olhar, brinca e significa o desejo masculino. (MULVEY, 1999, p. 837).¹⁶

Irigaray (1985) também abrange o tema ao explorar a mulher como *commodities*. Segundo a teoria da autora, as mulheres possuem características “fabricadas” a fim de atenderem às demandas masculinas. Ou seja, “[...] mulheres são um espelho de valor para e pelo homem.” (IRIGARAY, 1985, p. 177)¹⁷. Em suma, a filósofa, bem como Laura Mulvey, também visualiza as mulheres como objetos a serem adaptados para servir aos desejos masculinos.

Gilman escolhe três olhares masculinos distintos para mostrar aos leitores a subversão das expectativas deles sobre as mulheres. Com uma visão sobre as mulheres bem parecida com a teorizada por Mulvey e Irigaray, os três exploradores esperavam encontrar mulheres cuja aparência iria ao encontro de seu olhar masculino no que tange a feminilidade: seus

¹⁵ Laura Mulvey cunha o termo em original “*male gaze*”.

¹⁶ No original: "In a world ordered by sexual imbalance, pleasure in looking has been split between active/male and passive/female. The determining male gaze projects its fantasy onto the female figure which is styled accordingly. In their traditional exhibitionist role women are simultaneously looked at and displayed, with their appearance coded for strong visual and erotic impact so that they can be said connote to-be-looked-at-ness. Women displayed as sexual object is the *leit-motiff* of erotic spectacle [...] She holds the look, plays to and signifies male desire." MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. In: MAST, Gerald. *Film Theory and Criticism: Introductory Readings*. Eds. Leo Braudy and Marshall Cohen. New York: Oxford UP, 1999: 808-809.

¹⁷ No original: “[...] women, are a mirror of value of and for man.” In: IRIGARAY, Luce. *This sex which is not one*. New York: Cornell University Press. 1985, p.177.

padrões estéticos alcançariam o ideal de beleza almejado pelos estadunidenses. Contudo, a visão masculina deturpada sobre o feminino não importa no romance, uma vez que não influencia na feminilidade das nativas. Vejamos, a seguir, de que maneira essa objetificação feminina se dá sob a perspectiva de cada um dos exploradores.

Jeff, tido pelos seus amigos como o mais sensível, de acordo com o estereótipo esperado pelo gênero masculino, é apontado pelo narrador como “[...] Não posso dizer ‘como um homem’, porque era justamente como se não fosse um” (GILMAN, 2018, p. 136) pois tem uma personalidade avessa ao que se esperava de um homem do período. Jeff nasceu para ser poeta ou botânico, mas acabou tornando-se médico, tem verdadeira idolatria pelo gênero feminino. O que poderíamos classificar como um “romântico a moda antiga”, é quem melhor se adequa à sociedade matriarcal, defende as mulheres dos comentários misóginos dos amigos, sendo o único deles cujo casamento com uma das nativas realiza o grande objetivo da união: um bebê nascido de uma relação heterossexual, a “nova maternidade”, como os personagens denominam.

Em contraste, Terry é o extremo oposto do amigo e, por esse motivo, os dois têm muitos embates durante a narrativa. Diferentemente dos outros dois personagens masculinos, Terry não tem um emprego, mas tem o combustível da máquina capitalista, dinheiro: "Terry era rico o bastante para fazer o que queria" (GILMAN, 2018. p. 9). Por essa razão, ele acaba sendo “chefe” da expedição. Com Terry, o romance retrata o verdadeiro estereótipo do homem machista: um homem bruto, violento, impulsivo e mal-educado. Podemos perceber, por meio dele, a relação entre dinheiro e violência no capitalismo. O principal objetivo do personagem com a viagem é a dominação das habitantes da Terra das Mulheres. Logo, o que pode ser considerado hoje em dia como o “*playboy*”, acaba se tornando o mais frustrado entre os três: “[...] foi bastante difícil para todos nós, principalmente para Terry. Pobre Terry!” (GILMAN, 2018. p. 135).

Por fim, Vandick, mais chamado pelos outros personagens por seu apelido Van, é sociólogo e o narrador da obra. Interessado pelo funcionamento da cultura por eles descoberta, Van é a voz do romance, e, por meio de seu interesse pelo tema, nós leitores, conhecemos com detalhes a sociedade da Terra das Mulheres: “eu não me importava com o que diziam, desde que de alguma maneira estivesse ligado à vida humana” (GILMAN, 2018. p. 10). Tendo a cultura estadunidense como importante em seu trabalho, não é à toa, então, que Gilman tenha optado por dar ao narrador justamente o emprego de sociólogo. Assim, Van acaba sendo o intermediário entre os dois extremos: o sensível e o violento. Ora pendendo para o lado mais compassivo, ora para o impulsivo. Van, representa o homem em construção

que está no meio termo entre a razão e a emoção, e está disposto a rever suas atitudes por uma sociedade mais igualitária entre os gêneros.

Podemos concluir, a partir desta análise, que o principal ponto em que podemos refletir a partir da utopia é o olhar da autora acerca do papel da mulher e como esse papel é construído culturalmente a partir de ideais machistas de gênero. Contudo, outro aspecto de grande relevância na obra é a questão do lugar do corpo feminino no ocidente, assunto tão caro a Gilman. Aqui, digo corpo não como metáfora, mas como físico, e como sua dominação é essencial para a manutenção do patriarcado no ocidente (FOUCAULT, 1977).

À luz de teorias evolutivas, assunto de grande interesse da autora desde sua adolescência (GILMAN, 1991), Gilman constrói um corpo feminino novo, alheio às expectativas masculinas de feminilidade e subverte os estereótipos de gênero a respeito do assunto em *Herland*. Reproduzindo-se a partir da partenogênese - processo de reprodução assexuada em que o embrião se desenvolve sem a necessidade de fecundação - o corpo das nativas do romance adaptou-se para atender às necessidades de seu povo.

Contudo, se levarmos em consideração o pensamento contemporâneo acerca de alguns temas tratados por Gilman na obra, podemos salientar, com um olhar principalmente feminista, muitas problemáticas em *Herland*. Adianto que tais assuntos serão abordados nos próximos capítulos, mas deixo claro, aqui, que o objetivo dessa pesquisa não é condenar a autora por ideais que beiram mais de 100 anos, mas observar a obra a partir de sua transgressão no que tange à época em que foi publicada. As problemáticas da utopia quanto ao objeto de estudos dessa pesquisa são muitas, mas ao mesmo tempo podemos absorver tópicos de extrema relevância para a sociedade contemporânea acerca do corpo feminino.

Por consequência, a fim de explorar o principal objetivo do presente trabalho, buscaremos entender como Gilman relacionava-se com seu próprio corpo e enxergava o papel do corpo feminino no período em que vivia. Com o intuito de obter tais respostas, uma breve biografia da autora destaca os pontos em que seu próprio corpo foi importante na construção de seu caráter, como sua relação com a maternidade e depressão pós-parto; a publicação de *O Papel de parede amarelo*; sua bissexualidade e, por fim, seu câncer que culminou em suicídio. A relação de Gilman com o movimento sufragista feminino e o socialismo, fatores que construíram muito de seu caráter, também são destacados.

No primeiro capítulo, intitulado “É claro que eram meninas [...] mas nenhum de nós teve certeza a princípio”: O corpo feminino em *Herland*, analisaremos o corpo e a sexualidade na utopia. No subcapítulo O corpo, focaremos no corpo feminino constituído pela autora na obra. Gilman propõe seres ao mesmo tempo andróginos e sem gênero na narrativa. As nativas

são uma mistura de feminino e masculino, enquanto, concomitantemente, são um gênero distinto, que subverte os padrões conhecidos por nós. Diferentemente do que se esperava delas, seu corpo é extremamente forte e grande, elas são altas e atléticas. As nativas são desprovidas de feminilidade de acordo com a descrição do homem narrador da história, o que propõe que o que conhecemos como feminino advém de uma construção estabelecida pelo discurso patriarcal. É notória a antecipação da autora acerca de discussões contemporâneas no que tange às performances de masculinidade e de feminilidade, fazendo da obra em questão demasiadamente vanguardista nesse aspecto.

Outra característica do corpo trabalhado por Gilman no romance é a sexualidade, tema explorado na subseção intitulada A sexualidade. Ao apresentar seres alheios ao ato sexual - assexuados - a autora acabou entrando em questões problemáticas que custam a ela, na contemporaneidade, a desvalidação de seu trabalho pelas feministas da quarta onda do movimento. Isso se deve ao fato de que, uma grande reivindicação feminina, hoje em dia, diz respeito à liberdade sexual das mulheres, por consequência, usa-se esse argumento para diminuir a obra aqui analisada. Esse debate, não pode ser excluído dessa análise, então, observaremos diferentes visões acerca desse aspecto da obra. Ademais, buscaremos explorar uma possível razão para essa escolha de posicionamento de Gilman.

Contudo, embora vários estudiosos apontem a controversa criação das mulheres assexuadas de Gilman – escolha que vai de encontro às suas obras de não-ficção -, outros temas importantes relativos à sexualidade feminina são abordados na narrativa e não são deixados de lado nessa pesquisa. São eles: a virgindade feminina, em que se espera castidade vinda da mulher, mas não do gênero oposto; e o estupro marital, pouco debatido ainda hoje e menos ainda na época da publicação do romance.

Sabendo que a maternidade é um dos temas principais da obra, e não há como deixar de atrelá-la ao corpo feminino, no segundo capítulo do presente trabalho, intitulado “Vocês são apenas homens num país povoado por mães”: Maternidade e Reprodução em *Herland*, relacionaremos reprodução e maternidade com o corpo feminino, procurando evidências de como esses estados contribuem para o controle dos homens sobre o corpo das mulheres; e como o poder sobre a reprodução da espécie se equipara ao domínio da sociedade como um todo.

No subcapítulo destinado à reprodução na obra, intitulado A Reprodução, exploraremos as maneiras com as quais as mulheres tinham controle reprodutivo até o fim da Idade Média e o porquê desse fator tê-las tornado inimigas do Estado. Destacaremos, também, a importância da reprodução de mão de obra para a manutenção do poder vigente em nossa

sociedade, fazendo um paralelo com *Herland*. A partenogênese, meio pelo qual as nativas engravidam, também terá destaque nesta subseção, já que foi uma solução encontrada pela autora para dar controle reprodutivo às personagens femininas.

Não só de pontos positivos o tema da reprodução se faz presente em *Herland*. Muito atrelado à sexualidade, o assunto também esbarra em problemáticas que vão de encontro à visão vanguardista do que entendemos como reprodução na contemporaneidade. A narrativa é um produto de sua época, logo, assume um discurso antiabortista e eugenista, além de trazer traços em que enaltece a raça ariana sobre as outras. Tais aspectos, não serão ignorados no trabalho em questão, já que busco não somente salientar as particularidades positivas referentes ao corpo na utopia, mas também suas controvérsias.

Por fim, no subcapítulo dedicado à maternidade, exploraremos as diferentes perspectivas a respeito da maternidade na obra: as comparações entre as mães dos Estados Unidos e da Terra das Mulheres e do período em que a obra foi escrita e da contemporaneidade. Analisaremos também o significado da maternidade na Terra das Mulheres que não é apenas um estado, mas toda a razão do viver das nativas do país, influenciando-as sócio culturalmente e embasando todas as suas atitudes e crenças. Ademais, observaremos as discussões entre os personagens da obra no que tange à paternidade e à maternidade.

A partir da contextualização histórica do período, entenderemos o papel da mulher no âmbito doméstico, evidenciando os conceitos de “anjo do lar” e de Culto à Domesticidade, que tinham como objetivo difundir as características ideais da “mãe perfeita”. Por fim, discutiremos o motivo pelo qual Gilman, uma mulher que acreditava na educação infantil creditada aos dois pais, e não somente à mãe, constituiu uma utopia cuja base social é a maternidade - motivo de grande discussão entre os críticos modernos.

1 “É CLARO QUE ERAM MENINAS, [...] MAS NENHUM DE NÓS TEVE CERTEZA A PRINCÍPIO”: O CORPO FEMININO EM *HERLAND*

Boys will be boys (1911)

“Boys will be boys,” and boys have had their day;
 Boy-mischief and boy-carelessness and noise
 Extenuated all, allowed, excused and smoothed away,
 Each duty missed, each damaging wild act,
 By this meek statement of unquestioned fact—
 Boys will be boys!

Now, 'women will be women.' Mark the change;
 Calm motherhood in place of boisterous youth;
 No warfare now; to manage and arrange,
 To nurture with wise care, is woman's way,
 In peace and fruitful industry her sway,
 In love and truth.

Charlotte Perkins Gilman

O poema "Boys will be boys" (1911) de Charlotte Perkins Gilman é uma reflexão sobre as normas de gênero e as expectativas sociais impostas a meninos e meninas. Ao comparar as expectativas de gênero sobre ambos na sociedade da época, o poema sugere que essas normas são socialmente construídas e reforçadas, destacando as diferenças nas expectativas impostas às mulheres em relação aos homens. A autora critica a ideia de que a conduta indisciplinada dos meninos é natural e aceitável, enquanto as mulheres são confinadas a um papel específico de maternidade.

Essas disparidades são evidentes na divisão das estrofes do poema: na primeira, a escritora enfatiza os estereótipos masculinos, enquanto na segunda, destaca os femininos. A expressão "Boys will be boys", em tradução livre meninos serão meninos, usada como título do poema e como primeira frase citada nele, é frequentemente utilizada para justificar a conduta inadequada de meninos, questionando a naturalidade com que seu comportamento travesso e descuidado é tratado. Na segunda estrofe do poema, a autora aponta para a mudança na expectativa de comportamento quando se trata das mulheres, destacando a

transição da juventude barulhenta para a serenidade da maternidade. Ela descreve como as mulheres são ensinadas a assumir o papel de mães e cuidadoras, sendo esperado delas que sejam calmas, organizadas e sábias no cuidado dos outros.

Herland espelha muitos dos pensamentos da autora acerca do tema supracitado no poema. Muito preocupada com a inserção feminina na esfera social, Gilman imagina a possibilidade de uma cultura em que a mulher pudesse verdadeiramente ter voz ativa, sem as amarras de gênero no romance utópico em questão.

Sabemos que a binarização dos papéis sociais de gênero perdura por séculos, logo, a chamada “guerra dos sexos” constituiu-se gradativamente na cultura ocidental. Com essa noção em mente, a autora do romance aqui analisado, procura evidenciar tal problemática social a partir da comparação entre a sociedade utópica imaginada por ela e os Estados Unidos do início do século XX.

Algumas autoras consagradas na área da sociologia, como Heleieth Saffioti (2011) e Sylvia Federici (2021), afirmam que a maneira como vemos os papéis socialmente impostos aos gêneros sexuais são heranças que se impuseram gradativamente no ocidente. De acordo com elas, as mulheres foram perdendo a liberdade, e não ao contrário, como o senso comum costuma afirmar.

Saffioti defende que, durante a época da caça e coleta, as mulheres eram tão importantes quanto, ou até mais, que os homens. Isso se dava, pois, além de os ajudarem na caça, seu trabalho como coletoras de alimentos era essencial: em períodos de escassez de carne, era o serviço de coleta feminino que garantia o alimento familiar. Já Federici, argumenta que o papel feminino era de igual importância ao masculino até a Era Medieval, grande parte do conhecimento agrícola e medicinal que se estabeleceu no ocidente ao longo dos anos, advém das mulheres desse período. A partir do declínio dos feudos e início do Mercantilismo, o poder vigente passou a constranger o gênero feminino ao âmbito doméstico, privando-o da vida em sociedade e estabelecendo leis que o marginalizavam.

Durante os séculos XVI e XVII, o fenômeno da caça às bruxas ganhou notoriedade por toda a Europa e é esse período que Federici utiliza para embasar a sua tese. Tal evento ocorreu, de acordo com a socióloga, devido à demonização das mulheres que iam de encontro às práticas religiosas e estatais. Era de interesse do Estado garantir a produção de mão-de-obra, já que o acúmulo de trabalhadores era sinônimo de riquezas, bem como da Igreja, que tinha influência no governo. A rebeldia, o controle reprodutivo e a sexualidade, foram justificativas que as duas instituições encontraram para marginalizar o gênero feminino, a fim de exercerem poder sobre as mulheres. Assim, enquanto as chamadas "bruxas" eram

subjugadas, constituiu-se "uma mulher estereotipada, fraca do corpo e da mente e biologicamente inclinada ao mal, o que efetivamente servia para justificar o controle masculino sobre as mulheres e a nova ordem patriarcal." (FEDERICI, 2021, p. 335).

Em *Herland*, é fácil perceber esses conflitos gerados pela dualidade entre os gêneros. Ao não encontrarem a "típica" mulher estadunidense, os três exploradores se deparam com mulheres – ao contrário da citação de Federici acima – fortes de corpo e mente e biologicamente inclinadas para o bem. Ou seja, a relação que os amigos prejulgam de fácil dominância, mostra-se conflituosa, uma vez que a ordem da sociedade encontrada é matriarcal, abalando, portanto, as verdades absolutas conhecidas pelos personagens masculinos.

Durante o período em que Gilman publicou o romance, o mundo vivenciava a Segunda Revolução Industrial, momento em que as mulheres passaram com mais veemência a serem vistas como reprodutoras de mão-de-obra. Elas constituíam grande parte dos trabalhadores nas fábricas, além de fornecerem trabalhos domésticos como lavadeiras e cuidadoras para as classes mais ricas. Também na virada entre os séculos XIX e XX, estabeleceu-se mais fortemente a noção das donas de casa – papel fundamental no funcionamento do capitalismo – que funcionavam como incubadoras estatais, fornecendo ao governo mais trabalhadores e cuidando da manutenção dos mesmos no âmbito privado.

O entre séculos XIX e XX, foi marcado não somente pela Segunda Revolução Industrial, mas também pelo crescimento dos movimentos sufragistas e socialistas, os quais Gilman apoiava e advogava a favor. É possível perceber, então, a influência do período em *Herland*. A autora flerta com a subversão dos estereótipos de gênero tão difundidos pela cultura americana e respinga em sua obra a luta feminina promovida pelo sufrágio, contrariando as normas sociais. Ademais, influenciada pelos ideais socialistas, cria uma terra perfeita, onde as mulheres podem ir e vir e são iguais entre si e perante a sociedade da Terra das Mulheres. Gilman questiona, também, o "anjo do lar", os trabalhadores cheios de filhos, a reprodução compulsória, os padrões de beleza e a visão deturpada da sexualidade.

Antes visto como igual e relevante para a comunidade, o corpo da mulher contemporânea deixou de ser de posse individual e passou a ser coletivo na sociedade capitalista do período. De acordo com a visão econômica da época em que a obra se passa, o corpo era uma máquina sujeita à alienação por parte das classes dominantes. Assim, o corpo das mulheres se sujeitava ao gênero masculino havendo, dessa maneira, "um sentido de dissociação com relação ao corpo, que vem redefinido e reduzido a um objeto com o qual a pessoa deixa de estar imediatamente identificada." (FEDERICI, 2001. p. 243, 244). Ou seja,

as mulheres deixavam de ter identidade própria sendo diretamente associadas a um homem sendo ele marido, irmão, pai, filho ou patrão.

À época em que Gilman publicou seu romance, os ideais de feminino e masculino estavam fortemente estabelecidos e influenciados pela economia: os homens encontravam-se no topo da pirâmide social, enquanto as mulheres, alocavam-se abaixo, sendo utilizadas, desse modo, não apenas para servir e reproduzir trabalhadores para o mercado capitalista, mas como degraus para que os homens obtivessem status e relevância, a fim de manter o sistema falocêntrico do período.

[...] a misoginia do discurso não é uma exceção irracional, mas sim um sistema rigidamente construído que requer a diferença como prerrogativa para estabelecer a positividade da norma. Nesse sentido, a misoginia não é um perigo, mas sim a necessidade estrutural de um sistema que só pode representar a "alteridade" como negatividade. (BRAIDOTTI, 1994, p. 80).¹⁸

É importante salientar que o topo da pirâmide social (a nobreza, o clero, o Estado), durante toda a história da humanidade, foi o responsável pela estabilização dos papéis não apenas dos gêneros, mas também das classes e das raças como os conhecemos. Às mulheres, atribuíram a feminilidade, a irracionalidade, a sensibilidade, a falta de inteligência, a vaidade, a mentira, entre outros. Já aos homens, foram estabelecidas noções de poder, vitalidade, força, inteligência, racionalidade e parcimônia. Ou seja, a realocação do corpo feminino no âmbito doméstico e a redução do seu papel social, constituíram a atribuição do saber racional aos homens e, conseqüentemente, a sua aquisição de poder. “[...] nossos ideais de Razão historicamente incorporaram a exclusão do feminino, e a própria noção de feminilidade vem sendo parcialmente construída através desse processo de exclusão.” (LLOYD: 1989, p. x).¹⁹

Para além das mazelas sociais enfrentadas pelas mulheres do início do século XX, o romance se preocupa, também, em solucionar um desejo pessoal de sua autora: a evolução do corpo feminino, que, no período, estava fortemente atrelado à feminilidade. O corpo feminizado, que condizia com os estereótipos de gênero, carecia de força física e vontade: as mulheres deveriam ser vaidosas, donas de casa recatadas e obedientes, que cuidavam da mão

¹⁸ No original: “[...] the misogyny of discourse is not an irrational exception but rather tightly constructed system that requires difference as pejoration in order to erect the positivity of the norm. [...] misogyny is not a hazard but rather the structural necessity of a system that can only represent ‘otherness’ as negativity.” In: BRAIDOTTI, Rosi. *Nomadic Subjects*. New York: Columbia University Press, 1994.

¹⁹ No original: “our ideals of Reason have historically incorporated an exclusion of the feminine, and that femininity itself has been partly constituted through such processes of exclusion.” LLOYD, Genevieve. *The Man of Reason: "Male" and "Female" in Western Philosophy*. In: LLOYD, Genevieve. *The Man of Reason: "Male" and "Female" in Western Philosophy*. 3. ed. Minnesota: University of Minnesota Press, 1989. cap. Introduction, p. x.

de obra capitalista – seus maridos e seus filhos. A esse respeito, Gilman acreditava ser artifício da cultura androcêntrica que visava constranger o gênero feminino ao âmbito doméstico de forma a influenciar a misoginia vigente, já que, as meninas, diferentemente dos meninos, não tinham acesso à educação formal e eram ensinadas por suas mães no campo privado (GILMAN, 2019).

Desta forma, Gilman critica na utopia a sociedade misógina do período, enquanto, paralelamente, apresenta aos seus leitores uma solução socialista e sufragista para tal problema. Não deixa de lado, também, seu ideal de perfeição humana ao constituir um novo corpo e uma nova sexualidade, assuntos que serão abordados a seguir.

1.1 O corpo

Michel Foucault, dedicou grande parte do seu trabalho a estudar a concepção de poder e relacioná-la à dominação dos corpos. Em *Microfísica do Poder* (1977) e *Vigiar e Punir* (1975), duas de suas mais célebres obras, o filósofo afirma que a dominação de corpos é fundamental para a permanência da classe dominante no poder.

Na obra *Vigiar e Punir*, o autor utiliza o termo “corpos dóceis” para referir-se aos grupos mais afetados pela dominância: “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1999, p.163). Embora o autor nunca tenha feito tais recortes em sua obra, podemos concluir que minorias como mulheres, negros e homossexuais, podem ser assim caracterizadas como corpos dóceis, uma vez que se sujeitam à dominação do poder vigente.

Já em *Microfísica do Poder*, o filósofo concentra-se em estabelecer sua teoria de que o poder não se constitui no Estado absoluto, mas em discursos de micropoderes em que estamos inseridos socialmente. Na introdução da obra, o professor Roberto Machado (ex-aluno do filósofo) explica os micropoderes defendidos por Foucault da seguinte forma: “Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação” (MACHADO, 2013, p. 12).

A revista francesa de geografia e geopolítica *Hérodote* (1977), retomando a obra de Foucault, *Vigiar e Punir*, relembra que o autor sugere “um modelo implícito do poder: uma disseminação de micropoderes, uma rede de aparelhos dispersos, sem aparelho único, sem foco nem centro, e uma coordenação transversal de instituições e de tecnologias”

(FOUCAULT, 2013, p. 159). Ou seja, segundo tal teoria, dissolvidos em todo o convívio social, os poderes perpassam nossos ciclos e relações, nos influenciando no micro para nos dominar no macro.

Uma das mais importantes preocupações de Michel Foucault refere-se às formas concretas de manifestações do poder. Principalmente as limitações produzidas no regime de saber, nas verdades produzidas pelo conhecimento, as quais ligam diretamente as formas de controle e de doutrinação de corpos, domesticados em prol de condutas desejáveis esperadas pelo corpo social. A partir de exemplos históricos perquire e esmiúça as engrenagens montadas e colocadas em funcionamento pelos detentores de determinadas posições de mando. (LOURENÇO, 2009, p. 17.).

O filósofo pós-moderno desenvolveu sua teoria afirmando que o poder não seria vertical, de cima para baixo, mas horizontal, espalhando-se em toda a sociedade. Portanto, temos influência e dominância uns sobre os outros, pois, carregamos em nós mesmos sistemas de punições e disciplinas inerentes que funcionam como manutenção do *status quo*. A misoginia, o racismo e a homofobia, por exemplo, que encontramos em nosso dia-a-dia, não advêm de uma autoridade absoluta, mas de relações de dominância religiosa, familiar, econômica, etc. sobre esses corpos dóceis que as estruturam de forma a tornarem-nas parte do sistema em que vivemos (FOUCAULT, 2013, p. 213-243).

Quanto ao domínio dos corpos, Foucault afirma também que o exercício do poder está diretamente ligado ao corpo e a sexualidade, não deve ser excluída dessa problemática. O teórico conclui que, em uma sociedade capitalista como a nossa, as noções de controle foram se modificando a fim de atenderem às demandas sociais do período e, ainda, afirma que nos anos 60, o controle sexual ganhou mais notoriedade. Isso pode ser concluído pois, nesse período, a medicina sexual sofreu grandes avanços com o advento da ciência reprodutiva (ENGELMAN, 2011).

Na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder... Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, metucioso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas [...] (FOUCAULT, 2013, p. 147,148).

Na obra *História da sexualidade*, a relação entre corpo e poder continua entrelaçada, principalmente no que tange ao corpo físico e não socialmente subjetivo, como nas obras anteriores de Foucault. O autor embasa mais profundamente nessa obra, os papéis de gênero

culturalmente impostos em comunidades androcêntricas, tema que vai ao encontro de *Herland*. Os padrões de feminilidade, sexualidade e comportamento femininos e a dominância e racionalidade masculinas, são assuntos desenvolvidos pelo filósofo na obra. O autor afirma, novamente, que a dominância masculina sobre o gênero feminino se dá, a partir de micropoderes como as instituições familiares, religiosas e psiquiátricas. Foucault, nessa obra, acrescenta que tais instituições sociais influenciam diretamente os comportamentos sexuais de homens e mulheres: a sexualidade, a virgindade e a masturbação. Segundo a obra, a sexualidade é um dos dispositivos de manutenção de poder que somos capazes de encontrar em nossos círculos sociais.

Tomando tais teorias como partida, podemos concluir, utilizando o contexto aqui estudado, que a dominância da classe masculina em uma sociedade advém de ideais de feminilidade, do vigiar sexual e também da marginalização do corpo feminino. A filósofa Susan Bordo afirma que a feminilidade é, dessa maneira, um dispositivo de docilização do corpo feminino, uma vez que ela determina os comportamentos das mulheres na sociedade a fim de manter o gênero masculino em posição de autoridade. Sobre esse aspecto, ela afirma que “os corpos femininos tornam-se o que Foucault chama de 'corpos dóceis': aqueles cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao 'aperfeiçoamento'" (BORDO, 1988, p. 20). Assim, uma comunidade cuja autoridade é essencialmente masculina, não seria possível sem as relações de poder sobre os corpos femininos encontradas nos círculos sociais em que convivemos. Por essa razão, a cultura em que Gilman se inseria à época de publicação de *Herland* reduzia as fronteiras da vivência feminina, transformando o manifesto narrado na utopia em oposição à cultura vigente e ao sistema que mantinha os homens no poder e as mulheres marginalizadas.

O corpo feminino não era dono de si em 1915, era moeda de troca mercantil: posse masculina, era passada de pai para marido e de marido para filhos. A fim de preservar sua dominação ocidental, os homens descobriram no gênero oposto um capital valioso, mercadoria - como vimos na introdução deste trabalho na ideia de *commodities* de Irigaray -, e o transformou em uma das principais engrenagens na máquina capitalista androcêntrica em que vivemos. Tendo em mente tal pensamento, a ideologia vigente transformou o corpo feminino a fim de fazê-lo parecer o mais atrativo possível, como um objeto a ser exposto em uma vitrine de loja.

Podemos constatar, a partir da teoria de Sylvia Federici (2021), que o *ser* mulher com a consolidação do capitalismo passou a ser atrelado à feminilidade. A falta de atributos tidos como femininos era considerada pecado para a Igreja pois supunha-se que mulheres não-

femininas tinham relação sexual com outras mulheres durante a Idade Média. Em certas épocas da história feminina, a prostituição foi legalizada, bem como o estupro (FEDERICI, 2018, p. 103-105), mas o que hoje identificamos como lesbianismo, não, pois dificultava o controle estatal na reprodução. Ou seja, a relação entre a falta de feminilidade e a sexualidade das mulheres, era motivo de medo da pena que sofreriam pelo Estado. O corpo feminino útil era o corpo feminizado, que condizia com os estereótipos de gênero: as mulheres vaidosas e as donas de casa recatadas e obedientes, que cuidavam da mão de obra capitalista - seus maridos e seus filhos.

O corpo é um dos temas centrais da utopia imaginada por Gilman em 1915. Os padrões estéticos da época estabeleciam os seios fartos e a clavícula como pontos de interesse, conseqüentemente, os vestidos passaram a ser mais decotados e com ombros à mostra. Com o advento da Era Industrial, industrializou-se, também, a moda, logo, o vestuário não era mais confeccionado em casa, e graças às máquinas de costura, passaram a ter mais ornamentos. Assim, ganharam espaço na moda vestidos detalhados e estampados com cintura estreita (mas não tanto, já que o uso dos espartilhos diminuiu) e saias volumosas que davam a impressão de quadris largos. O uso de chapéus como ornamentos também era muito comum entre as mulheres, principalmente as de classes nobres. Dessa maneira, o corpo em forma de ampulheta ganhava destaque como o belo, bem como os cabelos longos, que nunca deixaram de ser atrelados ao feminino.

A partir do século XX, os padrões estéticos e comportamentais atribuídos ao gênero feminino modificaram-se com extrema velocidade - a cada década, o corpo, o cabelo e o vestuário das mulheres sofreram grandes modificações. Todavia, estabeleceu-se, em geral, o corpo magro, torneado e curvilíneo, além dos cabelos longos e das vestes justas marcando as curvas como o ideal de feminilidade, e de desejo, para os homens.

Tendo tais padrões de beleza como referências, Gilman, em *Herland*, apresenta a seus leitores uma visão distinta do que seria o corpo feminino ideal. Apesar de muito preocupada com seu porte físico, a romancista não acreditava que seguir padrões de feminilidade era de utilidade para a sociedade: “[...] ela nunca usou um espartilho” (BOLICK, 2019. pos. 125)²⁰. A autora não seguia ideais que não eram caros à evolução humana e social. Seguindo este viés, na utopia de nosso interesse, o porte físico das nativas da Terra das Mulheres, não segue os traços de feminilidade impostos no início do século XX, as mulheres imaginadas pela

²⁰ No original: “[...] she never did wear a corset.” In: BOLICK, Kate. Introduction. In: *The Yellow Wall-paper, Herland and Selected Writings*. Penguin Classics, 2019. pos. 125.

autora não possuem a fisionomia considerada propriamente feminina. Dessa forma, os padrões de beleza estereotipados culturalmente são subvertidos no romance.

Nos chama a atenção alguns aspectos acerca do corpo feminino na obra que observaremos a seguir. São eles: a feminilidade, o etarismo, a moda, o porte físico e os padrões de gênero.

Usando o processo evolutivo das personagens como justificativa para a diferença entre as nativas da Terra das Mulheres e as estadunidenses, a autora esclarece sua tese acerca dos papéis de gênero argumentando que o *ser* homem e mulher independe de nossos atributos biológicos. A utopia nos mostra que o gênero sexual e os conceitos de masculinidade e feminilidade são construtos sociais, bem como a filósofa Judith Butler (1990) defenderia anos depois, em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*.

Podemos perceber o potencial vanguardista da obra de Gilman no que diz respeito à performance de gênero, ao observarmos que a autora se aproxima da visão defendida por Butler, que argumenta que o gênero é uma questão contextual, ou seja, sofre influência do meio. A escritora utópica, em *Herland*, prevê discussões que seriam tratadas anos após sua vivência, tais como o gênero como performance: “[...] fenômeno inconstante e contextual, [...] [que] não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER, 2003, p. 29).

Aquelas mulheres, cuja distinção essencial da maternidade era a nota dominante de toda a cultura, eram marcadamente deficientes no que chamamos de “feminilidade”. O que me levou rapidamente à conclusão de que os “charmes femininos” de que tanto gostamos não são nem um pouco femininos, mas mero reflexo da masculinidade - desenvolvidos para nos agradar porque elas tinham de nos agradar, nada essenciais para o desenvolvimento de propósitos maiores.” (GILMAN, 2018, p. 70).

A esse respeito, não podemos deixar de lado, é claro, a clássica citação de Simone de Beauvoir, grande personalidade da segunda onda do movimento feminista que, bem como Butler e Gilman, atribuiu os gêneros a construtos intrinsecamente impostos pelo poder vigente. O que entendemos como feminino e masculino não são características biologicamente inatas, mas padrões impostos socialmente a fim de definir nosso comportamento.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.” (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Os três exploradores esperavam encontrar lindas garotas na Terra das Mulheres, que atendessem aos padrões estéticos e feminilizados estadunidenses, mas se surpreendem ao

adentrar no local. A primeira impressão que têm é da existência de "velhotas", como afirma Terry, "coronéis" e "vovós", deixando-o desapontado. Terry é o personagem masculino mais incomodado com esse fato, já que, sendo o estereótipo do machismo, é inconcebível para ele a impossibilidade de comunicação com moças jovens. Os substantivos e adjetivos usados pelo personagem para descrevê-las, é um artifício que tem como objetivo diminuí-las por conta de sua idade. “Todas acima dos quarenta, posso jurar. [...] Seria como atirar em minhas tias.” (GILMAN, 2018. p. 29). É interessante ponderar a respeito desse fator, uma vez que não é comum que a beleza seja associada às pessoas mais velhas e quando pensamos em padrões, nos vem à mente a juventude.

Em *Herland*, as mulheres mais velhas são fortes e atléticas, sábias e racionais. Pouco há nelas, fisicamente, que indique sua verdadeira idade - elas não são frágeis senhoras gordinhas, baixinhas e grisalhas, estereótipo típico de nossa sociedade. As velhas, na chamada Terra das Mulheres, são admiradas por sua sabedoria e ocupam lugar de destaque na cultura matriarcal, trabalhando como conselheiras, sacerdotisas, professoras e cuidadoras.

Ao pensarmos em idosas, é comum que nos venha à mente o estereótipo das “vovós” difundido pela mídia, contudo, no início do século XX, em que a juventude era cada vez mais almejada, as avós já se distanciavam consideravelmente das idosas baixinhas e gordinhas com cabelos grisalhos que avistamos em novelas e filmes: "se destacam hoje, mais além da imagem tradicional de ranzinhas ou de doces avozinhas, como mais dinâmicas, saudáveis, livres, sexuadas e criativas do que as de sua geração em épocas anteriores.” (BRITTO DA MOTTA, 2011. p. 1).

Em muitos aspectos e em diferentes graus, a idade para as mulheres acaba sendo sinônimo de esquecimento, enquanto aos homens, atribui-se sabedoria. O fenômeno da caça às bruxas é um bom exemplo de como a idade era justificativa para condenar uma mulher, já que a figura da bruxa era, por muitas vezes, representada por uma senhora idosa, muitas vezes sem marido e filhos (FEDERICI, 2021).

Gilman não exclui tais mulheres de sua comunidade perfeita, pelo contrário, as exalta como figuras sábias e influentes, bem como o eram no passado, quando suas habilidades como curandeiras, agricultoras e parteiras eram valorizadas pelas comunidades em que viviam. Van, o narrador na obra, divaga a respeito desse assunto, confessando que não passou por suas cabeças a possibilidade de mulheres de meia idade e idosas viverem na Terra das Mulheres.

Em todas as nossas discussões e especulações, sempre assumimos de forma inconsciente que as mulheres, independentemente de suas outras características,

seriam jovens. É como a maioria dos homens pensa, imagino. “Mulher”, em sua forma abstrata, é uma pessoa jovem e presumivelmente encantadora. Conforme envelhecem e passam desse estágio, de algum modo se tornam quase propriedade privada, ou simplesmente deixam de ser chamadas daquela maneira. (GILMAN, 2018, p. 30).

Outro aspecto relacionado ao corpo feminino que chama a atenção na obra é a moda. Já que Gilman viveu e publicou durante grande parte da Industrialização na América do Norte, seus trabalhos refletiam os problemas enfrentados pelas mulheres que faziam parte do sistema. Embora a virada do século XIX para o XX tenha sido marcada pela confecção têxtil em massa, e grande parte da mão de obra das fábricas de roupas fosse feminina, seu vestuário não era adequado para o trabalho. Ou seja, as mulheres continuavam vestindo roupas desconfortáveis, dificultando, ainda mais, seu serviço. Tendo isso em mente, Gilman idealizou, em *Herland*, a moda perfeita para mulheres com ofício na esfera pública.

As nativas da Terra das Mulheres desenvolveram durante os séculos roupas adequadas para seu trabalho, deixando de lado a vaidade tão endeusada e almejada na época. “Elas chegaram a vestimentas muito sensatas” (GILMAN, 2018, p. 36). Confeccionaram macacões com diversas aberturas e bolsos, que possibilitavam estocar comida e guardar ferramentas operadas por elas no dia-a-dia. “As roupas daquelas mulheres tinham uma quantidade surpreendente de bolsos, tanto em número quanto em variedade. Existiam em todas as peças, e as ceroulas de corpo inteiro, em particular, eram repletas deles.” (GILMAN, 2018, p. 48).

O conforto era essencial em suas vestes, já que a maioria de seus serviços exigia atividades de esforço físico. Os chapéus que utilizavam eram úteis como abrigo do sol e não como ornamentos para os cabelos, o uso de gorros para proteção do clima também era bem-vindo. Desse modo, as vestimentas das mulheres da obra não seguiam modelos impostos pela sociedade a fim de satisfazer a vaidade feminina e os olhares masculinos, mas eram, nada mais do que abrigos para o corpo e ferramentas para seus encargos. “Elas mesmas disseram só usar chapéu para se proteger do sol durante o trabalho; eram chapéus grandes de palha [...] No frio, usavam capas e capuzes.” (GILMAN, 2018, p. 61).

A função primária das roupas de proteger o corpo do ambiente é a única estabelecida na obra. Contudo, há também fatores estéticos e simbólicos que devem ser levados em consideração quando analisamos os códigos de vestimenta. Embora na contemporaneidade muitas marcas empenhem-se em comercializar peças *unissex*, no período de publicação de *Herland*, as distinções entre as modas masculina e feminina eram extremamente marcadas e criadas, a fim de satisfazerem o imaginário masculino. Assim, vestir as nativas com macacões

- peças vestidas tanto por homens, quanto por mulheres - nos faz refletir a respeito da influência que a indústria têxtil tem sobre nossos corpos e na caracterização dos gêneros.

Diana Crane (2006), citando Judith Butler, afirma que “o gênero é comunicado através de desempenhos sociais que envolvem, por exemplo, a adoção de certos estilos de vestimenta e tipos de acessórios e maquiagem, mas o eu não é inteiramente masculino ou feminino.” (CRANE, 2006, p. 51). Ou seja, os estereótipos de gênero influenciam diretamente a ditadura da moda que, por sua vez, retroalimenta tais estereótipos. Portanto, os códigos de vestimentas socialmente impostos na sociedade dependem dos padrões de gênero e vice-versa.

Cabem, aqui, comparações com a moda da contemporaneidade, já que embora o desconforto fosse tema de debate desde a fabricação dos espartilhos, hoje em dia, as tendências de roupas femininas não ficam muito longe do que eram no passado. A falta de bolsos em calças femininas, o que obriga o uso de bolsas como acessório para carregar objetos, ainda é uma problemática; as roupas femininas são, em geral, apertadas, dificultando a movimentação; além disso, os sapatos machucam os pés, sendo eles de salto ou não.

A moda feminina é uma verdadeira ditadura, já que as mulheres vivem em eterno desconforto a fim de seguirem seus padrões. Compreendendo a correlação entre moda e gênero, podemos concluir que manter as mulheres presas ao incômodo da moda destinada a elas é proposital, uma vez que sua movimentação acaba sendo restringida: o corpo feminino torna-se incapaz de realizar certas tarefas, bem como os corpos dóceis de Foucault. Gilman trazia esses pontos em 1915, mas nos anos 2020, a falta de conforto e praticidade ainda é um problema a ser solucionado.

Toda a história da moda feminina desde 1910 até agora pode ser vista como uma série de campanhas com maior ou menor sucesso para fazer as mulheres voltarem a estilos desconfortáveis, mas não só com o desejo de ostentação e para assegurar a propriedade sexual, mas também e, mais ainda, para prejudicar as mulheres em sua competição profissional com os homens, na apropriação da arena política, no encaminhar-se livremente em todas as áreas do espaço social e cultural humano. (STREY, 2000, p. 154).

Susan Bordo, relaciona o desconforto da moda, também, à definição de belo. Em *Gênero, Corpo e Conhecimento* (1988) e *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body* (1993) a autora afirma que os transtornos alimentares acometidos pelas mulheres no final do século XX estavam diretamente ligados à noção de beleza estabelecida pelos desfiles de moda. A magreza tornou-se sinônimo de juventude, característica buscada incessantemente pelas mulheres contemporâneas (HEINZELMANN, ROMANI, LESSA, STREY, SALDANHA, 2014).

[...] nós, mulheres, estamos gastando muito mais tempo com o tratamento e a disciplina de nossos corpos, como demonstram inúmeros estudos. [...] Por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem, e o vestuário. [...] Nos casos extremos, as práticas da feminilidade podem nos levar à absoluta desmoralização, à debilitação e à morte. (BORDO, 1988, p.20)

O termo *fashion kills*, em tradução livre “a moda mata”, relaciona-se, então ao trabalho árduo para alcançar o belo: é necessário curvar-se à ditadura da moda que atribui roupas desconfortáveis às mulheres e também à magreza excessiva difundida por desfiles e ensaios fotográficos, a fim de alcançar o tido como belo. Ou seja, o corpo feminino deve ser constantemente transformado a fim de atender às demandas da moda estabelecidas para alcançar o que o olhar masculino entende como agradável aos olhos.

Em nossa cultura nenhuma parte do corpo feminino foi deixada intacta, inalterada. Nenhum aspecto ou extremidade é poupado da arte, ou dor, do aprimoramento [...] da cabeça aos pés, cada parte do rosto de uma mulher, cada seção do seu corpo é sujeita a modificação e a alteração. Essa alteração é um processo contínuo e repetitivo. Isso é vital para a economia, é o principal objeto da diferenciação entre os papéis de homem e mulher, é a realidade física e psicológica mais imediata do ser mulher. (DWORKIN, 1974, p. 113-114).²¹

Podemos tomar como exemplo de questionamento a tal prática da indústria da moda, a música intitulada “Pretty Hurts”, em português “A beleza machuca”, da cantora Beyoncé, lançada em 2013. Em seu refrão, a canção afirma que a “perfeição é a doença da nação”²², Beyoncé faz na composição um apelo à sociedade que impõe padrões de beleza inalcançáveis às mulheres. Em clipe, a cantora representa um concurso de beleza nos Estados Unidos, comumente chamado de desfile de misses no Brasil, em que mostra ao público as mazelas enfrentadas pelas concorrentes que ferem a si mesmas e as suas adversárias a fim de agradar os jurados e ganhar o título de mais bela na competição.

Dessa maneira, as mulheres da utopia de Gilman diferem-se da imposição da moda, tanto no que tange às suas roupas, quanto ao padrão de beleza feminino. A autora subverte estereótipos de gênero na obra ao constituir um corpo feminino diferenciado nas nativas. Como dito anteriormente, o formato ampulheta era almejado pelas mulheres e erotizado pelos homens da época, bem como os cabelos longos, entretanto, a narrativa nos apresenta mulheres

²¹ No original: “In our culture, not one part of a woman’s body is left untouched, unaltered. No feature or extremity is spared the art, or pain, of improvement. [...] from head to toe, every feature of a woman's face, every section of her body, is subject to modification, alteration. This alteration is an ongoing, repetitive process. It is vital to the economy, the major substance of male-female role differentiation, the most immediate physical and psychological reality of being a woman. In: DWORKIN, Andrea. *Woman-Hating*. New York: Dutton, 1974, p. 113-114.

²² No original: “perfection is the disease of the nation”. In: BEYONCÉ, SIA, COLEMAN, Joshua. *Pretty Hurts*. In: Beyoncé. *BEYONCÉ*. [S.I.]. Columbia Records e Parkwood Entertainment, 2013. 1 CD. Faixa 1. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LXXQLa-5n5w&ab_channel=Beyonc%C3%A9VEVO. Acesso em: 6 de Abril de 2023.

alheias a esses padrões. Seus corpos evoluíram geneticamente, adaptando-se a fim de atender às demandas culturais da Terra das Mulheres, que visavam, mais urgentemente, compensar a falta de homens no ambiente, por esse motivo, as diferenças entre as estrangeiras e as nativas são tão evidentes.

“É claro que eram meninas. Meninos nunca teriam aquela beleza resplandecente, mas nenhum de nós teve certeza a princípio.” (GILMAN, 2018. p. 24), afirma Van, o narrador da obra ao avistá-las pela primeira vez. Diferentemente das moças americanas conhecidas pelos três exploradores, as nativas não possuem traços de feminilidade comumente atribuídos às mulheres.

Os personagens do sexo masculino apresentam certa dificuldade para atribuir a elas traços femininos, isso ocorre pois elas não são propriamente feminizadas no que diz respeito ao seu porte físico “- Nunca vi um bando tão pouco feminino” (GILMAN, 2018. p. 84), Terry, inclusive, as compara ao sexo masculino em algumas passagens: “Garotos! A maioria não passa de garotos. Um grupo pouco amigável e desagradável. [...] não têm nada de garotas!” (GILMAN, 2018. p. 99). Ademais, as personagens não permitem que seus cabelos fiquem compridos “- Se usassem cabelos compridos seriam muito mais femininas [...] estamos convencidos de que cabelo comprido ‘pertence’ a mulher [...] também senti falta do cabelo longo.” (GILMAN, 2018. p. 41).

Seus rostos, de acordo com eles, embora belos, são uma mistura de gêneros. Sua raça, superior pois não havia patologias em sua civilização. “Como raça, eram altas, fortes, saudáveis e bonitas.” (GILMAN, 2018. p. 89). Elas também são extremamente altas, o que diverge da altura padrão das mulheres ocidentais, que são, em geral, mais baixas que os homens.

Além disso, sua força física é impressionante e causa extrema estranheza para os exploradores, pois, acreditavam eles antes de conhecê-las, que elas nunca seriam páreo para os três, contudo, elas os superaram com facilidade por que “Com a falta do porte masculino em seu corpo social, o físico das mulheres se adaptou a fim de que elas pudessem fazer trabalhos braçais e que demandassem esforço hercúleo, assim, elas se tornaram guerreiras hábeis.” (TULHER, p. 150). Ou seja, o problema da falta de indivíduos masculinos na sociedade matriarcal foi sanado com a adaptação de seu porte físico para a realização do trabalho braçal, transformando as mulheres em grandes atletas, com força sobre humana e firmeza em seus atos.

A solidez daquelas mulheres era impressionante. Terry logo se deu conta de que era inútil insistir [...] Elas o pegaram [...] Imediatamente cada um de nós foi segurado

por cinco mulheres, cada uma pegando um braço, uma perna ou a cabeça; fomos levantados como crianças. Crianças indefesas tentando se soltar, brigando de fato, mas sem sucesso. Fomos conduzidos para dentro, lutando com garra, porém segurados com firmeza, apesar de nossos esforços. (GILMAN, 2018, p. 33).

Wollstonecraft (1792), discutindo a respeito da relação entre corpo e mente, nos traz à reflexão a maneira com que mulheres com conhecimento eram tidas como menos femininas, uma vez que o saber era restrito ao gênero masculino. A autora discorda de tal pensamento, afirmando que a força do corpo e da mente estão interligadas, nos fazendo concluir que a feminilidade não está atrelada à aparência física nem à sabedoria do gênero feminino.

Sei que os libertinos também exclamariam que a mulher seria despojada de seu sexo ao adquirir força física e mental, que a beleza, suave beleza que enfeitiça! Não mais adornaria as filhas dos homens. Tenho uma opinião diversa, pois acredito que, ao contrário, veríamos, então, uma beleza dignificada e uma graça verdadeira; para sua produção concorreriam muitas causas físicas e morais poderosas. Não uma beleza descansada, é verdade, nem as graças de um ser indefeso, mas aquelas que parecem fazer-nos respeitar o corpo humano como um majestoso sustentáculo apropriado para receber um nobre habitante, nas relíquias da Antiguidade. (WOLLSTONECRAFT, 2017, p. 216).

Tendo em vista tais características, Gilman não criou somente mulheres subversivas em relação as que conhecemos em nossa sociedade, mas também uma crítica aos padrões de gênero impostos no período em que vivia. A autora não trocou os papéis de gênero em sua obra, mas criou uma nova versão de feminilidade, isso, pois os gêneros não são invertidos em *Herland*, isto é, as nativas não possuem características masculinas e vice-versa, mas, constitui-se uma nova forma de se enxergar o significado de gênero e de masculinidade e feminilidade.

A obra critica, pois, os padrões de beleza em geral, não somente os femininos. Não há afirmação de que o padrão do gênero masculino é superior ao seu oposto, visto que a narrativa não atribuiu suas características às mulheres de *Herland*, nem o contrário ocorre: “tinham eliminado não apenas determinadas características masculinas, pelas quais é claro que nem procuramos, mas tanto do que sempre havíamos pensado como essencialmente feminino.” (GILMAN, 2018, p. 68 - 69). O romance aqui analisado nos adverte que o gênero ideal não se encaixa no que conhecemos, não é uma simples divisão entre masculino e feminino. Podemos compreender na narrativa que, a não-binarização de padrões socialmente impostos aos gêneros sexuais é a solução dada pela romancista para a imposição dos padrões de beleza.

As personagens femininas da obra possuem características físicas dos dois gêneros sexuais difundidos pela ideologia do “olhar masculino” em nossa sociedade. “Aqueles mulheres eram atléticas: leves e poderosas” (GILMAN, 2018, p. 32), concomitantemente, elas não se encaixam em sua totalidade em nenhuma das duas noções. Podemos concluir que as

mulheres idealizadas por Gilman são seres andróginos, já que apresentam uma mistura entre os gêneros:

[...] a androginia sugere a combinação de atributos femininos e masculinos, eliminando a suposição do dualismo de gênero. Não assume nenhuma ligação entre sexo biológico e gênero psicológico e pretende essencialmente que as mulheres se libertem das orientações comportamentais adequadas ao seu sexo (NOGUEIRA, 2001, p. 184).

Ao mesmo tempo, podemos recorrer aos termos *ungendered* ou *genderless*²³ para defini-las, já que as nativas da Terra das Mulheres não se encaixam nem no gênero feminino, nem no masculino, apresentando neutralidade a esse respeito. À primeira vista, caracterizá-las como andróginas e *ungendered* pode parecer confuso uma vez que os termos se opõem, contudo, os utilizo aqui, visto que, não é possível colocá-las em apenas uma caixa, já que rotulá-las como andróginas não abrangeria todos os seus atributos, bem como limitá-las ao termo *ungendered* também não o faria. “- Sabemos que, para vocês, não parecemos mulheres. É claro que em uma sociedade com dois sexos as diferenças devem se intensificar. [...]” (GILMAN, 2018, p.101).

Gilman cria um novo olhar sobre os gêneros sexuais em *Herland*, tornando viável uma terceira via em que seria possível a mistura ou negação da binarização entre eles. Nota-se, então, a visão vanguardista da autora já que ela viabilizou esse tipo de discussão anos antes da pauta ser, enfim, debatida. Na atualidade, as discussões acerca de androginia, não-binarização, gênero neutro, entre outros, estão em voga, contudo, há 100 anos, quando *Herland* foi publicado, esse assunto não era, sequer, tratado como necessário para que pudesse ser debatido.

Ou seja, em *Herland*, foram concebidas por Gilman personagens andróginas e *ungendered* antes que tais conceitos fossem socialmente estabelecidos. A obra mostra-se à frente de seu tempo nesse aspecto, sugerindo que a solução para os problemas de gênero na sociedade seria o fim do que conhecemos como feminino e masculino e a ascensão de algo novo, uma terceira via que não se limitaria à binarização dos gêneros. Tal proposta seria ao mesmo tempo andrógina, em virtude da combinação entre ambos os gêneros e *ungendered/genderless*, devido à neutralidade.

Entre nós, as mulheres são tão diferentes de nós e tão femininas quanto possível. Os homens têm seu próprio mundo, povoado apenas por eles; então nos cansamos do excesso de masculinidade e nos viramos com alegria para o excesso de feminilidade. Mantendo nossas mulheres tão femininas quanto possível, garantimos que, quando precisamos delas, encontramos de imediato aquilo que procuramos. Bem, a atmosfera

²³ As traduções para os termos em questão na Língua Portuguesa seriam “agênero” ou “gênero neutro”, contudo, por falta de consenso com relação ao vocabulário, aqui opto por manter esses conceitos em inglês.

da Terra das Mulheres era tudo menos sedutora. Nada naquelas mulheres, sempre em comparação com as nossas, era atraente para nós.” (GILMAN, 2018. p. 142-143).

Dessa maneira, podemos entender o novo corpo concebido em *Herland*, como um artifício utilizado pela autora para criticar os padrões de gênero estabelecidos pela cultura vigente. As problemáticas vividas pelas mulheres entre os séculos XIX e XX, como os padrões de beleza e comportamentais impostos pelos princípios patriarcais, o conceito de feminilidade e a ditadura da moda que visava a estética e não o conforto foram solucionados tendo em vista uma terceira via que não exclui nem um gênero, nem outro.

O estabelecimento de trajés que tinham como objetivo a praticidade e o conforto e, que serviam tanto para homens, quanto para mulheres, resolveu a problemática da moda na utopia. Ademais, a narrativa nos apresenta uma sociedade em que a idade não é uma justificativa para a exclusão social de um indivíduo, nos mostrando mulheres idosas em postos de comando. Já no que tange ao físico, estabelecer traços propriamente masculinos como a força e a altura, excluir a obrigação dos cabelos longos. Nesse sentido, misturar atributos masculinos e femininos na face das personagens, foram os recursos utilizados pela autora para solucionar os males impostos pelos padrões estéticos da época na obra. Por fim, no que concerne à crítica à feminilidade, o romance determina que o conceito é mera criação social, logo, como na civilização de *Herland* não há distinção entre gêneros, não é viável a existência do termo.

1.2 A sexualidade

A partir do subcapítulo anterior, podemos concluir que o controle do corpo feminino é um artifício socialmente imposto pela nossa cultura, que tem como objetivo a manutenção de ideologias vigentes. Ademais, percebemos, a partir das obras de Judith Butler, que o gênero não nos é biologicamente imposto, mas a cultura em que vivemos influencia nossas práticas quanto às performances masculina e feminina. A história da marginalização do corpo feminino nos conta, também, que uma das maneiras mais evidentes de domínio masculino e punição desses corpos femininos é o controle da sexualidade, como observamos nas teorias de Michel Foucault.

Segundo Foucault, nas obras do conjunto *História da Sexualidade* e em *Microfísica do poder*, a sexualidade da mulher está atrelada à criação da ciência sexual, a qual tinha como

objetivo marginalizar certos grupos, a fim de diferenciá-los da esfera masculina dominante. Por esse motivo, viraram tabu a mulher histérica, a criança masturbadora e os homossexuais, ou seja, pessoas que desafiavam a reprodução humana, grande fonte de poder capitalista. (FOUCAULT, 2013, p. 243-276).

Foucault também enfatiza em suas obras, a maneira com a qual a cultura ocidental lidava com a sexualidade feminina. A sociedade como um todo, tratava a relação sexual entre homens e mulheres no início do século XX de maneiras distintas. Estimulava-se o prazer sexual aos homens, já à mulher, a prática era desmotivada. O sexo pode ser percebido, dessa maneira como um dos dispositivos de dominação do corpo masculino ao feminino. O autor faz uma breve historiologia a respeito do tema e enfatiza as cirurgias clitorianas realizadas em meninas no final do século XIX, período próximo à publicação de *Herland*.

Sim... no século XVIII, o problema do sexo era o problema do sexo masculino, e a disciplina do sexo era colocada em prática nos colégios de meninos, nas escolas militares, etc. Depois, a partir do momento em que o sexo da mulher começou a adquirir importância médico-social, com os problemas correlatos da maternidade, do aleitamento, etc., a masturbação feminina adquire importância. Parece que no século XIX foi ela que prevaleceu. No fim do século XIX, em todo caso, as grandes operações cirúrgicas tiveram as meninas por objeto. Eram verdadeiros suplícios: a cauterização clitoriana com ferro em brasa era, senão corrente, ao mesmo relativamente frequente na época. Via-se, na masturbação, algo de dramático. (FOUCAULT, 2013. p. 266).

Tomando a teoria a respeito de dominância que notamos anteriormente, é possível concluirmos que o controle do sexo - atribuir estereótipos ao ato - é uma ferramenta de ideais patriarcais dominantes que incentivam a permanência masculina no poder e a subalternação feminina na base da nossa cultura. Tal artifício, não era novidade no período em que Gilman viveu, muito menos quando Foucault publicou a *História da Sexualidade I* (1976). Durante a Idade Média, a Igreja Católica tinha o costume de distribuir folhetos com regras sexuais, além de conceder penitências aos que não sucumbiam às suas diretrizes:

[...] A Igreja tentou impor um verdadeiro catecismo sexual, prescrevendo detalhadamente as posições permitidas durante o ato sexual (na verdade só uma era permitida), os dias em que se podia fazer sexo, com quem era permitido e com quem era proibido. (FEDERICI, 2021, p. 81).

Compreendendo isso, o romance de Gilman pode ser analisado com um viés bastante indagador acerca da sexualidade feminina, assunto este diretamente ligado ao corpo e à feminilidade. Em alguns aspectos que serão abordados a seguir, a obra questiona o acordo social sobre o tema.

É imprescindível, contudo, deixar claro que Charlotte Perkins Gilman, é bastante questionada por feministas na contemporaneidade, no que tange à sexualidade feminina. A

autora em questão acaba tocando em assuntos delicados a respeito do tema em *Herland*, reforçando, em muitos momentos da narrativa, pensamentos androcêntricos acerca dessa questão. Tais problemáticas não serão ignoradas no presente trabalho, entretanto, para que possamos analisar todos os aspectos relacionados à sexualidade no romance, observemos a seguir como o tema era tratado no período em que a autora publicou a utopia.

Na perspectiva do historiador Alain Corbin em *História do corpo 2* (2009), as últimas décadas do século XIX correspondem ao início de uma revolução no que tange à sexualidade, que culmina nos primeiros estudos de Freud, no início do século XX (CORBIN, 2009, p. 234). As primeiras teorias psicanalíticas acerca do tema contribuíram para a manutenção do pensamento machista da época. Recorrendo à ciência como argumento, Freud, considerado o pai da psicanálise, no início do século estimulou a marginalização feminina ao cunhar o termo “inveja do pênis” a fim de justificar o papel da sexualidade feminina em uma sociedade falocêntrica. Embora a psicanálise seja um assunto de relevância para o trabalho em questão, não é escopo dessa pesquisa uma análise psicanalítica profunda; concentremo-nos, então, somente nas teorias freudianas acerca da sexualidade, para que possamos compreender o contexto científico em que *Herland* foi publicado.

De acordo com a teoria freudiana, no que concerne à feminilidade, esta começa na infância quando, segundo o psicanalista, só há um único sexo - o masculino - e a menina precisa transicionar para a sexualidade feminina. O autor explica que esse fenômeno acontece na puberdade, quando a menina deixa de sentir prazer sexual clitoriano e passa a senti-lo através do canal vaginal (FREUD, 1908).

Freud utiliza a mesma teoria para explicar o conceito de “histeria”, diagnóstico este causado pela negação feminina a tal transição. Ou seja, caso haja uma recusa em negar o prazer clitoriano, a mulher negaria, também, sua feminilidade e tal ato comprometeria a sua sexualidade natural, resultando em tal condição.

Nessa mudança da zona erógena dominante [do clitóris para a vagina], assim como na onda de recalçamento da puberdade, que elimina, por assim dizer, a masculinidade infantil, residem os principais determinantes da propensão das mulheres para a neurose, especialmente a histeria. Esses determinantes, portanto, estão intimamente relacionados com a natureza da feminilidade (FREUD, 1989, p. 208).

Outra característica da sexualidade que na teoria freudiana explica e reforça o falocentrismo é a chamada inveja do pênis. Na obra *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908), - anos antes da publicação de *Herland*, quando a psicanálise dava seus primeiros passos - o autor afirma que todas as crianças acreditam possuir um pênis, contudo, as

meninas, ao perceberem sua ausência, passam a sentir inveja do gênero oposto, dedicando a sua vida a buscar algo que supra essa falta.

Observa-se com facilidade que as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos têm do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por essa parte do corpo masculino, interesse que é logo seguido pela inveja. As meninas julgam-se prejudicadas (...) e quando uma delas declara que 'preferiria ser um menino', já sabemos qual a deficiência que desejaria sanar (FREUD, 1976, p. 221).

As relações de gênero, segundo a teoria, constroem-se a partir da oposição entre o pênis e o não-pênis. Podemos constatar que o gênero feminino não é visto como outro em relação ao masculino, mas como resultado da "falta", da castração. O falo torna-se, dessa forma, o centro das relações sociais, uma vez que sua procura (por parte feminina) e o medo de sua perda (por parte masculina), justificam a sexualidade como um todo (MULVEY, 1999, p. 840).

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), Freud argumenta que como a mulher já nasce sem o pênis, o medo da castração, comum ao gênero oposto, é substituído pelo temor da perda do amor. A busca pelo pênis, segundo o autor, torna-se a busca por um bebê, por consequência, o pênis deixa de ser o órgão sexual para Freud e passa a ser algo simbólico e substituível (FREUD, 1976, p. 223). Na mesma obra, a inveja do pênis é colocada, também, como justificativa para o ciúme exacerbado da mulher, para o abandono da masturbação clitoriana, e para o sentimento de inferioridade com relação ao homem; o reconhecimento dessa distinção anatômica é, logo, o fator que afasta a menina da masculinidade na puberdade e a aproxima do ideal de feminilidade daquele período.

Enquanto Gilman publicava *Herland*, a sexualidade feminina, tomando como partida a psicanálise - escola esta que buscava justificativas para a repressão das mulheres (SOHN, p. 121) - era observada por três vieses: a histeria, a masculinidade e a maternidade. Resumindo as teorias freudianas, a histeria, diagnóstico comum às mulheres com problemas psiquiátricos da época, era causada pela negação da transição entre prazer clitoriano para o prazer vaginal; o complexo de masculinidade era atribuído às lésbicas, que negavam a transição entre masculinização e feminilidade na puberdade; e, por fim, a maternidade era considerada a feminilidade verdadeira, tratava-se das mulheres que, ao perceberem a falta do pênis o buscavam na forma de um filho (MARQUES, 2004, p. 29-30).

Portanto, Gilman viveu no período em que se estimulava cirurgias clitorianas pois a masturbação feminina era considerada problemática, também vivenciou as teorias psicanalíticas que argumentam a respeito da inferioridade feminina. Dessa maneira, o período

de publicação da utopia aqui analisada era bastante hostil no que tange à sexualidade feminina, à feminilidade e ao papel social feminino. Lembrando-nos de que Gilman, era engajada nas causas sociais das mulheres e fazia parte da maior organização feminina dos Estados Unidos, portanto, era de se esperar que *Herland*, bem como a maioria de suas obras, sofresse bastante influência desse momento sociocultural.

No ocidente do início do século XX, esperava-se o sucesso masculino no que tange à prática sexual. A infidelidade masculina era comumente aceita, bem como sua negligência no matrimônio. Já à mulher, o mesmo comportamento era considerado errôneo, pois supunha-se que o sexo feminino fosse frívolo e que sua sexualidade fosse meramente reprodutiva (SOHN, 2011). Não era incomum que a sociedade como um todo acreditasse que as mulheres não gostavam de sexo, que o evitavam e que as que gostassem fossem classificadas como sujas e más.

Personagens contrárias a tal senso comum são encontradas com muita facilidade na literatura, as mulheres sexualmente livres, que não se prendem aos estereótipos de gênero estabelecidos pela sociedade são, em geral, consideradas vilãs de suas obras. A Esposa de Bath em *Contos da Cantuária* (1387) idealizada por Chaucer, é um exemplo desse tipo de mulher; bem como Lady Macbeth e Catarina nas obras *Macbeth* (1606) e *A megera domada* (1623), respectivamente, de Shakespeare, e Hester Prynne em *A Letra Escarlata* (1850), por Nathaniel Hawthorne. Na Bíblia Sagrada também há representações de tais “vilãs” como Lilith e Maria Madalena, figuras condenadas pelos cristãos. Já na literatura brasileira, tal representação também se faz presente, com a personagem Capitu, de *Dom Casmurro*, por Machado de Assis (1899), uma das personagens femininas mais emblemáticas do cânone literário brasileiro.

Foi somente anos após a publicação de *Herland*, que a dessacralização da sexualidade feminina entrou em voga no ocidente. Com a ajuda da publicidade, a exposição do corpo feminino passou a ser cada vez mais aceita e almejada. O uso de biquínis nas praias, a comercialização da pornografia, sua legalização nos cinemas etc., também contribuíram para a maior aceitação do público no que tange à sexualidade feminina. Contudo, ao passo que as mulheres passaram a ter mais liberdade, o feminismo passou a questionar a que custo era possível alcançá-la, pois, o ato sexual feminino estava muito atrelado ao prazer masculino. Ou seja, a masturbação feminina, por exemplo, era menosprezada, bem como o lesbianismo, o qual, foi (e perdura dentre alguns grupos no século XXI) justificado como uma insatisfação das mulheres para com os homens.

O romance em questão, nos apresenta uma nova sexualidade diretamente atrelada à nova noção de gênero proposta pela autora, que pudemos observar no subcapítulo anterior. Verificaremos, a seguir, como Gilman - que tinha várias questões com o tema em sua vida pessoal - imaginou o sexo ideal na obra. Para tal, o analisaremos a partir dos seguintes aspectos: lesbianismo, virgindade, dessexualização e estupro marital.

Gilman publicou *Herland* no início do século XX, quando o corpo feminino ainda era tido como sagrado e os resquícios da idealização feminina da Idade Média continuavam vigentes. No estopim da consolidação da família tradicional burguesa, do Culto à Domesticidade e da dona de casa, as reivindicações de Gilman em suas obras não-ficcionais eram justamente acerca da queda dessa instituição. Diferentemente do que se almejava na época, a escritora não vinha e não fazia parte de uma família nos moldes idealizados pelo capitalismo.

Gilman foi criada pela mãe, avó e tias, já que seu pai os abandonou; era divorciada e sua filha vivia com seu ex-marido, uma vez que a autora acreditava que os pais tinham papéis iguais na criação dos filhos; também viveu relacionamentos abertamente lésbicos, mostrando-se bissexual - costume comum no século XIX (BOLICK, 2019. pos. 162-172). Dado o exposto, esperava-se que a autora em sua utopia tratasse da liberdade sexual feminina, contudo, contrariando seu próprio estilo de vida, se mostra conservadora, em primazia, no que diz respeito ao ato sexual na obra.

Segundo a socióloga Annie-Mary Sohn (2011), no início do século XX, a homossexualidade entre homens era recriminada, mas não o lesbianismo. Pois, “reprimir o lesbianismo significava, ainda por cima, admitir que as mulheres poderiam ter uma sexualidade autônoma” (SOHN, p. 146). Ou seja, a fim de apagar a sexualidade feminina independente da masculina, culturalmente, deixava-se impune esse tipo de relacionamento para não creditar a libido feminina. Logo, a sociedade misógina da época acreditava que essas mulheres poderiam ser reeducadas para que cumprissem sua função reprodutora.

Embora Gilman nos apresente uma terra constituída inteiramente por mulheres na narrativa em questão, e a própria autora tenha tido relacionamentos lésbicos, mostrando-se aberta e a favor de relações homoafetivas, esse tipo de relacionamento, curiosamente, não é estabelecido em *Herland*. Esbraveja Terry: “Assexuadas, hermafroditas, seres primitivos e sem gênero” e “Não sabem nada sobre sexo.” (GILMAN, p. 156, 147). Ao apresentar a possibilidade do ato sexual somente entre sexos opostos, a autora acaba por creditar a família tradicional, contradizendo a si mesma e colocando as mulheres em um lugar passivo, presas à orientação heterossexual. Isto é, a autora impossibilita relações lésbicas e desejo sexual entre

mulheres na obra, constringendo-as à sexualidade somente em relações heteroafetivas para fim de reprodução.

Esse aspecto é bastante discutido na contemporaneidade acerca da escolha da autora. Principalmente, no que tange ao movimento feminista, muito se especula a respeito da decisão narrativa de Gilman por optar pela falta de relacionamentos afetivos entre as nativas. Essa dúvida nunca poderá ser sanada, mas, se compararmos a obra com a autora, podemos observar as próprias decisões pessoais de Gilman a respeito do tema. Cynthia J. Davis, pesquisadora biográfica de Gilman, descreve que a autora “[...] acreditava que em Delle [sua companheira] havia encontrado uma maneira de combinar amar e viver, e com uma mulher como companheira de vida, ela poderia mais facilmente manter essa combinação do que faria em um casamento heterossexual convencional.”²⁴ (DAVIS, 2005, p. 245). Contudo, apesar de ter ótimos relacionamentos homoafetivos, Gilman casou-se com homens e morreu em luto pelo seu esposo.

A virgindade feminina é, também, um tópico abordado pela autora na obra. Gilman questiona, a partir de Alima, Ellanor e Celis, esposas de Terry, Van e Jeff, respectivamente, o porquê de a virgindade ser associada às mulheres e não aos homens. “Os discursos e escritos oficiais foram, por seis décadas, unânimes em louvar a virgindade feminina” (SOHN, p. 140) sacralizando a modéstia feminina, tendo a imagem da Virgem Maria como exemplo, enquanto aos homens a primeira relação sexual não é questionada. Na Europa, o direito da primeira noite é um dos exemplos da importância dada à “pureza” das noivas.

Na contemporaneidade, a virgindade feminina ainda é tabu no meio religioso, embora não tanto quanto nos séculos passados. É comum, entre casais cristãos, que se conserve a virgindade até a noite de núpcias. Entretanto, também é comum que a castidade feminina seja exigida, enquanto a masculina, não. Os três exploradores, na utopia, deixam claros esses costumes, enquanto as nativas contestam tais tradições:

-Entre os animais, o termo ‘virgem’ é aplicado à fêmea que não copulou.
 -Ah compreendo. Isso se aplica ao macho também? Ou há outro termo para ele?
 Ele dispensou a pergunta apressado, dizendo que o mesmo termo se aplicava, mas raramente era usado.
 -Sério? - ela disse. - Mas um não pode copular sem o outro, é claro. Então ambos seriam ‘virgens’ antes de copular? (GILMAN, p. 56).

²⁴ No original: "believed that in Delle she had found a way to combine loving and living, and that with a woman as life mate she might more easily uphold that combination than she would in a conventional heterosexual marriage." (DAVIS, Cynthia. *Love and Economics: Charlotte Perkins Gilman on "The Woman Question"*. *ATQ: 19th century American literature and culture*, vol. 19, no. 4, Dec. 2005, pp. 243. Disponível em: link.gale.com/apps/doc/A140659678/LitRC?u=anon~832e6b4f&sid=googleScholar&xid=3783fd7. Acesso em: 1 de janeiro de 2023)

Outra característica de *Herland* digna de debates entre estudiosos, como Hausman (1998) e Bowers (2018), para além do lesbianismo e da virgindade, é a relação entre as nativas da Terra das Mulheres e sua sexualidade. Embora sejam mães, vivam para a reprodução e tenham a maternidade como religião, sua relação com o sexo é nula. Isso não se dá somente no que tange ao ato sexual entre elas, como citado anteriormente, mas também com o sexo oposto, embora as companheiras dos visitantes acabem praticando: “Não estavam cada uma escolhendo um amante; não tinham a mais vaga noção do amor - no sentido sexual, quero dizer.” (GILMAN, 2018, p. 100).

As mulheres de *Herland*, veem o ato sexual da mesma maneira que o Estado e a Igreja o viam na Baixa Média: como fator exclusivamente reprodutivo. Ellanor, esposa de Van, utiliza os animais para justificar seu argumento e sua assexualidade: “Há alguns pássaros que se amam tanto que lamentam e choram quando separados, nunca mais formam pares se um deles morre, mas nunca acasalam, a não ser na estação certa.” (GILMAN, 2018. p. 139).

A narrativa atribui a dessexualização das nativas à sua evolução em uma sociedade povoada somente por mulheres. Com o progresso da partenogênese em seu habitat, o ato sexual deixou de ser vital para a reprodução de seu povo, logo, sua necessidade tornou-se inexistente: “Lá tudo era diferente. Não havia o componente sexual na atração, ou ele era praticamente nulo. Dois mil anos deixaram nelas bem poucos instintos nesse sentido.” (GILMAN, 2018. p. 104). Podemos observar, então, que o romance acaba por reafirmar e defender a frivolidade do sexo feminino difundida na época de sua publicação.

A partir dessa escolha de narrativa, Gilman perpetua a noção tradicional de feminilidade comum ao período de publicação do romance: a pureza virginal feminina, a mulher procriadora e a crença da falta de libido feminina (BOWERS, 2018, p. 1320). Assim, as nativas da Terra das Mulheres são perfeitas para a sociedade do século XIX, pois mantêm-se castas ao mesmo tempo em que reproduzem mão-de-obra.

O estopim da controvérsia da obra nesse sentido, não é, contudo, a dessexualização feminina, mas sua quase criminalização pela civilização utópica em *Herland*. Segundo o narrador, na cultura criada por Gilman, as mulheres que apresentam qualquer traço de desejo sexual são impedidas de terem filhos, como castigo por tal depravação. A evolução de sua espécie rumo à perfeição era tão importante que, apresentar tais desejos "primitivos", era inaceitável. “[...] àquelas que às vezes o manifestavam como uma exceção atávica, era por esse mesmo motivo negada a maternidade.” (GILMAN, 2018. p. 104). A sexualidade é eliminada na utopia transformando o sexo em uma problemática social, o qual deve ser não somente evitado, mas excluído até mesmo dos pensamentos.

Embora a autora se mostre vanguardista em certos aspectos, o seu conservadorismo no que diz respeito à sexualidade feminina é perceptível. Em alguns de seus ensaios, a autora reclama da emancipação sexual feminina, afirmando que as mulheres modernas usam a sexualidade de forma lasciva e promíscua: “Ela clama por uma visão mais sagrada da sexualidade, como o meio pelo qual os filhos são gerados.” (ELBERT, 2004, p. 105).²⁵

Apesar de sua juventude agitada, vivendo relacionamentos com homens e mulheres, ao longo de sua vida, alguns de seus biógrafos como Gary Scharnhorst, Polly Wynn Allen, Ann J. Lane, e Larry Ceplair afirmam que Gilman tornou-se “mais certinha”²⁶ nesse aspecto, o que acaba por contribuir para essa escolha de narrativa na utopia. Nos últimos capítulos de sua autobiografia, em *The Forerunner*, e no ensaio “Birth Control, Religion and the Unfit” (1932), podemos notar tal aspecto, a romancista esperava que a medida em que as mulheres melhorassem seu status, elas desenfatazariam sua sexualidade, contudo, nota que nos anos 1920, a sexualidade feminina se tornou mais indulgente (DAVIS, KNIGHT, 2004, p. 204).

A biógrafa Mary M. Moynihan, afirma que Gilman tinha um horror sexual vitoriano a fim de explicar a visão de Gilman no que tange a sexualidade (MOYNIHAN, 2004, p. 195), visão esta que pode ser comparada ao período da caça às bruxas, momento em que a sexualidade feminina era criminalizada. Argumentava-se na época que qualquer ato que atrapalhasse a reprodução humana era passível de punição e/ou morte. Assim, o conhecimento contraceptivo, a liberdade sexual, a idade avançada e também a influência da Igreja sobre o Estado, que defendia a modéstia por parte das mulheres, foram o conjunto de elementos que influenciaram na marginalização da sexualidade feminina. Nessa época, a idealização da dona de casa que teve seu auge no século XIX, dava seus primeiros passos.

[...] a principal iniciativa do Estado com o fim de restaurar a proporção populacional desejada foi lançar uma verdadeira guerra contra as mulheres, claramente orientada a quebrar o controle que elas haviam exercido sobre seus corpos e sua reprodução. [...] por meio da caça às bruxas, que literalmente demonizou qualquer forma de controle de natalidade e de sexualidade não procriativa [...]” (FEDERICI, 2021, p. 174).

²⁵ No original: “She calls for a more sacred view of sexuality, as the means by which children are begotten.” In: ELBERT, Mokina. *The Sins of the Mothers and Charlotte Perkins Gilman’s Covert Alliance with Catharine Beecher*. In: DAVIS, Cynthia J.; KNIGHT, Denise D. *Charlotte Perkins Gilman and her contemporaries: literary and intellectual contexts*. Tuscaloosa, Alabama: The University of Alabama Press, 2004.p. 104.

²⁶ No original: “more ‘straightlaced’”. In: MOYNIHAN, Mary M. “All Is Not Sexuality That Looks It”: Charlotte Perkins Gilman and Karen Horney on Freudian Psychoanalysis. In: DAVIS, Cynthia J.; KNIGHT, Denise D. *Charlotte Perkins Gilman and her contemporaries: literary and intellectual contexts*. Tuscaloosa, Alabama: The University of Alabama Press, 2004, p. 204.

Respingos do pensamento da época podem ser encontrados em obras como *A cidade das Damas* (PIZAN, 2012 [século XV]), publicada quando a figura da dona de casa recatada dava seus primeiros passos. Pizan, apesar de defender as mulheres das opiniões misóginas da época, exalta o casamento e a virgindade na obra, provando que a sexualidade feminina não era bem aceita, principalmente entre os cristãos. A autora defende a castidade feminina e o respeito e a obediência a seus maridos.

Embora a falta de libido feminina seja polêmica em *Herland*, a narrativa utiliza essa característica para questionar o papel do ato sexual em relações conjugais. A consolidação da monogamia atribuiu a obrigação do casal à prática da sexualidade dentro do casamento, firmando, mais veementemente, o dever feminino de satisfazer seu marido independentemente de sua vontade. Ou seja, de acordo com as normas socialmente impostas, o esposo deveria se manter sexualmente ativo para demonstrar virilidade e a esposa deveria praticar o ato mesmo contra seu desejo - consolidando sua inferioridade na instituição matrimonial que, muitas vezes, culmina “em um processo de dominação brutal que pode chegar ao estupro” (SOHN, 2011, p. 135).

Herland questiona esse esquema ao apresentar esposas firmemente alheias ao sexo, independentemente das vontades de seus esposos. "Se eu achasse que fosse realmente necessário, talvez pudesse me convencer a mudar pelo seu bem, meu querido, mas não quero, nem um pouco. [...]" (GILMAN, 2018, p. 142). Alima, por exemplo, não cede aos desejos de Terry, embora seu marido recorresse à desculpa do casamento, o que acaba culminando em uma tentativa de estupro: “Pobre Terry! As coisas que aprendera não o ajudaram em nada na Terra das Mulheres. A ideia dele era usar a força, e acreditava que aquele era o único jeito. Acreditava, de verdade, que as mulheres gostavam daquilo. Mas não as mulheres de lá! Não Alima!” (GILMAN, 2018. p. 144).

Ao abordar o tema do estupro no casamento, embora classifique as mulheres como assexuadas como degrau para chegar a esse assunto, Gilman toca em um tópico bastante sensível ao gênero feminino na narrativa. Tal ato é, ainda hoje, normalizado em culturas ocidentais, defendido por parceiros que entendem seus desejos como maiores que os de suas esposas, que alegam que o crime é seu direito como marido: “Ouso dizer, que achava que estava no direito de fazer o que fez.” (GILMAN, 2018. p. 145). Van, quando Ellanor afirma que o ato realizado por seu amigo Terry foi um crime, o defende: “Ah, por favor, é uma palavra dura demais para o que ele fez. Afinal, Alima era esposa dele - eu disse, sentindo uma repentina explosão de simpatia por Terry” (GILMAN, 2018. 152), enfatizando essa visão deturpada de matrimônio e sexualidade comum ao gênero masculino.

A escolha da autora de eliminar, não somente o ato sexual como reprodução, mas também o desejo pelo mesmo, é um dos motivos da problematização da obra por feministas no século XXI. Essa característica da utopia é apontada por muitos como um desserviço para o movimento feminista moderno. Contudo, é importante salientarmos que, dentre os grupos feministas da contemporaneidade, não há um padrão a ser seguido no que tange à sexualidade feminina, gerando, assim, muitos debates.

Hoje, a grande discussão acerca da sexualidade feminina está na linha tênue entre liberdade e prisão do corpo da mulher. Discute-se sobre o quanto da sexualização de mulheres na mídia, por exemplo, é sinônimo de libertação das amarras machistas e permissão para controlar seus corpos e, o quanto é justamente render-se aos desejos sexuais masculinos. Logo, em uma cultura na qual a sexualidade feminina, por muitos anos foi criminalizada, há um certo estranhamento social no que tange às mulheres que impõem seus desejos sexuais. O debate, como vimos, não se dá somente nos meios conservadores, mas, também entre grupos feministas, mostrando que a problemática vai muito além de bandeiras ideológicas, mas de toda uma doutrinação histórica.

Diferentemente do século XXI, em que as mulheres têm como objetivo a libertação sexual de seus corpos, no início do século XX, as reivindicações das sufragistas (movimento em que Gilman se encaixava) passavam longe de sua performance sexual - seu principal objetivo, em meio à Industrialização eram melhores condições de trabalho para as proletárias e direito à vida pública, para as donas de casa. Dessa maneira, não é de se espantar que a autora não tenha percebido a aversão sexual de suas personagens como uma problemática ao conceber a obra.

O mesmo ocorre com Pizan no século XV. Na contemporaneidade, a precursora do gênero utópico escrito por mulheres também é criticada pelo movimento feminista pelos mesmos motivos de Gilman. Grande parte da crítica considera sua escrita retrógrada no que tange às reivindicações femininas. Todavia, é importante trazermos para discussão, primeiramente, o período em que a escritora publicou sua obra e como, para os padrões da época, suas ideias eram vanguardistas. Christine de Pizan era cristã, logo, sua obra claramente reflete seus valores conservadores, contudo, o objetivo da narrativa é discordar das opiniões masculinas a respeito do sexo feminino. Seu romance questiona, em primazia, a falta de razão atribuída às mulheres e nos apresenta histórias de mulheres importantes como argumentos para defender o gênero feminino.

- Sem dúvida, é por elas não experimentarem coisas diferentes, limitando-se às suas ocupações domésticas, ficando em casa, e não há nada mais estimulante para um ser dotado de inteligência do que uma experiência rica e variada.
 - Dama, se as mulheres têm a capacidade de assimilar e aprender o que estudam os homens, por que não aprendem mais?
- Resposta: [...] porque a sociedade não acha necessário que as mulheres se ocupem das tarefas masculinas [...] (PIZAN, 2012. p. 127).

Assim, ainda que a questão da sexualidade em *Herland* tenha muitas controvérsias, principalmente no que tange ao feminismo moderno, se faz necessário entendermos que o movimento feminista possui agendas distintas, que levam em consideração o contexto histórico que o estabelece, bem como o grupo que o representa e a cultura vigente (BUTLER, 2004). Diante disso, a obra de Gilman não pode ser menosprezada levando em consideração o recorte atual da sociedade. Sua escolha de apresentar mulheres assexuadas faz sentido no contexto histórico em que a obra foi publicada, já que suas reivindicações giravam em torno do papel da mulher na economia, no âmbito público e como a instituição matrimonial atrapalhava esse serviço (GILMAN, 1994).

Porém, “tocar na ferida” ao abordar o estupro dentro do matrimônio, questionar o papel do sexo no casamento, principalmente o papel da mulher na atividade sexual de um casal, e explorar a virgindade feminina é, ainda hoje, uma atitude inovadora para a época. Uma vez que pouco se fala sobre os devidos assuntos no século XXI, no início do século XX, o estupro marital, por exemplo, não era sequer questionado como impróprio. Gilman não só trata de um assunto controverso em *Herland*, mas se mostra, mais uma vez, muito à frente de seu tempo.

2 “VOCÊS SÃO APENAS HOMENS NUM PAÍS POVOADO POR MÃES”: A REPRODUÇÃO E A MATERNIDADE EM HERLAND

Coming (1911)

Long has she stood aside, endured and waited,
 While man swung forward, toiling on alone;
 Now, for the weary man, so long ill-mated,
 Now, for the world for which she was created,
 Comes woman to her own.

Not for herself! though sweet the air of freedom;
 Not for herself, though dear the new-born power;
 But for the child, who needs a nobler mother,
 For the whole people, needing one another,
 Comes woman to her hour.

Charlotte Perkins Gilman

Publicado em 1911, o poema "Coming" de Charlotte Perkins Gilman aborda a emancipação e ascensão das mulheres em um contexto social em que, historicamente, foram subjugadas e excluídas de certos papéis e oportunidades na cultura ocidental. Gilman, descreve como as mulheres têm esperado e suportado pacientemente nas margens da sociedade, enquanto os homens avançavam sozinhos, sugerindo uma mudança iminente e significativa desse estado. A primeira estrofe do poema retrata a posição de espera feminina e a submissão anterior, mas também aponta para uma maior autonomia e um lugar próprio na sociedade como uma mudança necessária e inevitável.

Na segunda estrofe, Gilman, destaca que as mulheres não buscam sua emancipação individual, mas sim em nome de algo maior, como evidenciado na expressão "Not for herself!", em tradução “Não para si mesma!”. Elas vêm não apenas em busca de sua própria liberdade e poder, mas também para se tornarem mães mais nobres e contribuir para a sociedade como um todo. O poema enfatiza que a emancipação feminina não é egoísta, mas sim voltada para o bem-estar das futuras gerações e o bem comum.

O poema celebra a emancipação feminina e a importância das mulheres assumirem seu lugar na sociedade, não apenas por si mesmas, mas também em benefício das futuras gerações

e do bem comum. Ele destaca a necessidade de igualdade de gênero e da contribuição das mulheres em todos os aspectos da sociedade. Podemos relacioná-lo ao território idealizado por Gilman em sua obra *Herland*, onde o papel da maternidade é enfatizado, já que ambas as obras tratam do tema.

Quando analisamos o corpo feminino, é necessário que tratemos, também, da maternidade, estado naturalmente atribuído às mulheres. Desse modo, observaremos, agora, a relação reprodutiva do gênero feminino na utopia com seu próprio corpo. Não deixaremos de analisar, também, a biografia de Gilman que, para muitos, era uma mãe avessa aos padrões da época em que concebeu sua única filha, Katherine.

Gilman não foi uma mãe nos moldes do “anjo do lar” para sua filha: “Eu era uma mãe ‘não-natural’” (GILMAN, 1991, p. 297).²⁷ Diferentemente das mães de classe média do período, a escritora era divorciada e trabalhava como autônoma. Logo, não tinha condições financeiras nem tempo para se dedicar exclusivamente à maternidade. Por esse motivo, atribuiu ao seu ex-marido e pai de sua filha, Charles Walter Stetson, a tarefa de educá-la e criá-la por alguns anos.

Minha mãe estava morta. Minha amiga com quem eu tanto contava se foi. Eu não conseguia manter a pensão e havia um novo trabalho aberto para mim em São Francisco, mas em um lugar impróprio para uma criança. Ficou combinado que ela deveria ir com o pai por um tempo [...]. (GILMAN, 1991, p. 192).²⁸

Em diversas passagens de sua autobiografia, Gilman nos deixa claro que essa decisão não foi fácil. A autora sofria de saudades da filha, principalmente quando via outras crianças, mas entendia que não tinha condições financeiras de cuidar de si e da menina ao mesmo tempo. Ademais, com o cargo de palestrante da NAWSA, viajava e se mudava com frequência, impossibilitando que houvesse tempo para criar Katherine.

Aprendi a não sofrer ao ver as mães com seus filhos, colocando-me deliberadamente no lugar da mãe, pensando no prazer dela [Katherine] e não em sua dor. [...] (GILMAN, 1991, p.165).²⁹

²⁷ No original: “I was an ‘unnatural mother’” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 297

²⁸ No original: “My mother was dead. My friend on whom I had so counted, was gone. I was not able to carry the boarding-house, and there was new work opening for me in San Francisco, but in a place unsuitable for a child. It was arranged that she should go to her father for a while [...]” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 192

²⁹ No original: “I learned not to suffer at sight of mothers with their children by deliberately putting myself in the mother's place, thinking of her pleasure and not in pain. [...]” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 165.

Falei com Peg e segurei o bebê - lindo bebê. É bom ter um em meus braços novamente. [...] (GILMAN, 1991, p. 251).³⁰

Vi Katherine partir... fui para casa e entrei em colapso. (GILMAN, 1991, p. 271).³¹

Gilman nasceu em 1860, década em que a população estadunidense dobrou de tamanho em comparação com 1840, atingindo a marca de 31,4 milhões de habitantes (DAVIS, 2010, p. 19). Tal acontecimento se deve ao grande fluxo de imigração no país e também à industrialização, que visava a abundância tanto material quanto de mão-de-obra. Por essas razões, a reprodução e a contracepção tornaram-se assuntos relevantes nos lares estadunidenses. Embora a ciência contraceptiva estivesse sofrendo grandes avanços ainda no período, os métodos contraceptivos eram escassos e ilegais, bem como o aborto, que contava com clínicas clandestinas e insalubres. Tal situação começou a ser modificada a duras penas somente durante a Primeira Grande Guerra (1914-1918) (ENGELMAN, 2011, p. 23-25). Dessa maneira, é compreensível que o assunto da reprodução seja questionado no romance aqui analisado.

Do período em que a autora da utopia nasceu, até a publicação da obra que estamos analisando, mudanças ocorreram nesse aspecto, principalmente em relação à posição feminina no âmbito doméstico. A privatização do corpo feminino estava cada vez mais em voga, a consolidação do “anjo do lar” era intensificada pela literatura, pela popularização do poema que deu voz ao termo “The Angel in the House” (1854-1862), de Coventry Patmore, e pela mídia através de revistas dedicadas às donas de casa que serviam como um verdadeiro manual feminino de comportamento como *McCall's* (1873-2002) ou *Good Housekeeping* (1885). A figura da mãe na sociedade do período era consolidada junto àquela do idealizado “anjo do lar”:

Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto. [...]. (WOOLF, 2013, p. 11-12).

Portanto, a virada do século XIX para o XX, foi marcada pela influência da mídia sobre as donas de casa que tinham como dever se comportar e servir aos maridos e filhos.

³⁰ No original: “Talk to Peg, and hold the baby - nice baby. Feels good to have one in my arms again. [...]” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 251.

³¹ No original: “See Katherine off... go home and collapse.” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 271.

Também havia na época grande influência econômica no que tange ao aspecto reprodutivo, principalmente sobre a população pobre. A reprodução era tão importante economicamente no período quanto durante o Mercantilismo, por isso, o Estado motivava o nascimento de mão-de-obra barata.

Nesse quesito, é importante que façamos uma ressalva que Gilman, inclusive, questiona em *Herland*: a reprodução e a maternidade nesse período eram completamente distintas entre as classes abastadas e pobres. Enquanto as mulheres ricas dedicavam a sua vida à maternidade e ao trabalho doméstico - verdadeiros “anjos do lar” -, as pobres eram trabalhadoras nas fábricas e no comércio e dedicavam sua vida à dupla jornada de trabalho - além do emprego “formal”, eram donas de casa.

Em *A History of the Birth Control Movement in America* (2011), Peter C. Engelman faz um paralelo entre a reprodução em lares ricos e pobres. De acordo com o autor, os anjos do lar não costumavam ter muitos filhos, uma vez que se dedicavam exclusivamente à manutenção de seu lar e de sua família, e o acesso ao controle reprodutivo era mais fácil para esse tipo de famílias, já que eram providas economicamente. O mesmo não ocorria entre as mulheres de classe baixa, a reprodução era compulsória e suas famílias viviam em verdadeira miséria, tais mulheres tinham filhos durante toda a vida e, além disso, deveriam trabalhar na esfera pública para ajudar no sustento de seu lar.

O controle reprodutivo, principalmente entre as classes mais pobres, era, então, uma das reivindicações femininas do período. Muitas mulheres morriam jovens durante o século XIX devido à grande quantidade de partos ou tentativas de aborto. As donas de casa também reivindicavam a oportunidade de saírem da esfera doméstica e gozarem ativamente de uma vida pública. Tendo isso em mente, podemos observar a tentativa de Gilman de utilizar *Herland* como forma de dar controle reprodutivo às mulheres e apresentar uma sociedade em que a maternidade não se restringe à solidão da dona de casa, mas ao coletivo.

Bem como no capítulo anterior, em que abordamos temas controversos a respeito da sexualidade na obra, também no tema maternal e reprodutivo, a autora expõe opiniões polêmicas no romance utópico. Abordaremos nas seguintes subseções mais uma vez a anulação da sexualidade do gênero feminino nesta utopia, uma vez que as nativas da Terra das Mulheres que se casam com os visitantes só aceitam praticar o ato sexual para fins reprodutivos. Também discutiremos brevemente a talvez maior razão para as críticas a Gilman, a eugenia exposta e defendida em *Herland*. Por fim, mas não menos importante, o discurso antiaborto do romance será analisado bem como a sacralização da maternidade.

Deixo claro, contudo, que o principal objetivo deste capítulo não é apontar somente os aspectos negativos da narrativa, mas também analisar a maneira com que Gilman imaginava a reprodução e a maternidade de forma utópica. Para tal, apontaremos a historiologia reprodutiva e maternal da Terra das Mulheres, entenderemos de que maneiras as nativas do povoado formado somente por mulheres conquistaram o poder reprodutivo, o conceito de maternidade e sua ligação com a religião e o processo evolutivo de seu corpo social que permeia a evolução humana a partir da maternidade.

2.1 A reprodução

Em meados do século XIX, a questão do aborto era amplamente discutida e difundida midiaticamente entre as mulheres, ricas e pobres, brancas ou negras. Algumas mulheres utilizavam pílulas abortivas, soluções, duchas higiênicas ou óleos para impedir o nascimento de uma criança indesejada, mas em geral, apenas mulheres ricas saíam ilesas de tais tentativas. Podemos perceber que a realidade reprodutiva era distinta entre a classe alta e média e a classe baixa, dessa maneira, somente mulheres que possuíam poder aquisitivo tinham acesso a métodos contraceptivos eficazes e seguros, mesmo que ilegalmente.

Grande parte dos contrários ao controle de natalidade nos Estados Unidos, era o povo sulista e a elite masculina do país. Os sulistas viam as práticas de aborto e contracepção prejudiciais ao seu negócio de maior renda - a escravidão -, uma vez que a fertilidade de mulheres escravizadas era essencial para o aumento de sua força de trabalho e, conseqüentemente, de seu capital (WITHYCOMBE, 2019, p. 6). Já os homens de classes abastadas, preocupavam-se com seu monopólio profissional: era uma preocupação manter o gênero feminino restrito ao lar já que se acreditava que as mulheres poderiam tomar os empregos masculinos (FEDERICI, 2021, p. 188). Podemos compreender certo receio da parte masculina de que o poder reprodutivo feminino aumentasse a independência das mulheres do período (WITHYCOMBE, 2019, p.8).

O final do século XIX, período em que Gilman viveu grande parte de sua vida adulta, foi um período ainda mais marcado pelo interesse feminino em controlar sua reprodução, pois, apesar da grande difusão de contraceptivos, poucas mulheres encontravam meios legais, seguros ou efetivos para tal conquista. As leis Comstock (1873), que tornaram ilegal a divulgação de informações sobre controle de natalidade em geral, foram um ponto de virada a

respeito do tema. A censura levou o controle reprodutivo à clandestinidade, resultando na queda do acesso à informação e de serviços disponíveis ao público (RYAN, 1979, p. 319). O gênero feminino se deparava com a oposição vinda da medicina, da política vigente, dos valores morais e religiosos e da lei. De acordo com a historiadora Shannon K. Withycombe (2019), “O século XIX foi uma era tanto de revolução reprodutiva quanto de restrição reprodutiva.” (WITHYCOMBE, 2019, p. 2).³²

A partir dessa análise, podemos observar certa contradição a respeito do tema. Notamos que a contracepção era amplamente divulgada no período, contudo, era ilegal; os homens de classes abastadas eram contrários a legalização do aborto, pois acreditavam na possibilidade de filhos prenderem as donas de casa no âmbito doméstico, entretanto, suas esposas faziam parte do público mais adepto aos métodos contraceptivos; ademais, mulheres de classe média eram o público alvo no que tange aos métodos abortivos, todavia, eram fascinadas por um culto à idealização da maternidade (RYAN, 1979, p. 325).

Apesar das interdições religiosas e das tentativas estatais de implantação de leis que proibissem a contracepção, as mulheres continuaram utilizando métodos contraceptivos, pílulas abortivas e indo a clínicas de aborto clandestinas. Por essa razão, a população feminina insistentemente conseguiu implementar políticas de planejamento familiar ao longo dos anos, principalmente após a Primeira Grande Guerra. A partir do século XX, quando as pílulas anticoncepcionais passaram a circular legalmente, e clínicas de aborto foram gradativamente sendo construídas com o apoio governamental (THOMPSON, 2017), o índice de natalidade sofreu declínio e o mesmo ocorreu com o tamanho das famílias estadunidenses. Contudo, tais conquistas femininas só foram alcançadas após a publicação de *Herland*, logo, muitas questões morais e éticas, no que tange ao tema, são discutidas de maneira, em certos aspectos, controversa na obra.

Embora os direitos reprodutivos tenham alcançado avanços significativos, na contemporaneidade, observamos um retrocesso nesse tema. Em 2022, por exemplo, a Suprema Corte americana suspendeu o direito constitucional ao aborto, garantia essa em vigor desde 1973 nos Estados Unidos (CNN BRASIL, 2022). Essa decisão resultou na proibição do aborto em diversos estados onde o procedimento era legalizado.

Além disso, a restrição também afetou a disponibilidade de métodos contraceptivos, como comprimidos, camisinhas e pílulas do dia seguinte. Em 2023, redes de farmácias nos

³² No original: “The 19th century was an era of both reproductive revolution and reproductive restriction.” In: WITHYCOMBE, Shannon, K. *Women and Reproduction in the United States during the 19th Century*. Oxford Research Encyclopedia, American History. 2019.

EUA limitam a venda de medicamentos anticoncepcionais, exigindo prescrição médica, e muitos médicos evitam fornecê-las. Algumas redes também se recusam a vender contraceptivos, baseados em crenças religiosas e conservadoras. Ademais, políticos de direita tentam dificultar o acesso à mifepristona, principal medicamento utilizado para interromper gestações, buscando implantar leis mais rigorosas quanto ao seu uso (CNN BRASIL, 2023).

Apesar de o próprio presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, ser contrário à decisão, observa-se um número crescente de adeptos ao discurso antiabortista no governo americano. Quanto ao assunto, Biden afirmou no twitter que: “[...] Continuarei lutando contra ataques à saúde das mulheres. O povo americano também deve continuar a usar o seu voto como voz para eleger um Congresso que vai restaurar as proteções de Roe v Wade.” (BIDEN, 2023)³³, deixando clara que a revogação da Suprema Corte quanto a Roe v Wade, caso que estabeleceu o acesso ao aborto legal nos EUA é antiprogressista e antiquada, de acordo com sua opinião política.

Na contemporaneidade, podemos observar o ressurgimento de um viés conservador semelhante ao do século XIX, em relação aos direitos reprodutivos das mulheres. Embora tenham conquistado com dificuldade o controle seguro e legal da fertilidade no início do século XX, as mulheres enfrentam novamente tentativas de imposição de leis que restringem esses direitos tão duramente conquistados. Essa resistência pode ser atribuída ao fato de que o controle que as mulheres exercem sobre seus próprios corpos ameaça o *status quo* estabelecido em que os homens se mantêm no topo da pirâmide social, levando-os a buscarem restringir a autonomia feminina.

Lucia de La Rocque, pesquisadora da área de literatura, em “O gênero da reprodução e a reprodução do gênero: *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman e *When it Changed*, de Joana Russ” (2010), argumenta que o método reprodutivo nos apresentado em *Herland* é um artifício da autora para creditar tal controle reprodutivo às mulheres da obra (ROCQUE, 2010, p. 81). Sabendo a maneira com que essa situação era tratada em 1915, conseguimos compreender o porquê de Gilman nos apresentar em sua utopia, um país cujo controle de natalidade é creditado exclusivamente às mulheres. É importante salientarmos, também, que o caráter emancipatório dessa esfera de ação que nos é apresentado no romance não se dá somente no que tange à partenogênese (maneira encontrada pela autora para justificar o

³³ No original: “[...] I’ll continue to fight attacks on women’s health. The American people must also continue to use their vote as voice and elect a Congress that will restore the protections of Roe v Wade.” In: BIDEN, Joe. (POTUS). “Let me say this: I’ll continue to fight attacks on women’s health. The American people must also continue to use their vote as voice and elect a Congress that will restore the protections of Roe v Wade.”. 21 abr. 2023, 8:34 PM. Tweet.

nascimento assexual das nativas), mas também no controle da fauna e da flora da Terra das Mulheres.

A partir da breve contextualização histórica do período que acabamos de analisar, compreenderemos, a seguir, as representações reprodutivas em *Herland*. Buscaremos as razões da escolha da autora ao nos apresentar uma terra constituída somente por mulheres cuja reprodução se dá por meio da partenogênese. Observaremos também a crítica do romance à reprodução compulsória do período e ao método de procriação heterossexual. O controle reprodutivo de todo o ecossistema do país também será um tema abordado, juntamente ao objetivo evolutivo de tal cultura que permeia, também, um desejo pessoal da autora. Por fim, debateremos a eugenia e o discurso antiaborto do romance, temas criticados na contemporaneidade.

A fim de compreendermos o processo reprodutivo da Terra das Mulheres, vejamos a seguir a história da região. *Herland* apresenta ao público a cronologia do ambiente utópico a partir dos estudos dos três personagens masculinos da trama. Lendo os registros do país e perguntando às anciãs responsáveis por eles, descobrem que a ausência de homens no local se deu a partir de uma série de infortúnios começados há mais de dois mil anos que culminaram na extinção masculina na Terra das mulheres.

- Senhoras - Terry começou, sob o céu claro -, Não há homens neste país?
 - Homens? - Somel repetiu. - Como vocês?
 - Isso, homens. - Terry indicou a barba e abriu os ombros largos. - Homens de verdade.
 - Não - ela respondeu baixinho. - Não há homens neste país. Não houve um homem entre nós nos últimos dois mil anos.
 [...] - Entendo por que está intrigado. Somos todas mães, todas nós, mas não há pais. Pensamos que fariam essa pergunta assim que possível. Por que demoraram?
 Terry explicou que não nos sentíamos confiantes em usar a linguagem, o que só confundiu ainda mais as coisas. Jeff foi mais franco.
 -Temos de admitir que achamos difícil acreditar nisso, se me permite a ousadia - ele disse. (GILMAN, 2018, p. 55-56).

Grande parte da população masculina foi dizimada por guerras territoriais durante muitos anos, mas o grande divisor de águas, que culminou no isolamento do local, foi uma erupção vulcânica e alguns terremotos, que fecharam a única abertura da área. Poucos guerreiros e escravos do gênero masculino sobreviveram ao acidente. Estes, aproveitaram a oportunidade para organizar uma revolta contra seus mestres e dominar as mulheres jovens. Entretanto, as sobreviventes, perceberam que eram mais fortes em quantidade que os poucos escravos que restaram e, em um ato de desespero, mataram seus novos conquistadores.

[...] tal sucessão de infortúnios pareceu demais para aquelas virgens furiosas. Havia muitas delas, e pouco dos novos supostos mestres, de modo que, em vez de se

submeter a eles, elas se levantaram em um ato de desespero e mataram seus brutais conquistadores. (GILMAN, 2018. p. 66).

Após alguns anos sobrevivendo juntas, construindo seu povoado, uma mulher ficou grávida. No princípio, acharam que havia algum homem no local, mas depois de muita procura, não encontraram e perceberam que a gravidez era um presente dos deuses, um verdadeiro milagre. Ao longo dos anos, a mulher teve cinco filhas que, ao completarem vinte e cinco anos, tiveram cinco filhas cada uma e assim sucessivamente. Sem demora, as mulheres mais velhas morreram e sobraram apenas as mulheres descendentes da mesma mãe, mulheres nascidas sem a necessidade de um genitor masculino (GILMAN, 2018. p. 65-69).

Dessa maneira, as nativas da Terra das Mulheres passaram a se reproduzir a partir de um processo chamado partenogênese, muito comum entre os insetos. Vale ressaltar que, a autora da obra não explica com embasamento científico de que maneira tal procedimento ocorre, a narrativa restringe-se em explicar que, quando a mulher está próxima de engravidar, sente um desejo de ter uma criança e, assim, a gestação ocorre. Ou seja, a partenogênese não advém de um instinto biológico, mas do desejo maternal. Os três exploradores encontram dificuldade de acreditar em tal ocorrência, explicando às nativas que tal processo ocorre apenas em formas “mais simples” de vida.

[...] - Não há tal possibilidade em nenhum outro lugar do mundo.
 - Em nenhuma forma de vida? [...]
 - Bem, sim, em formas mais simples, claro.
 - Quão simples? Ou, melhor dizendo, quão complexas?
 - Bem, isso ocorre em alguns insetos bem desenvolvidos. Chamamos de partenogênese. quer dizer “nascimento virgem”.
 [...] E me diga: há alguma forma de vida que nasça apenas do pai? (GILMAN, 2018. p. 56).

A pesquisadora Berenice Hausman (1998), bem como Lucia de La Rocque, acredita que a escolha da partenogênese como método reprodutivo em *Herland* é uma metáfora para o controle feminino no que tange à reprodução. O desejo tão almejado pelas mulheres no período de publicação da utopia, se apresenta no romance a partir de um método que não abrange o gênero masculino, detentor do controle reprodutivo na sociedade falocêntrica em que vivemos. “A partenogênese é uma metáfora para o controle reprodutivo feminino. [...]”³⁴ (HAUSMAN, 1998, p. 506).

A fim de explicar as diferenças físicas na população da Terra das Mulheres, Gilman recorre a Terry, o mais descrente dos três visitantes, como questionador do método. O homem

³⁴ No original: “Parthenogenesis is a metaphor for women’s control of reproduction. [...]” In: HAUSMAN, Berenice. Sex before Gender: Charlotte Perkins Gilman and the Evolutionary Paradigm of Utopia. *Feminist Studies*. Vol. 24, No. 3 (Autumn, 1998), p. 506.

utiliza o argumento da variação física das nativas para afirmar que não há possibilidade de reprodução por meio de partenogênese no local. Jeff e Van, ao contrário do amigo, creem na possibilidade de tal método reprodutivo, mas tal como Terry, não compreendem a variedade na aparência das mulheres da comunidade matriarcal sem fertilização cruzada. Na narrativa, explica-se que as diferenças entre as moças da população se devem à “[...] ligeiras variações na condição pré-natal.” (GILMAN, 2018, p. 89).

Podemos perceber, contudo, que o controle reprodutivo não se dá apenas no que tange a população humana na Terra das Mulheres. Gilman nos apresenta um sistema em que o gênero feminino tem domínio também da agricultura e da reprodução dos animais que se fazem presentes em seu território. Fica patente em *Herland*, a necessidade de prover autoridade feminina em todas as esferas sociais do país. Ao longo dos anos, as nativas da Terra das Mulheres conseguiram evoluir não somente a si mesmas, mas todo o seu ecossistema.

Em *Women and Economics*, a autora de *Herland* nos dá uma ideia da necessidade de desconstrução da desconfiança dos homens na gestão feminina da sociedade. Gilman, adverte que homens não permitem que as mulheres ocupem posições de prestígio, pois se sentem intimidados pelo gênero feminino.

Marido e mulher são verdadeiramente parceiros em suas obrigações mútuas para com os filhos, - seu amor comum, dever e serviço. Mas um fabricante que se casa, ou um médico, ou um advogado, não tem um sócio em seus negócios, quando ele assume uma parceria na paternidade, a menos que sua esposa também seja fabricante, médica ou advogada. Nos negócios dele, ela não pode nem aconselhar sabiamente sem treinamento e experiência. [...] Ela não é, de forma alguma, uma parceira de negócios, a menos que ela contribua com capital ou experiência ou trabalho, como um homem faria em relação semelhante. A maioria dos homens hesitaria seriamente antes de entrar em uma parceria comercial com qualquer mulher, esposa ou não. (GILMAN, 2018, p.8).³⁵

Bem como observamos a partir da obra de Federici, o gênero masculino preocupa-se com a perda de seu poder perante a sociedade, por essa razão, não era permitido que as mulheres detivessem autorização para circular na esfera pública. Tomando tal argumento como partida, podemos concluir que a concessão de controle total (até da agricultura e da

³⁵ No original: “Man and wife are partners truly in their mutual obligation to their children,—their common love, duty, and service. But a manufacturer who marries, or a doctor, or a lawyer, does not take a partner in his business, when he takes a partner in parenthood, unless his wife is also a manufacturer, a doctor, or a lawyer. In his business, she cannot even advise wisely without training and experience. [...] She is in no sense a business partner, unless she contributes capital or experience or labor, as a man would in like relation. Most men would hesitate very seriously before entering a business partnership with any woman, wife or not.” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *Women and Economics*. Project Gutenberg, 2018, p. 8

fauna) para as mulheres na utopia, é um reflexo do pensamento da autora em sua obra de não-ficção.

No que diz respeito à agricultura, as nativas replantaram toda a floresta de seu território com diferentes espécies de árvores frutíferas, de modo que as plantas eram seu único alimento. Além destas, apenas uma árvore não lhes era útil para a alimentação: uma espécie tão bonita que decidiram manter. Criaram também um sistema sustentável, pois as árvores enriqueciam o solo e tudo o que vinha da terra voltava a ela. Os restos de comida, material têxtil e madeiras não utilizadas, eram devolvidos ao solo para alimentar a flora (GILMAN, 2018, p. 90-91).

No que tange aos animais, somente pássaros, pequenos insetos e roedores vivem no território, além de gatos domesticados. Explicando de forma sucinta, o motivo da falta de gado e cães na Terra das Mulheres, Somel, uma anciã responsável por auxiliar Van, explica: “Não os quisemos mais. Ocupam muito espaço [...]” (GILMAN, 2018. p. 58). Ao serem questionadas acerca dos motivos pelos quais os gatos são os únicos animais domésticos no território, as nativas afirmam que se afeiçoaram a eles pois são seres independentes e úteis a elas. As mulheres de *Herland* desenvolveram uma raça de felinos que não miava e cujo trabalho consistia em caçar animais que comprometessem a agricultura local, como pequenos roedores e insetos. Bem como nos outros aspectos reprodutivos anteriormente abordados, no que diz respeito à procriação de tais animais, as nativas também detinham controle total, assunto de discussão entre os exploradores e elas.

[...] São poucos os pais comparados às mães, só alguns poucos de qualidade em cada cidade; [...] Mas só podem procriar uma vez por ano!
 - Deve ser difícil para eles - sugeriu Terry.
 - De modo algum! Faz séculos que estamos criando as raças de gatos que queremos. Os animais são saudáveis, felizes e amistosos, como você vê. Como fazem com seus cachorros? Vocês os mantêm em pares, separam os pais ou o quê?
 Então explicamos que [...] não era uma questão de pais; que ninguém queria as mães. Que praticamente todos os nossos cães eram machos [...]
 - Deve ser difícil para eles, não? Ou gostam de viver sem parceiras? Seus cachorros são tão saudáveis e de bom temperamento como nossos gatos? [...]
 - [...] - Mantemos nossos gatos presos porque não queremos que a procriação saia do controle; [...] (GILMAN, 2018. p. 62, 64).

Apesar do problema da gravidez ser sanado com o advento da partenogênese entre o povo de *Herland*, a mesma passou a ser uma dificuldade após alguns anos. Com uma população que se multiplicava por cinco a cada vinte e cinco ou trinta anos, as nativas representadas por Gilman no romance se depararam com a limitação do espaço em que viviam. Diferentemente do que os três exploradores acreditavam, as mulheres não

solucionaram o problema com guerras ou tentaram excursões para aumentar seu território. “Elas se sentaram juntas em conselho e refletiram a respeito. [...]” (GILMAN, 2018, p. 79).

Após muita pesquisa, as mulheres do país começaram a perceber o momento em que engravidariam. Meses antes da gravidez, sentiam uma enorme vontade de conceber uma criança. O período de desejo por uma filha passou a ser ocupado com tarefas cotidianas: as jovens concentravam-se mais arduamente em seu trabalho e em exercícios físicos e mentais a fim de distraírem-se da vontade interior de gerar uma vida. Ademais, cuidavam de outros bebês para saciarem seu desejo. A última solução pode lembrar-nos da autora da obra que, a fim de sanar a saudade de sua filha, contentava-se com crianças de amigos: “[...] Fiquei em casa e cuidei do bebê de Margie, das 8 às 10 ou mais ... Uma delícia ser mamãe um pouco.” (GILMAN, 1991, p. 267).³⁶

Podemos pensar a solução do romance para essa problemática como uma crítica ao período, em que leis proibiam a contracepção e os métodos de controle de natalidade eram clandestinos e acessíveis somente às classes abastadas. Nesse quesito, a utopia nos faz refletir quanto ao sistema de reprodução da sociedade estadunidense do período, principalmente tocando no assunto da pobreza. As nativas da Terra das Mulheres, questionam seus visitantes quanto ao trabalho feminino ao perceberem que as mulheres ricas não trabalham e têm poucos filhos, enquanto as pobres têm dupla função como empregadas e mães.

- Ou seja, cerca de um terço das mulheres pertence à classe mais baixa [...] - E dois terços são essas que... Como foi que você disse? ‘São amadas, honradas e mantidas no lar para cuidar das crianças’. Esse um terço inferior não tem filhos, imagino. Jeff [...] respondeu solenemente que era o contrário: quanto mais pobres, mais filhos tinham. [...]” (GILMAN, 2018, p. 74).

Observamos, na introdução do trabalho, que um dos assuntos mais caros à Charlotte Perkins Gilman era a evolução humana nos quesitos social e físico. Vimos, em alguns trechos de sua autobiografia, a afirmação de seu interesse na mudança do olhar social sobre os gêneros “Eu percebi que a função da humanidade era cuidar da evolução da raça humana [...]

³⁶ No original: “Stay in and tend Margie's baby, from 8 to 10 or so ... A delight to be mama a little.” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 267.

nós somos as únicas criaturas que podem auxiliar a evolução [...]” (GILMAN, 2018. p. 77).³⁷ Constatamos, também, que em muitos aspectos, *Herland*, reflete muitas das opiniões da autora, além de manifestos acerca do feminino nos Estados Unidos do período. Logo, a cultura que nos é apresentada no romance tem como primazia a evolução de sua espécie e de sua sociedade.

Podemos notar, junto ao narrador da obra, que todo o território pertencente às mulheres do romance é adaptado para alcançar a perfeição. Durante seus dois mil anos de existência “[...] sua ética era baseada na completa percepção da evolução; [...] a vida para elas era crescimento; [...] cada aspecto de seu trabalho era modificado por seu efeito no crescimento nacional. [...]” (GILMAN, 2018, p.115). Portanto, as mulheres do romance esforçam-se para alcançar a melhoria de seu território, a fim de deixá-lo com maior qualidade para as gerações futuras. Ou seja, as nativas da Terra das Mulheres não pensavam na sua própria evolução, mas na de suas filhas e netas.

A cada geração, era certeza que viria uma nova mente para detectar as falhas e mostrar a necessidade de alterações; todo o corpo de inventoras ficava disponível para aplicar suas habilidades especiais ao ponto criticado e oferecer sugestões. [...] evolução consciente [...] (GILMAN, 2018. p. 89).

Percebemos ao longo da obra, contudo, que tal aspecto evolutivo, acaba por vezes esbarrando em um assunto que gera debates negativos sobre a obra: a eugenia, termo criado por Francis Galton (1883), que consiste na tentativa de controle genético na sociedade. É importante deixarmos claro que meu objetivo com o presente trabalho, é analisar as representações do corpo feminino na obra e não criticar as escolhas da autora quanto a esse aspecto. Entretanto, não devemos fazer vista grossa quanto a essa escolha de narrativa, uma vez que no século XXI, tal opinião é amplamente relacionada a ideais racistas.

A citação “[...] elas tinham o pensamento dominante de desenvolver ao máximo a raça através das crianças.” (GILMAN, 2018. p. 107) pode nos parecer inofensiva se a tirarmos de contexto, mas observando que tal evolução de raça exclui a miscigenação na obra, percebemos que os ideais evolutivos da Terra das Mulheres, consistem unicamente na melhoria da raça ariana.

Van, afirma que não há dúvidas sobre a raça branca das nativas, embora as mesmas sejam um pouco mais escuras do que os povos externos, devido ao contato constante com o sol e, sobre esse aspecto, conclui que tais mulheres mantiveram contato com “[...] o melhor da

³⁷ No original: “I figured it out that the business of mankind was to carry out the evolution of the human race [...] we are the only creatures that can assist evolution [...]” In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 77.

civilização do mundo antigo [...]” (GILMAN, 2018. p. 65). Podemos concluir, a partir disso, que o narrador considera caucasianos superiores a outras raças humanas. Tal caráter se faz presente, também, na seguinte canção de Terry, que não é questionada por nenhum dos outros personagens da trama: “Agarrei a felicidade onde a encontrei. / No meu tempo, colhi e semeiei. / Com as amarelas e as pretas aprendi coisas / Que me ajudaram muito com as brancas.” (GILMAN, 2018. p. 144).

O processo eugênico se faz latente também quanto à diversidade questionada por Terry (GILMAN, 2018. p. 89) presente na trama. Hausman, afirma que há apenas uma “variação da branquitude”³⁸ (HAUSMAN, 1998, p. 502) em *Herland*. Assim, é possível compreendermos que a evolução almejada na obra consiste unicamente na pureza da raça ariana. Tal pensamento é reforçado durante a história da Terra das Mulheres, quando o narrador nos informa que a primeira mãe a engravidar por meio de partenogênese “[...] morreu com um orgulho mais nobre e uma alegria mais plena do que qualquer outra alma humana tenha conhecido, porque sozinha havia fundado uma raça!” (GILMAN, 2018, p. 68).

Ademais, outra forma de implantação eugênica cultural na Terra das Mulheres, se dá a partir do controle reprodutivo. Somel explica a Van, que garotas que demonstram “características negativas”, são influenciadas a renunciar à maternidade, dessa maneira, seus “defeitos” não seriam passados para as futuras gerações (GILMAN, 2018. p. 94). Podemos perceber, então, que a variação evolutiva almejada pelas nativas só é bem-sucedida dentro de seus padrões culturais.

Tal característica na narrativa é, com razão, criticada não apenas pelas feministas do século XXI, mas por estudiosos em geral. Entretanto, se faz necessário que, bem como discutimos no capítulo anterior, entendamos o contexto em que o romance foi publicado. A professora Clare Hanson, afirma em “The Maternal Body” (2015) que tal ideal era comum durante o advento das primeiras ideias feministas, em 1880. Segundo a pesquisadora, as feministas eugenistas acreditavam ser de responsabilidade materna encontrar o pai ideal para seus filhos pois “[...] o propósito do casamento era a reprodução racional em serviço da raça.” (HANSON, 2015, p. 91)³⁹. Ou seja, era importante para essas mulheres que seu parceiro não

³⁸ No original: “variation of ‘whiteness’” In: HAUSMAN, Berenice. Sex before Gender: Charlotte Perkins Gilman and the Evolutionary Paradigm of Utopia. *Feminist Studies*. Vol. 24, No. 3 (Autumn, 1998), p. 502.

³⁹ No original: “[...] the purpose of marriage was rational reproduction in the service of the race [...]” In: HANSON, Clare. The maternal body. In: HILLMAN, David; MAUDE, Ulrika. *The Cambridge Companion to the Body in Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 91.

tivesse doenças ou condições mentais adversas para que seus filhos nascessem “perfeitos”, pois a reprodução de cidadãos saudáveis era uma preocupação (GILMAN, 2018, p. 88).

Ou seja, Charlotte Perkins Gilman “[...] escreveu como uma mulher branca, um membro do grupo social dominante, embora um membro subordinado desse grupo devido ao seu gênero. [...]”⁴⁰ (HAUSMAN, 1998, p. 504). Em meio ao advento massivo de ideias eugênicas, e influenciada pelo caráter segregacionista da organização feminina a qual fazia parte, a NAWSA⁴¹, Gilman acreditava que as raças deveriam manter-se puras, ou seja, era contrária à miscigenação entre humanos de cores diferentes.

Outro ponto criticado por pesquisadores a respeito da reprodução na Terra das Mulheres, é a ideia de procriação apresentada pela escritora em *Herland*. Vimos, no capítulo anterior, que as nativas da cultura utópica são essencialmente assexuadas. Isso ocorre, segundo o romance, porque as mulheres, por dois mil anos, não se depararam com homens. Somando isso à partenogênese, elas eliminaram a necessidade do ato sexual em sua cultura. Essa escolha narrativa é contestada pelo movimento feminista, pois, Gilman, elimina a sexualidade de suas personagens, condenando o lesbianismo e afirmando a falta de libido atribuída ao gênero feminino no período.

Podemos perceber certa crítica às relações sexuais entre casais no início do século XX, pois o romance em questão aborda o sexo sem fins reprodutivos como antinaturais. As três mulheres na utopia negam-se a praticar o ato “por amor” aos seus companheiros, pois não compreendem o conceito de amor romântico. Ademais, seu objetivo maior com o casamento é a procriação, o nascimento de uma criança advinda de uma relação heterossexual.

Você quer dizer que o amor entre homem e mulher se expressa dessa maneira, sem nenhuma relação com a maternidade? Ou com a paternidade? [...]

- Sim, com toda a certeza. Pensamos apenas no amor, o amor profundo e doce entre duas pessoas. É claro que queremos filhos, e eles vêm. Mas não é nisso que pensamos.

- Mas... mas... parece contra a natureza! [...] Nenhuma das criaturas que conhecemos faz isso. (GILMAN, 2018, p. 151).

⁴⁰ No original: “[...] wrote as a *white* woman, a member of the dominant racial group, although a subordinate member of that group because of her sex. [...]” In: HAUSMAN, Berenice. Sex before Gender: Charlotte Perkins Gilman and the Evolutionary Paradigm of Utopia. *Feminist Studies*. Vol. 24, No. 3 (Autumn, 1998), p. 504.

⁴¹ Tal característica da associação era latente desde sua criação, em período na qual era conhecida como NWSA (National Woman Suffrage Association) quando era contra o sufrágio negro. A partir de 1890, o grupo mesclou-se com o chamado American Woman Suffrage Association - associação esta que em sua criação era favorável ao voto negro - e mudou seu nome para National American Suffrage Association, contudo, seu caráter racista perdurou até seu fim. (WEXLER, Laura. All men and women are created equal. In: MARCUS, Greil; SOLLORS, Werner (eds.). *A New Literary History of America*. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press of Harvard University Press, 2009.p. 349-353.

Não é possível que tiremos conclusões concretas acerca da opinião de Gilman a esse respeito, somente a partir do romance analisado. Contudo, vimos anteriormente que em outros de seus ensaios, em sua autobiografia e em algumas publicações de seu periódico, que a autora não concordava com as relações sexuais comuns à sua época como eram, principalmente, no que diz respeito à sexualidade feminina. Gilman criou uma utopia que em muitos aspectos punha em prática seus ideais, logo, é possível compreendermos que a autora questionava, também, o tratamento reprodutivo e sexual da época (LONG, 2004, p.172-192).

Entretanto, mesmo que a obra toque em pontos que consideramos polêmicos na contemporaneidade, é importante sabermos distinguir o contexto histórico em que foi publicada. É inegável que propagar ideias eugênicas sob o viés do século XXI é controverso, principalmente quando levamos em consideração a proximidade da eugenia com o racismo que enfrentamos na sociedade. Contudo, Gilman publica sua obra em um período em que essa teoria era amplamente difundida nos Estados Unidos, tornando-se parte da legislação em diversos estados do país: “No início dos anos 1900, a eugenia era um campo acadêmico respeitável, estudada em Harvard e Princeton.” (BOLICK, 2019, p. 288)⁴². Exemplo brasileiro de casos parecidos são as obras do *Sítio do Pica-pau amarelo* (1920 - 1947), do consagrado escritor infantil Monteiro Lobato que, bem como *Herland*, propagava abertamente discursos de mesmo caráter.

A crítica feminista quanto à visão procriativa do romance também deve levar em consideração o entre séculos XIX e XX, período em que o ato sexual era comandado pelo esposo e as mulheres não tinham controle reprodutivo. Vivendo sob a lei Comstock, métodos contraceptivos eram de difícil acesso e utilizados clandestinamente, principalmente por mulheres abastadas. Portanto, podemos compreender a preocupação feminina quanto ao ato sexual deliberado sem prevenção.

É notório, contudo, que a obra contradiz a si mesma neste quesito. Gilman, credita o controle reprodutivo às mulheres em sua utopia, dando-as autoridade quanto ao crescimento populacional de seus país. Ao mesmo tempo, mostra preocupação nesse quesito, já que questiona o controle de natalidade de ricos e pobres nos Estados Unidos do início do século XX. Todavia, o romance apresenta um discurso antiaborto - assunto de extrema relevância no período e diretamente atrelado ao controle de natalidade.

⁴² No original: “In the early 1900s, eugenics was a respectable academic field, studied at Harvard and Princeton.” In: BOLICK, Kate. Introduction. In: *The Yellow Wall-paper, Herland and Selected Writings*. Penguin Classics, 2019. pos. 288.

Em 1875, Elizabeth Edson Evans publicou *The Abuse of Maternity*, obra na qual critica veementemente o aborto, justificando que tal prática é um pecado moderno disseminado nos Estados Unidos por ideais franceses de luxúria e sensualidade. “[...] uma disposição por parte das mulheres de fugir da tarefa da maternidade, essa disposição resulta na prevalência do infanticídio, - uma prática tão antinatural, tão covarde, tão cruel e injusta, que vem sendo bem denominada como ‘o crime sem nome’.” (EVANS, 1875, p. 8).⁴³

A autora, entretanto, afirma que essa prática sempre existiu e a principal razão de não ter sido erradicada é o excesso populacional (EVANS, 1875. p. 9). Apesar de buscar justificativas para a permanência do discurso pró-aborto, a autora é moralmente contrária à ideia, chamando o ato de crime, pecado, assassinato e infanticídio. Gilman, apesar de não ser religiosa como Evans, advoga em seu romance a favor das mesmas ideias moralistas; embora entenda a necessidade do controle de natalidade para a sociedade, é contrária ao aborto.

Tal aspecto da obra, também é bastante questionado pelo discurso feminista, uma vez que a narrativa macula o método de controle reprodutivo ao apresentar mulheres “perfeitas” contrárias a ele. Essa crítica, aliás, não se restringe ao movimento feminista da contemporaneidade, uma vez que a reivindicação do aborto já existia antes da publicação da obra. À vista disso, podemos concluir que tal característica da utopia carrega um discurso moralista que não englobava grande parte das mulheres do período, que lutavam pela legalização dos controles de natalidade.

[...] como impedem os nascimentos? Cada mulher tinha cinco filhos. Vocês não têm maridos tirânicos para controlá-los, e é claro que não matam os fetos...
Nunca vou esquecer o seu olhar horrorizado. Ela pulou de sua cadeira com as feições pálidas e os olhos arregalados,
- Matar os fetos? - sussurrou com dificuldade. - Os homens fazem isso em seu país?
- Homens! comecei a responder, com paixão, então vi o abismo diante de mim.
[...] Contei-lhe sobre certos tipos criminosos de mulheres - pervertidas ou malucas -, notórias por ter cometido infanticídio. [...] (GILMAN, 2018, p. 80-81).

Devemos, então, ter um olhar cuidadoso a respeito da reprodução em *Herland*, pois, ainda que permeie assuntos delicados como a eugenia, o aborto e a assexualidade também nos traz um viés inovador no que tange à partenogênese. Empregado como método reprodutivo na Terra das Mulheres, tal meio de concepção foi um artifício imaginado pela autora para atribuir o controle reprodutivo ao gênero feminino na obra. Podemos concluir que a partenogênese no romance de Gilman não tem como único propósito reproduzir a população feminina sem a

⁴³ No original: “[...] a disposition on the part of women to evade the task of maternity, and that this disposition should have resulted in the prevalence of fanticide, - a practice so unnatural, so cowardly, so cruel and unjust, that it has well being denominated "the nameless crime".” In: EVANS, Elizabeth Edson. *The Abuse of Maternity*. Philadelphia: J. B. Lippincott & CO, 1875, p. 8.

necessidade masculina, mas atribuir o controle de natalidade às mulheres em um período em que a contracepção era criminalizada.

Outrossim, podemos observar que, no romance, o controle reprodutivo feminino não se dá somente no que tange aos seres humanos, mas também à reprodução de plantas e animais. As mulheres de *Herland*, diferentemente das mulheres estadunidenses conhecidas pelos três personagens masculinos na obra, têm total autoridade em seu território - aspecto quase inexistente nos Estados Unidos do início do século XX. A agenda da primeira onda do feminismo, vigente no período, não consegue abranger as reivindicações conquistadas pelas mulheres da utopia: enquanto as sufragistas buscavam melhores condições de trabalho e o direito ao voto, as nativas de *Herland* tinham total acesso a vida pública, controle sobre seus corpos e domínio sobre a natureza.

2.2 A maternidade

Notamos que o estímulo à reprodução sempre foi propagado pelo capitalismo, a fim de produzir trabalhadores para o mercado, isto é, a maternidade era tida como a mão de obra gratuita do Estado durante os séculos XIX e XX (MATTHAEI, 1999, p. 263), período de vida de Charlotte Perkins Gilman. As mulheres prestavam um serviço à sociedade: gerar e cuidar de vidas sem remuneração. Assim, famílias pobres eram as que mais sofriam com a grande quantidade de filhos: devido à necessidade de ter mais pessoas no núcleo familiar ajudando com a renda de casa e também, à dificuldade de acesso a meios contraceptivos por conta de sua proibição e falta de capital para comprá-los ilegalmente.

É interessante analisarmos, contudo, que embora a maternidade fosse creditada às mulheres, o assunto era masculino (HANSON, 2015, p. 87-88): o Estado, comandado por homens, controlava a reprodução; as leis que marginalizam os métodos contraceptivos eram criadas por homens; a obstetrícia, função creditada somente às mulheres até o século XVI, passou a ser função, na maioria das vezes, masculina, quando o Estado passou a desprofissionalizar as mulheres a partir do século XVII (FEDERICI, 2021, p. 329-330); e a contracepção era responsabilidade feminina, já que os maridos não se preocupavam com controle de natalidade durante o ato sexual (SOHN, 2011, p. 135-140).

Outro tópico de bastante relevância no que tange à maternidade no período aqui contextualizado, era a noção da incapacidade de mulheres grávidas fazerem tarefas com

lucidez. Propagava-se, muito frequentemente, que durante a gestação e após o parto, as mulheres eram física e mentalmente incapazes de realizarem tarefas como trabalhar e tomar decisões sobre as próprias vidas. Diante disso, a gravidez era posicionada entre a saúde e a doença (HANSON, 2015, p. 87), tornando-se um corpo que provoca medo e fascinação. Constrói-se, desse modo, “[...] o corpo materno em termos de instabilidade física e emocional.” (HANSON, 2015, p. 98).⁴⁴

Podemos observar o contraste a esse respeito nas obras de Gilman *Herland* e *Papel de parede amarelo*. A dualidade no que tange ao corpo materno também é visível nestes trabalhos da autora: enquanto no conto, Gilman nos apresenta o corpo materno obscuro, doente e amedrontador, confinado às margens da sociedade, na utopia, a maternidade é ressignificada como um estado de catarse que permeia toda a cultura apresentada na obra, sendo ela sinônimo de saúde e fascinação, o maior presente que uma mulher pode receber.

As doenças mentais passaram a ser, no século XIX, uma grande preocupação da medicina, uma vez que se acreditava que a insanidade no puerpério poderia ser passada de mãe para bebê (HANSON, 2015, p. 89). Tal aspecto tornou-se bastante relevante no século XX, com o advento da medicina psicanalítica, como percebemos no capítulo anterior, que atribuiu a histeria às mulheres. Acreditava-se que o corpo materno era um filtro para a criança: através dele, o filho tinha contato com o mundo externo. Portanto, a mãe deveria manter-se saudável física e mentalmente, além de suprir suas emoções para não atingir negativamente seu filho (HANSON, 2015, p. 94-95).

Essa realidade, contudo, era atribuída somente às mulheres de classes mais altas, já que não existia licença maternidade ou leis que preservassem as trabalhadoras nesse período. Logo, as assalariadas, muitas vezes, perdiam seus empregos durante o nascimento de seus filhos ou eram forçadas a trabalhar até darem à luz e retornar à sua função o mais rapidamente possível (MATTHAEI, 1999, p. 264-266). O estigma social quanto a essas mulheres também se distinguia das mães donas de casa, uma vez que essas enfrentavam menos desconfiança social em relação à sua capacidade de serem mães efetivas e cuidadoras; enquanto isso, as mulheres mais pobres eram frequentemente vistas como incapazes de oferecer um bom ambiente para seus filhos, visto que não tinham tempo para cuidar e criar as crianças como as donas de casa faziam.

⁴⁴ No original: “[...] the maternal body in terms of physical and emotional instability.” In: HANSON, Clare. *The maternal body*. In: HILLMAN, David; MAUDE, Ulrika. *The Cambridge Companion to the Body in Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 98.

Sob esse viés, as donas de casa eram vistas como as mães perfeitas aos olhos do público: além de atenderem às expectativas morais da sociedade em termos familiares, também seguiam os estereótipos de gênero físicos e comportamentais atribuídos às mulheres. Ademais, seu poder aquisitivo superior fornecia mais recursos, acesso a serviços e oportunidades aos seus filhos.

A noção de “anjo do lar”, contribuiu significativamente para o conceito de maternidade vigente durante meados do século XIX. Tal período foi denominado pelos historiadores como “Culto a Verdadeira Feminilidade” ou “Cultura da Domesticidade”⁴⁵, momento em que os meios de comunicação como revistas, jornais e livros e a religiosidade (WELTER, 1966, p. 151) sistematicamente atribuíram valores e ideais de feminilidade às mulheres que contribuíram para o conceito da dona de casa, nos moldes do poema de Patmore, que perdurou por anos.

De acordo com a historiadora Barbara Welter, em “The Cult of True Womanhood: 1820-1860” (1966), a “Mulher Verdadeira” estaria diretamente ligada à religiosidade. Suas virtudes deveriam espelhar as vontades do Senhor, seriam elas: a piedade, a pureza, a submissão e a domesticidade. O dever da mulher ideal seria, então, a servidão ao seu lar, ao seu esposo e a Deus. Por conseguinte, a mulher que não seguia uma religião cristã, era considerada impura ou de uma ordem inferior (WELTER, 1966, p. 154), bem como as mulheres hereges durante a caça às bruxas (FEDERICI, 2021, p. 83-88).

Uma das razões pelas quais a religião era valorizada era que ela não afastava a mulher de sua “própria esfera”, seu lar. Ao contrário da participação em outras sociedades ou movimentos, o trabalho na igreja não as tornava menos domésticas ou submissas, menos uma Mulher Verdadeira. (WELTER, 1966, p. 153).⁴⁶

Podemos perceber que os ideais de feminilidade constituídos no século XIX, não se distanciam dos estabelecidos durante a caça às bruxas na Europa - período de quase criminalização das práticas femininas. A mulher perfeita era religiosa, submissa ao seu esposo ou pai, pura e casta. A diferença entre os dois momentos é que mulheres que não seguiam os padrões comportamentais estabelecidos pelo poder vigente, eram punidas nos séculos XVI e XVII com tortura ou morte (FEDERICI, 2021, p. 335); já em meados do século XIX e início

⁴⁵ Em inglês “The Cult of True Womanhood” e “The Culture of Domesticity”, respectivamente.

⁴⁶ No original: “One reason religion was valued was that it did not take a woman away from her “proper sphere”, her home. Unlike participation in other societies or movements, church work would not make her less domestic or submissive, less a True Woman.” In: WELTER, Barbara. *The Cult of True Womanhood: 1820-1860. American Quarterly*, Vol. 18, No. 2, Part 1 (Summer, 1966), p. 153

do XX, tais mulheres eram marginalizadas e excluídas da sociedade como seres inferiores - eram incluídas nessa parcela as mulheres pobres, imigrantes e não-brancas.

Afirma Welter que, uma “Mulher Verdadeira” ideal, era "frágil", mental e fisicamente, por isso, não deveria deixar sua casa (WELTER, 1966, p. 159) - ela dependia de homens como o esposo ou o pai para protegê-la e a reclusão ao lar era um atributo que tornava a mulher mais feminina. Podemos perceber um estado de perpétua infância atribuído à essas mulheres, que tinha como objetivo torná-las incapazes de viver sozinhas (WOLLSTONECRAFT, 2017, p. 29). Dessa maneira, a relação entre esposo e esposa no período era quase paternal: o marido desempenhava o papel de cuidador, enquanto a esposa, de criança frágil e indefesa: “é sempre tímida, duvidosa e dependente de forma pegajosa; uma infância perpétua” (CLARKE, 1850, p. 311)⁴⁷.

Vemos em *Herland*, uma crítica a esse aspecto uma vez que, como observado, as mulheres da obra são o oposto de frágeis e não necessitam de proteção masculina. A infantilização das mulheres também não ocorre, pelo contrário, a defesa desse tipo de comportamento vindo de famílias estadunidenses é criticado pelas habitantes da Terra das Mulheres. Ademais, as próprias crianças na obra são tratadas como seres independentes, podendo explorar seu país sem a supervisão constante de um adulto.

A maternidade entra nesta equação como o clímax do matrimônio. Tal estágio não servia apenas para alimentar a sociedade capitalista - os Estados Unidos dependiam das mães para criar as próximas gerações -, mas também para ancorar ainda mais a mulher dentro de sua casa. A gravidez e, posteriormente, a maternidade acrescentavam uma utilidade às mulheres (WELTER, 1966, p. 171), podemos constatar, a partir da seguinte citação de Sohn (2011), que até para a medicina, o corpo feminino era útil, em primeira instância, para a gravidez e cuidado dos filhos: “O corpo feminino é em primeiro lugar, para os médicos, um corpo grávido que se deve conduzir até o parto seguro e, depois, colocar a serviço do bebê.” (SOHN, 2011, p. 126).

Podemos constatar a importância da maternidade na vida das mulheres do período a partir da seguinte citação de Evans (1875), publicada no estopim do Culto à Verdadeira Feminilidade, em que a autora defende a maternidade como o propósito de vida do gênero feminino:

Nenhuma mulher pode considerar que tenha completado seu destino até que tenha dado à luz um filho. Ela pode ser honrada e amada como uma filha perpétua na casa

⁴⁷No original: “is ever timid, doubtful, and clingigly dependent; a perpetual childhood.” In: CLARKE, Sara Jane. *The intellectual woman*. Boston: Greenwood Leaves, 1850, p. 311.

de seu pai; como uma esposa sem crianças, ela pode ser melhor para o marido do que dez filhos; [...] e ainda assim, por mais que ela seja valorizada na vida pública ou privada, ela é digna de pena por ter perdido, ou voluntariamente renunciado, o mais querido privilégio de seu gênero; e, secretamente em seu coração, embora ela possa ser controlada e até mesmo contente, ela nunca estará satisfeita. (EVANS, 1875, p. 8).⁴⁸

A partir dessa análise contextual do período de publicação da obra, podemos agora observar a maneira com que a maternidade se dá em *Herland*. Para que possamos compreender a maternidade na obra, faremos uma breve contextualização histórica da Terra das Mulheres, bem como fizemos anteriormente ao falarmos da reprodução. Também entenderemos o conceito de maternidade na utopia, que muito mais do que um estado feminino, se baseia em coletividade e religiosidade na cultura apresentada a nós. Por fim, mas não menos importante, faremos um paralelo entre a visão de maternidade e paternidade das nativas de *Herland* e dos três exploradores estadunidenses. A seguir, nos atentaremos às críticas do romance à noção de “anjo do lar” e a jornada de trabalho feminina nos Estados Unidos do início do século XX.

Constatamos, no subcapítulo anterior, que a realidade maternal entre as mulheres no período analisado era distinta. Enquanto as brancas de classe média ou alta eram vistas como seres puros, verdadeiros anjos da família, as mulheres pobres eram marginalizadas e tratadas como más mães por não se dedicarem exclusivamente ao cuidado de suas crianças. Tal diferença de tratamento entre as esposas e mães do período é indagada em *Herland* pelas nativas do país. A obra nos faz refletir, a partir dos questionamentos das habitantes da Terra das Mulheres, os motivos pelos quais mulheres ricas têm menos filhos e se restringem ao lar, afastando-se de empregos formais, enquanto as pobres têm mais filhos e possuem jornada dupla de trabalho: o doméstico e o assalariado.

[...] Mães [...] certamente trabalhariam por seus filhos em casa; mas o mundo do trabalho era diferente. Aquilo tinha de ser feito pelos homens [...]

[...] - Os homens fazem de tudo entre nós. [...] - Não permitimos que nossas mulheres trabalhem. Elas são amadas e idolatradas, honradas, mantidas no lar para cuidar das crianças.

[...] nenhuma mulher trabalha?

- Bem, algumas precisam [...] - As mais pobres.

- E são cerca de quantas no seu país?

- Sete ou oito milhões [...] (GILMAN, 2018, p. 72).

⁴⁸ No original: “No woman can be considered as having completed her destiny until she has borne a child. She may live honored and beloved as a perpetual daughter in her father’s house; as a childless wife, she may be better to her husband than ten sons; [...] and yet - yet - however highly she may be prized in private or in public life, she is pitied as one who has either missed, or voluntarily renounced, the dearest privilege of her sex; and, in her secret heart although she may be resigned, and even content, she can never be satisfied.” In: EVANS, Elizabeth Edson. *The Abuse of Maternity*. Philadelphia: J. B. Lippincott & CO, 1875, p. 8.

As três noivas dos exploradores questionam constantemente esse conceito de esposas e mães em *Herland*, pois vivem em uma sociedade socialista na qual são livres para ir e vir sem que haja regras ou leis que as limitem ao âmbito doméstico. Ellanor, por exemplo, questiona a respeito do confinamento das estadunidenses ao lar, constatando que tais mulheres não devem ser aprisionadas, ao que Terry rapidamente responde que é natural que as esposas prefiram ficar em casa cuidando de seus filhos (GILMAN, 2018. p. 72).

Alima, também indaga seus novos amigos homens a respeito desse tema ao perguntar quantos filhos as mulheres têm nos Estados Unidos, ao que os amigos respondem que não há um número certo, como na Terra das Mulheres, mas que algumas mães têm mais filhos, outras menos, e que algumas mulheres não os têm (GILMAN, 2018. p. 72). Na mesma conversa, podemos notar uma crítica da obra a respeito da condição financeira das famílias estadunidenses no período, “[...] as mulheres que tinham mais filhos tinham menos criados, e as que tinham mais criados tinham menos filhos.” (GILMAN, 2018. p. 72).

A autora Kate Bolick, observa essas discussões na obra como respostas de Gilman ao problema da maternidade involuntária do período (BOLICK, 2019. pos. 288). Métodos contraceptivos eram ilegais e de difícil acesso, ademais, a divulgação de tais métodos também era criminalizada. Isto posto, muitas mulheres tinham mais filhos do que poderiam sustentar por dois motivos: não saberem como evitar a gravidez ou não terem condições financeiras para contrabandear contraceptivos.

Welter também analisa o papel feminino na família dos Estados Unidos no período, afirmando que “O lar deveria ser um lugar alegre para que irmãos, maridos e filhos não buscassem diversão em outro lugar.” (WELTER, 1966, p. 163).⁴⁹ Terry, aproximando-se da fala de Welter, insiste que “Um homem quer casa própria, onde a esposa e os filhos possam ficar.” (GILMAN, 2018, p. 110) na utopia analisada. A partir desse paralelo, conseguimos perceber a visão masculina de esposa e mãe no período e a crítica das duas autoras em suas obras.

Agora que compreendemos a problematização do papel feminino nas famílias estadunidenses na utopia, devemos analisar como a autora de *Herland* nos apresenta um novo conceito de maternidade. A fim de alcançarmos esse objetivo, devemos, primeiramente, analisar a história da maternidade na obra, que nos auxilia no entendimento da maternidade na

⁴⁹ No original: “Home was supposed to be a cheerful place, so that brothers, husbands and sons would not go elsewhere in search of a good time.” In: WELTER, Barbara. The Cult of True Womanhood: 1820-1860. *American Quarterly*, Vol. 18, No. 2, Part 1 (Summer, 1966), p. 163.

Terra das Mulheres, que mais do que um estado feminino, é uma noção que permeia toda a sociedade imaginada por Gilman.

A origem da Terra das Mulheres, como vimos, permeou sofrimento, angústia, medo do futuro e insegurança. O milagre da maternidade deu a esperança de continuidade de uma nação para um conjunto de mulheres perdidas e sozinhas. Logo, o endeusamento da maternidade para aquelas mulheres é compreensível, já que somente a partir dela sua raça não se extinguiria.

As cinco primeiras crianças nascidas a partir da partenogênese foram criadas com devoção, uma vez que simbolizavam o futuro, e eram consideradas presentes dos deuses. O pequeno número de mulheres restante tinha grandes expectativas de que aquelas meninas também se tornariam mães a fim de perpetuarem a sua espécie. A mãe das meninas foi igualmente admirada por aquelas mulheres desesperadas, virou Rainha-Mãe e Sacerdotisa de todas elas. Viveu até os cem anos e foi colocada no templo da deusa da maternidade: Maaia (GILMAN, 2018. p. 67-68).

Pode -se imaginar como aquelas cinco Filhas de Maaia, Crianças do Templo, Mães do Futuro [...], foram criadas. A pequena nação de mulheres as cercava com devoção amorosa e esperava, entre a expectativa sem limites e o desespero igualmente sem limites, para ver se elas também se tornariam mães. (GILMAN, 2018. p. 67).

A maternidade e a religião na Terra das Mulheres, então, entrelaçaram-se. Maaia, a Deusa-Mãe virou a principal entidade adorada pelas nativas, já que ela as presenteou com o milagre da maternidade. “[...] focaram a Deusa-Mãe. Então conforme avançaram intelectualmente, sua religião se tornou uma espécie de panteísmo materno.” ((GILMAN, 2018. p. 70).

Portanto, a religião das nativas passou a permear a maternidade, tornando os dois conceitos um só em sua cultura. O sentimento maternal da sociedade na Terra das Mulheres era tão latente que se transformou em uma religião, intrinsecamente seguida por todas as habitantes do lugar. A maternidade não é, na obra, exclusividade da mulher grávida, mas de toda a sua sociedade. Podemos entendê-la como um instinto social de irmandade:

[...] elas eram mães no sentido de fazedoras conscientes de gente. O amor materno nelas não era bruto, um ‘instinto’, um sentimento muito pessoal; eram mais como uma religião. Incluía o sentimento sem limites de irmandade e a ampla unidade no serviço, que para nós era tão difícil de entender. Era nacional, racional e humano. [...] (GILMAN. 2018. p. 79-80).

Levando em consideração o espírito coletivo da religiosidade maternal em *Herland*, podemos observar a maneira com que as nativas da Terra das Mulheres compreendiam o conceito de Deus. As nativas seguiam uma religião panteísta: acreditavam que não havia um

deus maior que tudo e sim que o universo, a natureza e tudo o que as cercava era a manifestação de algo maior: o grande Espírito Mãe.

[...] O grande Espírito Mãe era para aquelas mulheres o mesmo que a própria maternidade, só que ampliado além dos limites humanos. Aquilo significava que elas se sentiam cercadas de um amor encorajador, infalível e benéfico (talvez de fato o amor maternal acumulado de sua raça), além de poderoso. (GILMAN, 2018. p. 124).

[...] não assumimos que em algum lugar há uma mulher maior que todas as outras que seja Deus. O que chamamos de Deus é um poder penetrante, um espírito interior, algo dentro de nós, do qual sempre queremos mais. [...] (GILMAN, 2018. p. 125-126).

Em *Herland*, Gilman, dedica um capítulo inteiro para explicar a complexidade da religião na Terra das Mulheres, em que as nativas do país apresentam aos estrangeiros e a nós, leitores, o funcionamento dessa instância em sua cultura. Comparações são inevitáveis para os personagens masculinos - e para os leitores ocidentais - já que a religião cristã é muito diferente da maternal de *Herland*. Discussões a respeito da veneração a Deus, do pecado, da vida após a morte, das tradições religiosas e da danação eterna são comuns entre Ellanor e Van (GILMAN, 2018. p. 123-130).

Prontamente, Van, constata que a religião dessas mulheres supera o cristianismo ocidental. A característica maternal, a coletividade e a prioridade do país quanto às crianças, fazem com percebamos que o panteísmo da Terra das Mulheres segue mais corretamente os princípios cristãos do que os próprios católicos ou protestantes. “[...] É a religião mais prática, reconfortante e progressista de que já ouvi falar. Vocês de fato se amam, de fato carregam o fardo uma da outra, de fato reconhecem que uma criança é como o reino dos céus. São mais cristãs do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido. [...]” (GILMAN, 2018. p. 129).

O caráter coletivo da maternidade idealizada por Gilman no romance, é a principal característica da cultura na Terra das Mulheres. Toda a sociedade do país permeava a criação das crianças e a necessidade de melhorias sociais para as meninas do futuro. Aqui, podemos observar mais uma vez o desejo da própria autora pela evolução humana que destacamos anteriormente: “Qualquer coisa que dificulte ou impeça o crescimento, a expansão da consciência, a crescente cooperação do Corpo Social, aquela Unidade de Vida, tem sido para ela um pecado não tanto imperdoável quanto incrível.” (GALE, 1991, p. 11).⁵⁰

⁵⁰ No original: “Anything which hampers or thwarts the growth, the expanding consciousness, the increasing cooperation of The Social Body, that Unit of Life, has been to her the sin not so much unpardonable as incredible.” In: GALE, Zona. Foreword. In: GILMAN, *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An Autobiography*. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 11.

Bem como Gilman, as nativas da utopia também almejam a evolução de sua espécie. Dessa maneira, a maternidade na obra não é uma necessidade pessoal, mas um serviço pessoal. “[...] a maternidade era a máxima ambição, uma maternidade exaltada principalmente como uma função pessoal vista como o maior serviço social, uma consagração de uma vida; [...]” (GILMAN, 2018, p. 100).

Percebemos, pois, que a maternidade na Terra das Mulheres é avessa às expectativas ocidentais, tanto dos personagens masculinos, quanto de nós leitores. “[...] Vocês são apenas homens, três homens, em um país povoado por mães, ou futuras mães. A maternidade significa para nós algo que não parece significar em nenhum dos países os quais falaram. [...]” (GILMAN, 2018, p. 77). Não há em nossa cultura sociedade que atenda ao conceito de maternidade que conhecemos no romance, o que nos causa estranhamento, bem como nos estrangeiros, principalmente Terry:

[...] Uma criança não me parece o bastante para desenvolver em alguém o que considero maternidade. [...] A maternidade que dominava toda uma sociedade, influenciava a arte e a indústria, protegia toda a infância e garantia o mais perfeito carinho e instrução não parecia maternal a Terry. (GILMAN, 2018, p. 84).

Dessa maneira, as comparações das mães idealizadas na utopia com as mães ocidentais são inevitáveis. Van narra as diferenças entre as mulheres estrangeiras e nativas durante algumas passagens da obra, nos chamando atenção, mais uma vez, à característica coletiva das mães da Terra das Mulheres.

Estamos acostumados a ver o que chamamos de ‘mãe’ completamente embrulhada em seu próprio pacotinho cor-de-rosa de infância fascinante, com apenas um vago interesse teórico no pacote dos outros, isso sem falar nas necessidades comuns a *todos* os pacotes. Mas aquelas mulheres trabalhavam juntas na mais importante das tarefas: faziam gente, e o faziam bem. (GILMAN, 2018, p. 80).

Apesar de todas denominarem-se mães, poucas são escolhidas para dar à luz a uma filha. Isso se dá, pois, sua cultura decidiu que, a fim de controlar a taxa de natalidade do país, algumas mulheres engravidariam - as mais aptas de acordo com as exigências eugênicas delas - e outras se dedicariam a cuidar das crianças, educá-las ou fazer outros trabalhos sociais. Essa escolha causa aflição nos viajantes, uma vez que, segundo eles, os filhos deveriam ser propriedade das mães. Entretanto, as mulheres explicam que todas são mães na Terra das Mulheres e engravidar não as fariam mais mães do que as gestantes, as nativas acreditam que a educação de suas filhas, por exemplo, é tão importante quanto a gravidez.

[...] - Vocês impedem a mãe de criar as próprias filhas?
 - Claro! - Só pode fazê-lo quem é digno dessa tarefa suprema. [...]
 - Mas achei que a maternidade era para todas...

- No sentido de carregar um bebê no ventre, sim. Mas a educação é nossa arte mais elevada, e só as melhores artistas podem se dedicar a ela.
- Educação? - Fiquei intrigado. - Não é disso que estou falando. Falo em maternidade não apenas no sentido de ter um bebê, mas de cuidar dele.
- O cuidado dos bebês envolve educação, de modo que é confiado apenas às mais aptas - ela repetiu.
- Então vocês separam mãe e filha! - fiquei horrorizado [...]
- [...] a educação de uma criança se tornou para nós uma cultura estudada com tanta profundidade, praticada com tanta sutileza e habilidade, que, quanto mais amamos nossas filhas, menos dispostas estamos a confiar esse processo a mãos inaptas, mesmo que sejam as nossas.
- [...] sem dúvida os cuidados dos bebês podem ser assumidos por qualquer mulher, qualquer mãe!
- Não pensamos assim - ela respondeu com gentileza. - Aquelas entre nós que têm mais competência no assunto tomam conta disso; a maioria das garotas se voluntaria para fazê-lo, então posso garantir que temos as melhores.
- Mas a pobre mãe... privada do seu bebê... (GILMAN, 2018. p. 94-95).

Tranquilizando seus amigos homens, as mulheres explicam a eles que as progenitoras das bebês não são proibidas de ver suas filhas, ao mesmo tempo, as meninas não são completamente afastadas de suas “mães de verdade”. O sistema no país consiste em permitir que a mãe cuide de sua filha durante seus primeiros anos de vida e, gradativamente, afasta-se dela, mas nunca corta laços ou fica muito distante (GILMAN, 2018. p. 116). Assim, cria-se um ambiente em que todas as mulheres são responsáveis pela criação de uma criança, não somente a mãe, como esperava-se do “anjo do lar” no período: a dona de casa e “mãe perfeita” cuja função é dedicar-se completamente aos seus filhos.

Outra crítica dos exploradores ao sistema coletivo do local é a falta de sobrenomes das mulheres. Observamos que os homens veem as crianças como posses, creem que o sobrenome indica que os filhos pertencem aos pais. Entretanto, todas as mulheres são irmãs, tias, primas e mães umas das outras, pois advém de uma única mãe: “O instinto materno [...] entre elas fluía em uma corrente forte, ampla, inquebrável, ao longo de gerações, aprofundando-se e ampliando-se através dos anos, incluindo todas as crianças em toda a terra.” (GILMAN, 2018. p. 107). Ademais, elas não acreditam no pertencimento exclusivo, aquelas mulheres vivem coletivamente, logo, tudo é propriedade de todas elas.

- Vocês não têm outro nome? [...]
- Muitas de nós adquirem um ao longo da vida, mais descritivo. É o nome que conquistamos. Às vezes, ele é mudado ou ampliado, em uma vida incomumente rica. [...]
- Mas não há sobrenomes então? [...] Nenhum nome de família?
- Não - ela disse. - Por que haveria? Descendemos da mesma fonte. Somos uma única família. Nossa história relativamente breve e limitada nos dá ao menos essa vantagem. (GILMAN, 2018. p. 86).

Podemos concluir que o conceito de maternidade apresentado por Gilman a nós em *Herland* resume-se à coletividade. Constatamos que a autora da utopia carregava em si ideias

socialistas, que podem ser encontradas em sua autobiografia (1935) e em suas obras de não-ficção. Embora *Herland* seja um romance ficcional, a noção de uma sociedade cuja primazia seja a maternidade vivenciada em coletividade é notória. Em muitas passagens, as noivas usam o pronome possessivo “nosso” “[...] temos milhões de crianças para amar e servir. *Nossas* filhas. Estava além da minha compreensão. Ouvir tantas mulheres falando ‘nossas filhas’! [...]” (GILMAN, 2018, p. 82), confrontando seus noivos advindos de uma cultura individualista.

É possível percebermos, a partir desta análise, que o instinto materno da Terra das Mulheres vai além da maternidade como a conhecemos: permeia toda a sua cultura, a religião, a educação e sua vivência. Transborda na relação de mãe e filha e invade a irmandade entre elas, a amizade e a confiança postas em voga pelos exploradores antes de conhecê-las. “O poder do amor materno, o instinto que tanto alardeia era elevado ali ao extremo; havia também um amor de irmã, e, ainda que reconheçamos sua existência, achamos difícil de explicá-lo.” (GILMAN, 2018, p. 69).

As diferenças notadas pelos personagens na obra não se restringem, entretanto, somente à maternidade na Terra das Mulheres e nos Estados Unidos. Percebe-se, também, as noções distintas de paternidade e maternidade que esbarram principalmente nas relações procriativa e sexual. Os personagens masculinos veem o casamento como possibilidade de manter relações sexuais com suas esposas, já as nativas, acreditam que o principal objetivo do ato sexual é a procriação resultando na parentalidade.

[...] Para elas, o grande propósito da maternidade era, fazia muito tempo, a lei que regia a vida, e a contribuição do pai, ainda que fosse nova para elas, era um método distinto para o mesmo fim, de modo que não podiam, mesmo com muito esforço, entender o ponto de vista da criatura masculina que deseja quase ignorar a paternidade e que busca apenas o que chamamos pelo eufemismo “as alegrias do amor”. (GILMAN, 2018, p. 151).

Tal característica das mães no romance gera diversas discussões após o casamento entre os personagens, principalmente Terry, que pensa apenas em satisfazer seus prazeres; enquanto as mulheres têm como objetivo o que chamam de A Nova Maternidade - a concepção de uma criança nascida de uma relação heterossexual (GILMAN, 2018, p. 153). As noções de maternidade e paternidade são, então, ironizadas pelo personagem que, ainda com estereótipos machistas enraizados em sua consciência, não consegue compreender a significância de gerar uma vida para aquelas mulheres. Vejamos algumas passagens em que podemos observar tal aspecto da personalidade de Terry:

[...] - O que um homem quer de uma mulher é muito mais que 'maternidade'!

[...] - Por que um homem iria se importar com a maternidade se não tem a menor chance com a paternidade? [...] (GILMAN, 2018. p. 69).

-Só conseguem pensar em *paternidade*! - Terry disse, com escárnio. - *Paternidade!* Como se um homem só quisesse ser *pai*!

Aquilo também era correto. Elas tinham sua própria experiência de maternidade, abrangente, profunda, rica. O único valor que conseguiam identificar em um homem era a paternidade. (GILMAN, 2018. p. 137).

Terry ficava sempre impaciente com a maneira como falavam da paternidade. - Seria de pensar que somos altos sacerdotes... da procriação! [...] (GILMAN, 2018. p. 132).

Gilman também nos chama a atenção para a percepção quanto ao papel do pai e da mãe na criação dos filhos na obra. Sabendo que a autora acreditava na parentalidade igualitária, atribuindo, inclusive, a criação de sua própria filha também ao pai, indo de encontro à noção de “anjo do lar”, salta-nos aos olhos as comparações entre a maternidade e a paternidade na utopia. Vimos, anteriormente, que em suas obras não-ficcionais, Gilman, deixa clara a necessidade de apoio paternal na criação dos filhos, no romance em questão, a autora adiciona à discussão a importância dos machos, também, entre os animais.

[...] Comparar a história de dois mil anos, localizar as diferenças... Entre nós, que somos apenas mães, e vocês, que são mães e pais. É claro que vemos nos pássaros que o pai é quase tão útil quanto a mãe. Mas em outras espécies, como entre insetos, sua importância parece mais reduzida, às vezes quase inexistente. É assim com vocês?

- Ah, sim, pássaros e insetos - Terry disse -, mas não entre animais domesticados. [...]

- Temos gatos - ela disse. - Os pais não são muito úteis no caso deles. (GILMAN, 2018. p. 58).

Embora *Herland* consiga nos apresentar um trabalho brilhante quanto à crítica a respeito do papel maternal e paternal, é importante salientarmos, também, o lado negativo da maternidade na obra. Bem como em outros aspectos, a crítica feminista também questiona a quase obsessão de tais mulheres no que tange à maternidade. Isso se dá, pois, na contemporaneidade, muito se discute a respeito da cobrança das mulheres para serem mães, logo, é natural que a utopia de Gilman se mostre antiquada nesse quesito.

A crítica Elinor Bowers (2018) afirma que o romance equipara a feminilidade e a maternidade (BOWERS, 2018, p. 1), fator que podemos observar na seguinte citação de Van: “Você não chama de feminina uma raça de mulheres cuja principal preocupação é a maternidade? [...] (GILMAN, 2018, p. 69). Ademais, em “An Exploration of Femininity, Masculinity, and Racial Prejudices in *Herland*”(2018) Bowers critica a educação como extensão do papel da maternidade, juntamente a Deborah De Simone (1995), pesquisadora que argumenta que ao nos apresentar uma sociedade cuja educação e a maternidade caminham lado a lado, a obra reforça a obrigatoriedade materna de educar seus filhos. Dessa

forma, a romantização da maternidade como a máxima ambição das nativas da Terra das Mulheres aproxima-se da agenda criticada Welter (1966) e exaltada por Evans (1875): a mulher ideal dedicando-se exclusivamente aos cuidados e educação de seus filhos.

Portanto, podemos notar que *Herland* nos apresenta diversas ideias vanguardistas a respeito da maternidade, como a dedicação à educação infantil e a importância paterna na criação dos filhos. O romance também nos faz refletir, junto aos personagens masculinos, o distanciamento entre os conceitos de maternidade e paternidade. Embora parecidos em seu sentido, na prática, os termos não devem ser equiparados, já que os dois têm pesos distintos na criação de um filho: ser mãe é diferente de ser pai no contexto sociocultural ocidental contemporâneo.

Apesar de tais características, o romance sofre críticas válidas no que tange ao tema. Embora tente se distanciar em alguns aspectos, *Herland* ainda se prende à idealização da “mãe perfeita” nos moldes do “anjo do lar”, conceito esse amplamente difundido no período de sua publicação. As habitantes da Terra das Mulheres, almejam mais a maternidade do que dedicarem-se a si mesmas, assunto que deve ser, com razão, levado em consideração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Charlotte Perkins Gilman, foi uma mulher à frente de seu tempo desde a juventude, e a maioria de seus trabalhos espelham os ideais vanguardistas que a constituíam. Interessada pela evolução humana, tanto fisicamente quanto socialmente, entendia que seu desejo somente seria realizado quando a sociedade compreendesse os gêneros sexuais como iguais. A autora também visualizava o corpo como um objeto de expressão cultural de grande valia para o progresso social almejado por ela.

O caráter revolucionário de suas crenças tornou-a uma personalidade extremamente controversa durante seu período de atividade. Enquanto suas colegas sufragistas reivindicavam o direito ao voto, Gilman buscava uma reforma econômica que atendessem não somente aos homens, mas às mulheres dos Estados Unidos em igual instância. Também, sua vida pessoal desvalidava seu trabalho político e artístico, já que muitos a subestimavam por ser uma mulher avessa aos costumes femininos da época: além de divorciada, a escritora em questão sofria com a depressão, tinha relacionamentos amorosos com mulheres e não morava com sua filha.

Além de polêmica em vida, a autora ainda o é postumamente. Levando em consideração o pensamento contemporâneo no que tange aos estereótipos de gênero, o retrato feminino nos apresentando por Gilman é discutível em *Herland*, obra analisada neste trabalho, principalmente no que diz respeito à sexualidade, à reprodução e à maternidade. Embora esses assuntos sejam de extrema relevância, devemos visualizar a obra com o olhar de uma feminista da primeira onda do movimento, que buscava o sufrágio e melhores condições no matrimônio, reivindicações distintas das do feminismo contemporâneo.

Questionando o contexto sociocultural e econômico do entresséculos XIX e XX, Charlotte Perkins Gilman colocava em xeque nas suas obras, problemáticas que na contemporaneidade não foram sanadas. Em *Women and Economics*, a autora contesta a exclusão econômica feminina, hoje em dia, a quarta onda do movimento feminista ainda luta por condições financeiras favoráveis às mulheres; já no poema intitulado “She walketh veiled and sleeping”, Gilman põe em versos a força feminina adormecida pela sociedade patriarcal, na contemporaneidade, a autoestima feminina é um assunto debatido a passos lentos; a saúde mental feminina nos é apresentada pela autora com conhecimento de causa em *The Yellow Wallpaper*, no século XXI, tal tema é extremamente debatido; ademais, em sua autobiografia, Gilman indaga a respeito da criação dos filhos, serviço que, atualmente, ainda é cobrado

somente às mães; por fim, em poema intitulado “Boys will be boys”, a autora faz um paralelo entre os estereótipos de gênero masculino e feminino, tema muito debatido na contemporaneidade, período em que o machismo se põe em evidência a partir de grupos extremistas.

Em *Herland*, a escritora põe em discussão todos esses temas, adicionando a problemática da sexualidade e da reprodução, questionando, também, os padrões de beleza atribuídos às mulheres. No século XXI, a discussão no que tange a sexualidade caminha ao lado da liberdade de expressão: muito se questiona a respeito da linha tênue entre sexualidade e liberdade femininas, tema que está longe de chegar a uma resolução. Na era digital, as revistas de moda não influenciam os padrões de beleza como no período em que Gilman publicou sua obra, mas sim, as redes sociais que disseminam estéticas impossíveis de serem alcançadas.

Dessa maneira, *Herland*, pode ser considerada uma obra que retrata a maioria das reflexões da autora. O país matriarcal e socialista constituído por Charlotte Perkins Gilman na utopia em análise, soluciona as mazelas sociais enfrentadas pelo gênero feminino no início do século XX, e, concomitantemente, realiza o desejo pessoal de Gilman por uma sociedade evoluída para a excelência tanto cultural quanto física.

Utilizando dos olhares distintos acerca da feminilidade dos três personagens masculinos da obra, Gilman constrói uma sociedade em que as aparências e os padrões de gênero não se fazem latentes na cultura. Na Terra das Mulheres, o corpo não se constitui a partir da visão masculina, muito menos serve como objeto de dominação patriarcal, mas é utilizado única e exclusivamente pelas mulheres a serviço de um bem maior que se materializa na evolução de seu povoado e de suas filhas.

Apesar de seu viés inovador, o romance aborda alguns assuntos questionados por diversos críticos contemporâneos. As problemáticas quanto ao corpo na obra objeto deste estudo, consistem na eliminação da sexualidade de maneira geral da sociedade utópica da obra; no discurso antiabortista, tanto por parte masculina, quanto feminina; a eugenia e a romantização da maternidade.

Entretanto, é importante enfatizarmos a necessidade de termos um olhar histórico nesse quesito. A obra foi publicada no estopim de teorias psicanalíticas, que utilizavam a ciência como justificativa para a performance de sexualidade feminina e masculina, dessa forma, é natural que a autora pensasse da mesma maneira. Outrossim, a eugenia era uma escola de renome no início do século XX, e a noção do “anjo do lar”, o Culto à Domesticidade e a idealização da “mãe perfeita”, eram difundidos por toda a sociedade.

Como vimos, ao analisarmos o corpo na obra de Gilman, podemos notar muitos aspectos problemáticos comuns ao período em que *Herland* foi publicado. Portanto, é imprescindível que compreendamos tais agendas como características do entresséculos XIX e XX, que faziam sentido na época em questão. Tais particularidades não anulam, contudo, o caráter inovador da obra e os questionamentos narrados no romance, que ainda são pertinentes na contemporaneidade. Ou seja, criticarmos *Herland* com a lente do século XXI, em que as reivindicações sociais e femininas se distanciam por mais de 100 anos do romance, é ignorar todo o trabalho da escritora, incluindo a contribuição em vida que teve para o movimento sufragista americano.

Por fim, na “Era do cancelamento”, se faz necessário notarmos como tal comportamento de massa pode ser prejudicial quando não somos capazes de enxergar a partir de outro ponto de vista. Notamos com muita facilidade as problemáticas de *Herland* e de sua autora, mas é possível, também extrairmos reflexões significativas no trabalho de Gilman, tanto no que tange às mazelas do passado, quanto do presente.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. v. 1.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro-Editor, 1899.
- BBC NEWS BRASIL, **Quem eram as beguinhas, mulheres que viviam em comunidades sem homens na Idade Média**. BBC NEWS BRASIL, 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cer2krllk7go?utm_campaign=later-linkinbio-bbcbrazil&utm_content=later-33461166&utm_medium=social&utm_source=linkin.bio. Acesso em: 6 mar. 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BEYONCÉ; SIA; COLEMAN, Joshua. Pretty Hurts. *In*: BEYONCÉ. **Beyoncé**. [S. l.]: Columbia Records e Parkwood Entertainment, 2013. 1 CD. Faixa 1. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LXXQLa-5n5w&ab_channel=Beyonc%C3%A9VEVO. Acesso em: 6 abr. 2023.
- BIDEN, Joe. (POTUS). “Let me say this: I’ll continue to fight attacks on women’s health. The American people must also continue to use their vote as voice and elect a Congress that will restore the protections of Roe v Wade.”. 21 abr. 2023, 8:34 PM. Tweet.
- BOLICK, Kate. Introduction. *In*: KNIGHT, Denise D. **The yellow wall-paper, Herland and selected writings**. Penguin Classics, 2019. pos. 119-325.
- BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. *In*: JAGGAR, Alison. M.; BORDO, Susan. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1988. p. 19-41.
- BORDO, Susan. **Unbearable weight: feminism, western culture, and the body**. Berkeley, CA: University of California Press, 1993.
- BOWERS, Elinor. **Exploration of how Charlotte Perkins Gilman’s Herland is problematic as an feminist utopian novel**. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/15109819/Exploration_of_how_Charlotte_Perkins_Gilman_s_Herland_is_Problematic_as_a_Feminist_Utopian_Novel. Acesso em: 19 mar. 2023.
- BOWERS, Elinor. An exploration of femininity, masculinity, and racial prejudices in Herland. **American Journal of Economics and Sociology**, v. 77, n. 5, p.1313-1327, Nov. 2018.
- BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic subjects**. New York: Columbia University Press, 1994.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. As velhas também. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n.23, p. 13-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 13 set. 2022.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003

BUTLER, Judith. The end of sexual difference? *In*: BUTLER, Judith. **Undoing gender**. Nova Iorque: Routledge, 2004.

CASTANHO, Sérgio E. M. **A repressão das Beguinhas**. Campinas: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico, 2020. Disponível em: <https://ihggcampinas.org/2020/12/21/a-repressao-das-beguinhas/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

CHAUCER, Geoffrey. A Esposa de Bath. *In*: CHAUCER, Geoffrey. **Contos da Cantuária**. São Paulo: Penguin Companhia, 2013.

CLARKE, Sara Jane. **The intellectual woman**. Boston: Greenwood Leaves, 1850.

CNN BRASIL. **Suprema corte dos EUA suspende decisão que garantia direito ao aborto**. CNN BRASIL, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/suprema-corte-dos-eua-reverte-decisao-que-garantia-direito-ao-aborto/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CNN BRASIL. **Redes de farmácias nos EUA limitam compra de contraceptivos de emergência**. CNN BRASIL, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/redes-de-farmacias-nos-eua-limitam-compra-de-contraceptivos-de-emergencia/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CORBIN, Alain. O encontro dos corpos. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (ed.). Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. **História do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. V. 2 Da revolução à grande guerra.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

DAVIS, Cynthia. Love and economics: Charlotte Perkins Gilman on "The Woman Question". **ATQ: 19th century American literature and culture**, v. 19, n. 4, p. 243, Dec. 2005. Disponível em: link.gale.com/apps/doc/A140659678/LitRC?u=anon~832e6b4f&sid=googleScholar&xid=3783fd71. Acesso em: 1 jan. 2023.

DAVIS, Cynthia. **Charlotte Perkins Gilman: a biography**. Califórnia: Stanford University Press, 2010.

DAVIS, Cynthia; KNIGHT, Denise D. **Charlotte Perkins Gilman and her contemporaries: literary and intellectual contexts**. Tuscaloosa, Alabama: The University of Alabama Press, 2004.

DE LA ROCQUE, Lucia. O gênero da reprodução e a reprodução do gênero: *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman e *When it changed*, de Joanna Russ. *In*: SALGUEIRO, Maria Aparecida de Andrade (org.). **Feminismos, identidades, comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010. v. 8.

DE SIMONE, Deborah. Charlotte Perkins Gilman and the feminization of education. *In*: THE WOMEN in literature and life assembly of The National Council of Teachers of English. New York City: WILLA, p. 13-17. v. 4.

DWORKIN, Andrea. **Woman-Hating**. New York: Dutton, 1974.

ELBERT, Mokina. The sins of the mothers and Charlotte Perkins Gilman's Covert Alliance with Catharine Beecher. *In*: DAVIS, Cynthia J.; KNIGHT, Denise D. **Charlotte Perkins Gilman and her contemporaries: literary and intellectual contexts**. Tuscaloosa, Alabama: The University of Alabama Press, 2004. p. 103-126

ENGELMANN, Peter C. **A history of the Birth Control Movement in America**. Santa Barbara, CA: Praeger, 2011.

EVANS, Elizabeth Edson. **The abuse of maternity**. Philadelphia: J. B. Lippincott & CO, 1875.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, Sigmund. **Sobre as teorias sexuais das crianças**. Rio de Janeiro: ESB, Imago, vol. IX, 1976.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: ESB, Imago, vol. VII, 1989.

FREUD, Sigmund. **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. Rio de Janeiro: ESB, Imago, 1976. v. 19.

GALE, Zona. Foreword. *In*: GILMAN, **The living of Charlotte Perkins Gilman: an autobiography**. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991, p. 11-35.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Women and economics**. [S.l.]: Project Gutenberg, 2018.

GILMAN, Charlotte Perkins. **The Forerunner**. Nova Iorque: The Charlton Company, 1909-1916.

GILMAN, Charlotte Perkins. An extinct angel. *In*: ALEXANDER, Robert. **Spring Phantoms: prose by 19th Century British & American Authors**. Nova Iorque: White Pine Press, 2018. v. 22.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Man-made world, or our Androcentric culture**. [S.l.]: Project Gutenberg, 2002.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Herland: terra das mulheres**. São Paulo: Via Leitura, 2018.

GILMAN, Charlotte Perkins. **O papel de parede amarelo**. São Paulo: José Olympio, 2016.

GILMAN, Charlotte Perkins. **The living of Charlotte Perkins Gilman: an autobiography**. Nova Iorque: The Wisconsin University Press, 1991.

GILMAN, Charlotte Perkins. She walketh veiled and sleeping. *In*: GILMAN, Charlotte Perkins. **Suffrage songs and verses**. New York: The Charlton Company, 1911. p. 1

GILMAN, Charlotte Perkins. Coming. *In*: GILMAN, Charlotte Perkins. **Suffrage songs and verses**. New York: The Charlton Company, 1911. p. 3

GILMAN, Charlotte Perkins. Boys will be boys. *In*: GILMAN, Charlotte Perkins. **Suffrage songs and verses**. New York: The Charlton Company, 1911. p. 5

GOMES, Juliana. *In*: GILMAN, Charlotte Perkins. **Herland**: terra das mulheres. São Paulo: Via Leitura, 2018.

GOOD Housekeeping. Nova Iorque: Hearst Magazines, 1885.

HANSON, Clare. The maternal body. *In*: HILLMAN, David; MAUDE, Ulrika. **The Cambridge companion to the body in literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 87-100.

HAUSMAN, Berenice. Sex before gender: Charlotte Perkins Gilman and the evolutionary paradigm of utopia. **Feminist Studies**, v. 24, n. 3, p. 488-510, Autumn 1998.

HAWTHORNE, Nathanael. **A letra escarlate**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011.

HEINZELMANN, Fernanda L.; ROMANI, Patrícia F.; LESSA, Adriana; STREY, Marlene N.; SALDANHA Marília. A tirania da moda sobre o corpo: submissão versus subversão feminina. **Revista Subjetividades**, v. 14, n. 2, p. 297-305, 2014.

HELIOTRICITY. **Matriarchal societies**. [S.l.]: Heliotricity, 2018. Disponível em: <https://www.heliotricity.com/matriarchal-societies/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

HÉRODOTE. Sobre a geografia. Entrevista. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, [20--]. p. 153-165.

IRIGARAY, Luce. **This sex which is not one**. New York: Cornell University Press, 1985.

Ladies' Home Journal. Filadélfia: Meredith Corporation, 1883 -2016.

LOBATO, Monteiro. **Sítio do Picapau Amarelo**: reinações de Narizinho. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LOURENÇO, Frederico Ricardo de Ribeiro e. **Poder e norma**: Michel Foucault e a aplicação do Direito. Porto Alegre: Núria Fabris Ed., 2009

LLOYD, Genevieve. **The man of reason**: "Male" and "Female" in Western Philosophy. Minnesota: University of Minnesota Press, 1989.

LONG, Lisa A. Charlotte Perkins Gilman's with her in ourland: Herland meets heterodoxy. *In*: DAVIS, Cynthia J.; KNIGHT, Denise D. **Charlotte Perkins Gilman and her contemporaries**: literary and intellectual contexts. Tuscaloosa, Alabama: The University of Alabama Press, 2004. p. 171-193.

MACHADO, Roberto. *In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013.*

MARQUES, Lícia Carvalho. **Novas elaborações psicanalíticas sobre a sexualidade feminina a partir do declínio da lógica fálico edípica**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.

MATTHAEI, Julie. Unpaid Household Workers. *In: MANKILLER, Wilma; MINK, Gwendolyn; NAVARRO, Marysa; SMITH, Barbara; STEINEM, Gloria. **The reader's companion to U.S. women's history**. Chicago: HarperOne. 1999. p. 263-266.*

McCall 's. Nova Iorque: McCall Corporation, 1873-2002.

MORE, Thomas. **Utopia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

MOYNIHAN, Mary M. “All Is Not Sexuality That Looks It”: Charlotte Perkins Gilman and Karen Horney on Freudian Psychoanalysis. *In: DAVIS, Cynthia J.; KNIGHT, Denise D. **Charlotte Perkins Gilman and her contemporaries: literary and intellectual contexts**. Tuscaloosa, Alabama: The University of Alabama Press, 2004. p. 194-218.*

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema.. *In: MAST, Gerald. **Film theory and criticism: introductory readings**. Eds. Leo Braudy and Marshall Cohen. New York: Oxford UP, 1999. p. 833-44.*

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na Psicologia Social**. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PIZAN, Christine de. **A cidade das damas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

PLATÃO. **A República**. Belém: EDUFPA, 2000.

PORETE, Marguerite. **Espelho das almas simples**. Petrópolis: Vozes, 2022.

RYAN, Mary P. Reproduction in American History. **The Journal of Interdisciplinary History**, v. 10, n. 2, p. 319-332, Autumn 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Graphium Editora, 2011.

SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Macbeth**. Florianópolis: Editora UFSC, 2016.

SHAKESPEARE, William. **A megera domada**. São Paulo: SIEDUC, 2021.

SOHN, Annie-Mary. O corpo sexuado. *In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (ed.). Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. **História do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. V. 3 As mutações do olhar.*

STREY, Marlene Neves. Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 13, p.148-154, dez. 2000.

THOMPSON, Lauren MacIvor. **Mother's friend: birth control in nineteenth-century America**. Maryland: National Museum of Civil War Medicine, 2017. Disponível em: https://www.civilwarmed.org/birth-control/#_ftn6. Acesso em: 7 jan. 2023.

TULHER, Julia Vieira. A quebra de paradigmas do gênero feminino em Herland. *In:* JORDÃO, Adriana; PINHO, Davi; MONTEIRO, Maria da Conceição (org.). **PPGL/UERJ Escritos discentes em literaturas de língua Inglesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021. v. 14, p. 145-153.

VIVES, Juan Luis. On the Chastity and Moral Rectitude of a Widow *In:* VIVES, Juan Luis. **The education of a christian woman**: a sixteenth-century manual. Londres: The University of Chicago Press, 2000. p. 311-315.

WELTER, Barbara. The Cult of True Womanhood: 1820-1860. **American Quarterly**, v. 18, n. 2, Part 1, p. 151-174, Summer 1966.

WEXLER, Laura. All men and women are created equal. *In:* MARCUS, Greil; SOLLORS, Werner (ed.). **A new literary history of America**. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press of Harvard University Press, 2009. p. 349-353.

WITHYCOMBE, Shannon, K. **Women and reproduction in the United States during the 19th Century**. Oxford : Oxford Research Encyclopedia, American History, 2019.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres. *In:* WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.